

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
NÍVEL DE DOUTORADO**

ANTÔNIO P. PONTES FILHO

**NA MARGEM DA VIDA:
A EXPERIÊNCIA DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA DEPOIS DO
CONCÍLIO VATICANO II**

São Leopoldo – RS

2015

ANTÔNIO P. PONTES FILHO

NA MARGEM DA VIDA:
A EXPERIÊNCIA DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA DEPOIS DO
CONCÍLIO VATICANO II

Tese apresentada como requisito para a obtenção
título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação
em Ciências Sociais da Universidade do Vale do
Rio dos Sinos.

Orientador: Prof. Dr. José Ivo Follmann.

São Leopoldo – RS

2015

P814n

Pontes Filho, Antônio P.

Na margem da vida: a experiência da vida religiosa consagrada depois do Concílio Vaticano II / Antônio P. Pontes Filho. – 2015.

176 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2015.

“Orientador: Prof. Dr. José Ivo Follmann.”

1. Concílio Vaticano (1. : 1869-1870). 2. Concílio Vaticano (2. : 1962-1965). 3. Igreja Católica. 4. Catolicismo. 5. Vida cristã. 6. Religião. I. Título.

CDU 3

ANTÔNIO P. PONTES FILHO

**NA MARGEM DA VIDA:
A EXPERIÊNCIA DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA DEPOIS DO
CONCÍLIO VATICANO II**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais e aprovada em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais – nível de doutorado, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

COMISSÃO EXAMINADORA

Dr. José Ivo Follmann (UNISINOS)
Orientador

Dr. José Odelso Schneider (UNISINOS)

Dra. Lori Altmann (UFPEL)

Dr. Oneide Bobsin (EST)

Dra. Miriam Steffen Vieira (UNISINOS)

São Leopoldo, 2015.

+pax!

Este trabalho, dedico a:

minha esposa, Thaís,
meu filho primogênito, Thomaz,
meu filho do meio, Victor
e meu filho caçula, Samuel.

Ao meu pai, Antônio,
minha mãe, Maria,
meus irmãos, Æo e China
e a todos os religiosos e religiosas.

AGRADECIMENTOS

Agora, com o trabalho concluído, quero expressar meus agradecimentos e gratidão pelas ajudas que recebi ao longo destes anos, sem as quais o caminho percorrido seria penoso e solitário.

Começo agradecendo à CAPES pela bolsa de estudo neste período todo, o que contribuiu no custeio dos meus afazeres de estudos: aquisição de livros e materiais, viagens de pesquisa, etc. Agradeço à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE pela minha liberação para poder cursar o doutorado.

Também agradeço à UNISINOS, à Província dos Jesuítas do Brasil Meridional e à Companhia de Jesus, que a mantêm e dão a ela a catolicidade e o modo de ser católica. Pelo excelente trabalho que faz a favor da formação das pessoas, o que é expresso na beleza do seu *campus* de São Leopoldo e materializada em sua biblioteca local.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela boa formação recebida e a oportunidade de tantos eventos. Aos professores, em especial, aos professores José Rogério Lopes, Carlos Alfredo Gadea Castro e Eduardo Portanova Barros, com quais muito aprendi, ajudando a minimizar as dificuldades da aprendizagem.

Ao fraterno amigo Fábio Lopes Alves, “grande antropólogo”, e a todos os meus amigos, pela calorosa amizade que faz com que a vida fique feliz e divertida.

E, finalmente, ao meu orientador, Prof. Dr. Pe. José Ivo Follmann, sj, que me orientou de modo tranquilo e com uma paciência beneditina, dando a mim a chance de que meus estudos, pesquisa e escrita da tese fossem vividos dentro do tempo que me foi necessário para aprender.

“Nunca se escreveu um livro que explicasse satisfatoriamente por que alguém fez alguma coisa.”

Ortega y Gasset

PONTES FILHO, A. P. **Na margem da vida:** a experiência da vida religiosa consagrada depois do Concílio Vaticano II. 2015. 177f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, RS.

RESUMO

O presente estudo expõe a condição em que se encontra, na contemporaneidade, um dos estados da vida cristã católica: a vida religiosa consagrada. Tal exposição se dá tanto pelo lado da vida das pessoas que se fazem religiosas ao entrarem em uma determinada congregação, quanto pelo lado das instituições religiosas que as acolhem, partindo do encontro de projetos de vida traçados por indivíduos e ordens religiosas. Estes projetos de vida religiosa, os quais se fundem em um único projeto comunitário, se estabelecem a partir da abertura de ambas as partes em serem recíprocos mutuamente, permitindo o arranjo e rearranjo para a construção de um projeto comum a todos os envolvidos, ao longo da efemeridade da vida das pessoas e a quase perenidade das instituições. Como marco temporal do estudo, estabeleceu-se o Concílio Vaticano II (1962-1965) até o presente momento. Contudo, para maior clareza, fez-se uma pequena regressão temporal até o Concílio Vaticano I (1869-1870) e os episódios eclesiais e seculares mais significativos do período, pano de fundo sobre o qual se construiu o Vaticano II e a vida religiosa consagrada posterior, com suas transformações significativas: términos, abandonos, novas ordens, reformas, diminuição no número dos religiosos e etc.

Palavras-chave: Vida Consagrada; Catolicismo; Religião; Igreja.

PONTES FILHO, A. P. **Na margem da vida:** a experiência da vida religiosa consagrada depois do Concílio Vaticano II. 2015. 177 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, RS.

RESUMEN

Este estudio expone la condición en que se encuentra, en la actualidad, uno de los estados de la vida católica cristiana: la vida religiosa consagrada. Dicha exposición se lleva a cabo tanto en las vidas de las personas que se hacen religiosas cuando entran en una congregación en particular, y por el lado de las instituciones religiosas que les acogen, a partir del encuentro de los proyectos de vida descritos por los individuos y las órdenes religiosas. Estos proyectos de la vida religiosa, que se funden en un solo proyecto de la comunidad, se establecen a partir de la apertura de ambas partes mutuamente recíproca, lo que permite la disposición y reordenamiento para la construcción de un proyecto común para todos los involucrados, a lo largo la fugacidad de la vida de las personas y casi la continuidad de las instituciones. Como marco temporal del estudio, se estableció el Concilio Vaticano II (1962-1965) hasta la fecha. Sin embargo, para mayor claridad, había una pequeña regresión temporal con el Concilio Vaticano I (1869-1870) y episodios eclesiales y seculares más importantes de la Iglesia de la época, el fondo sobre el que se construyó el Concilio Vaticano II y la vida consagrada religiosa más tarde, con sus transformaciones significativas: las terminaciones, abandonos, los nuevos órdenes, reformas, disminución del número de religiosos y etc.

Palabras claves: Vida Consagrada; Catolicismo; Religión; Iglesia.

PONTES FILHO, A. P. **Na margem da vida:** a experiência da vida religiosa consagrada depois do Concílio Vaticano II. 2015. 177 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, RS.

ABSTRACT

This study sets forth the condition as it is constituted, at the contemporary times, one of the states of the Catholic Christian life: the consecrated religious life. Such exposure happens both from the side of people who become religious people by taking part of a specific congregation and the side of the religious institutions that receive them, starting from the combination of life projects traced by individuals and religious orders. These religious life projects, the ones that merge into an only community project, take root from the openness of both parts in being mutually reciprocal, making possible the arrangement and rearrangement to the construction of a common project to all the people involved, along the people's lives ephemerality and the institution continuity. As a time frame for the study, it was established the Second Vatican Council (1962-1965) until this point in time. However, for greater clarity, it was taken a slight return in time until the First Vatican Council (1869-1870) and the the most meaningful ecclesiastic and secular happenings of the period, which were the background where the Second Vatican Council was created as well as the posterior consecrated religious life, with its meaningful changings: endings, abandonments, new orders, reformations, the decrease of the number of religious people, etc.

KEYWORDS: Consecrated life; Catholicism; Religion; Church.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CARA	Center for Applied Research in the Apostolate
CBRR	Conferencia Boliviana de Religiosas e Religiosos
CMF	Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria ou Claretianos
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CRB	Conferência dos Religiosos do Brasil
CSSR	Congregação do Santíssimo Redentor ou Missionários Redentoristas
CV I	Concílio Vaticano I
CV II	Concílio Vaticano II
D.	Dom
ECARM	Eremitas da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo
EP	Arautos do Evangelho
FFI	Frades Franciscanos da Imaculada
FMM	Congregação dos Frades Menores Missionários
Fr.	Frei/Freira
FSC	Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs Fratrum Scholarum Christianorum
FSP	Filhas de São Paulos ou Irmãs Paulinas
FSSPX	Fraternidade Sacerdotal São Pio X
IBP	Instituto do Bom Pastor
ILAMIS	Instituto Latinoamericano de Misionologia
Ir.	Irmão ou irmã
MC	Congregação Irmãos e Irmãs Missionárias da Caridade
MSCS	Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo ou Scalabrinina
NDS	Congregação de Nossa Senhora de Sion
OAD	Ordem Agostiniana Descalça
OCAP.	Ordem dos Capuchinhos
OCARM.	Ordem Carmelita
OCD	Ordem Carmelita Descalça
OCSO	Ordem Cisterciense de Estrita Observância
OFM	Ordem dos Frades Menores ou Franciscanos

OFMCAP.	Ordem dos Frades Menores Capuchinhos ou Franciscanos capuchinhos
OFMCONV.	Ordem dos Frades Menores Conventuais ou Franciscanos conventuais
OP	Ordem dos Pregadores ou Dominicanos
OSA	Ordem de Santo Agostinho ou Agostinianos
OSB	Ordem de São Bento ou Beneditinos
OSB Cam	Beneditinos Camaldulenses
OSC	Ordem de Santa Clara
Pe.	Padre
Pp.	Papa
SAC	Palotinos (Sociedade do Apostolado Católico)
SDB	Salesianos de Dom Bosco (Pia Sociedade de São Francisco de Sales)
SCRIS	Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares
SJ	Companhia de Jesus ou jesuítas
TOR	Terceira Ordem Regularde São Francisco de Assis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

SER RELIGIOSO CONSAGRADO HOJE NO MUNDO:

um estado de vida cristã.....	16
I. Abertura	16
II. Do objeto que me propus estudar e apresentar	17
III. A respeito da vida religiosa consagrada cristã ou não.....	20
IV. Da chegada ao objeto e a minha permanência nele.....	32
V. Mais a frente	42
VI. Questões de métodos e metodologias	47
VII. Terminando, por ora	50

CAPÍTULO I

DO CONCÍLIO VATICANO I

À ABERTURA DO CONCÍLIO VATICANO II – (1869-1961)	54
I. Pré-abertura	54
II. O Concílio Vaticano I	59
III. Ciência e Filosofia Modernas	61
IV. Monarquias, repúblicas, meio rural e cidades.....	63
V. Revolução industrial e trabalhadores urbanos	65
VI. Novas matrizes religiosas	66
VII. De Leão a João	69
VIII. Ordens religiosas modernas e na modernidade.....	70

CAPÍTULO II

DO CONCÍLIO VATICANO II E DO PÓS-CONCÍLIO:

modernistas x tradicionalistas x reforma da reforma.....	77
I. Atualizar-se para o mundo	77
II. Do campo disputado	82
III. Um evento histórico.....	87
IV. Cultura, artes, política e sociedade	90
V. Participação durante e após, das ordens e congregações	92

VI. E a vida seguiu em frente.....	98
VII. Anotações sobre os papas de após o Vaticano II.....	100

CAPÍTULO III

AS ORDENS NA CONTEMPORANEIDADE:

progresso, reforma e tradição.	103
I. Abri, Senhor, os meus lábios	103
II. Como a vida religiosa seguiu adiante.....	107
III. Problemas atuais do mundo para a Igreja.....	115
IV. As imagens deles, no olhar deles, para eles e para nós.....	117
V. Filmes sobre a vida religiosa consagrada.....	120

CONSIDERAÇÕES FINAIS

AINDA HÁ MUITOS SERES HUMANOS QUE CAMINHAM DIANTE DOS OLHOS DO SENHOR	139
--	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	149
ANEXO I.....	163
ANEXO II	167
ANEXO III	173

SER RELIGIOSO CONSAGRADO HOJE NO MUNDO:
um estado de vida cristã

E

screvemos esta Regra para demonstrar que os que a observamos nos mosteiros, temos alguma honestidade de costumes ou algum início de vida monástica. Além disso, para aquele que se apressa para a perfeição da vida monástica, há as doutrinas dos Santos Padres, cuja observância conduz o homem ao cume da

perfeição. Que página, com efeito, ou que palavra de autoridade divina no Antigo e no Novo Testamento não é uma norma retíssima da vida humana? Ou, que livros dos Santos Padres Católicos ressoam outra coisa senão o que nos faça chegar, por caminho direto, ao nosso Criador? E também as Colações dos Padres, as Instituições e suas Vidas, e também a Regra de nosso santo Pai Basílio, que outra coisa são senão instrumentos das virtudes dos monges que vivem bem e são obedientes? Mas, para nós, relaxados, que vivemos mal e somos negligentes, são o rubor da confusão. Tu, pois, quem quer que sejas, que te apressas para a pátria celeste, realiza com o auxílio de Cristo esta mínima Regra de iniciação aqui escrita e, então, por fim, chegarás, com a proteção de Deus, aos maiores cumes da doutrina e das virtudes de que falamos acima. Amém.

Regra de São Bento

CAPÍTULO 73- De que nem toda a observância da justiça se acha estabelecida nesta Regra

SER RELIGIOSO CONSAGRADO HOJE NO MUNDO: um estado de vida cristã

I. Abertura

Há vários modos de uma pessoa viver¹ no mundo, deixar sua marca pelos lugares que frequentou, nas distintas épocas de sua vida, nos encontros e desencontros com as outras pessoas. Senão em todas e em tudo, ao menos para as pessoas que lhe são mais próximas. Mas há, particularmente, como cada indivíduo dotar de sentido para si a sua própria existência e dar-se conhecer aos outros. Para alguns indivíduos, aparentemente, isto é mais fácil, já que o seu entorno, o seu meio social, os ajuda. Para outros, nem tanto, ou mesmo, fica longe disso.

Uma das possibilidades a ser dada aos indivíduos, entre os quase infinitos arranjos sociais possíveis, já há milênios e em praticamente, quase todos os lugares, é de eles aderirem à fé cristã e de entrarem na Igreja Católica Apostólica romana.

Para o cristão, homens e mulheres, além de seu credo singular, ou seja, o rol de verdades primeiras e últimas para orientar a sua vida², sua Igreja ensina vários modos de ser no mundo, a partir do seu pertencimento à Igreja. Entre os vários arranjos de vida cristã, existem: ser leigo, ser sacerdote e ser religioso.

Neste estudo, busquei entender e agora apresentar, especificamente, o estado de vida cristã (von BALTHASAR, 1994) constituído pela vida religiosa consagrada, vivida por religiosos nas várias ordens, congregações e institutos de vida que existem na Igreja.

De forma transversal, falarei³ dos outros dois estados de vida católicos: leigo e ordenado (sacerdotal), bem como falarei do modo de vida não-católico e não-cristão. Como uma pequena ressalva⁴, pode-se, de fato, pensar e dizer que há apenas cristãos ordenados e

¹ A noção de viver, como a exponho aqui, é paralela do conceito de experiência, quando ela é entendida como a participação pessoal do indivíduo em situações repetíveis, as quais ao se propagarem ao longo do tempo e no mesmo grupo social, se institucionalizam, gerando, desta forma, padrões sócio-culturais para as pessoas. E é neste sentido que falo da experiência religiosa católica, marcada por uma temporalidade que lhe dá os limites. Para maior e melhor discussão a respeito do conceito de experiência remeto a leitura de Nicola Abbagnano (1992), particularmente na primeira acepção dada a ela.

² Estas formas de conduta e moral estão sintetizados em documentos como os catecismos: CIC (1993), Catecismo Maior de S. Pio X (2004), Código de Direito Canônico (1983), além dos milhares de documentos dos papas e dos bispos.

³ Ou servirá para quem o queira contrastar com os outros modos de vida cristã.

⁴ Pensando num leitor não familiarizado com o catolicismo é que explicitarei e/ou farei muitas notas de rodapé, independentemente de alguma outra necessidade de cunho mais acadêmico de construção do texto. Adotar tal medida de minha parte reflete as repetidas solicitações de esclarecimento que recebi dos muitos leitores que garimpei ao longo do desenvolvimento da tese, alguns católicos e outros não, aos quais pedi para lerem o que ia escrevendo, como também de vários dos meus interlocutores: padres, religiosos e leigos que de igual maneira se expressaram. Estes todos me dirigiram perguntas sobre diversos pontos do modo de ser católico, de sua doutrina, de seus ritos, de sua hierarquia e poder, etc., mostrando-me que todos aqueles conceitos, categorias e noções,

cristãos não ordenados. Os cristãos ordenados são todos os homens, e apenas estes, que receberam o sacramento da ordem e, portanto, vivem em algum dos três graus deste sacramento: diaconal, presbiteral e episcopal. Os sacramentos cristãos marcam a vida dos cristãos, sendo que alguns imprimem nos indivíduos a alteração de seu status social, como o casamento e a ordenação. Já os cristãos não ordenados são todos os demais. Daí que haver religiosos irmãos (leigos) e religiosos sacerdotes; as religiosas são sempre irmãs (leigas).

II. Do objeto que me propus estudar e apresentar

Neste estudo, propus-me, como recorte temporal, a expor a vida religiosa consagrada, olhando-a a partir do marco histórico do Concílio Vaticano II (11-10-1962 a 07-12-1965) até o presente momento.

Assim, para a tarefa de compreensão da vida religiosa consagrada na atualidade, a qual me propus, nada melhor do que eu partir do principal texto elaborado a respeito do modo de ser e do que a Igreja esperava a partir daquele momento histórico dos seus filhos e filhas que se fizeram religiosos e daqueles que o viriam a ser: o Decreto *PERFECTAE CARITATIS*⁵ (VIER, 2006), sobre a conveniente renovação da vida religiosa, de 1965, fruto daquela reunião dos principais líderes da Igreja: papa, cardeais, bispos e presbíteros peritos.

Este documento inicia dizendo:

Natureza da Vida Religiosa

1. O sagrado Concílio já mostrou, na Constituição que começa pelas palavras «*Lumen gentium*», que a consecução da caridade perfeita por meio dos conselhos evangélicos tem a sua origem na doutrina e nos exemplos do divino mestre e brilha como um sinal luminoso do reino dos céus. Agora, porém, propõe-se tratar da disciplina e vida dos Institutos, cujos membros professam castidade, pobreza e obediência, e prover às necessidades dos mesmos, conforme sugerem os nossos tempos.

Logo, desde os princípios da Igreja, houve homens e mulheres que, pela prática dos conselhos evangélicos, procuraram seguir Cristo com maior liberdade e imitá-lo mais de perto, consagrando, cada um a seu modo, a própria vida a Deus. Muitos deles, movidos pelo Espírito Santo, levaram vida solitária, ou fundaram famílias religiosas, que depois a Igreja de boa vontade acolheu e aprovou com a sua autoridade. Daqui proveio, por

osquais me eram familiares, passavam despercebidos por eles, que não tinham o menor sentido para eles. De tal modo, obriguei-me a cuidar mais de como procedia em todo o processo de pesquisa: primeiro de, pelo próprio texto, familiarizá-los com as idiosincrasias do catolicismo; segundo, acender para mim mesmo o sinal de alerta, para ampliar e acentuar o estranhamento que eu deveria pôr no meu olhar sobre a vida religiosa consagrada, tão conhecida por mim, e ao, mesmo tempo, em me familiarizar mais com os questionamentos daqueles de fora do meu tema de estudos. Espero ter atendido aqui, minimamente, a curiosidade que despertei neles.

⁵ No site do Vaticano: www.vatican.va, encontram-se todos os textos relativos ao Concílio Vaticano II, os escritos pelos últimos sete papas (Pio XII, João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II, Bento XVI, Francisco), bem como alguns dos papas anteriores, a começar por Leão XIII, Pio X, Bento XV, Pio XI, além de outras publicações.

desígnio de Deus, uma variedade admirável de famílias religiosas que muito contribui para que a Igreja não só esteja preparada para toda a obra boa (cfr. 2 Tim. 3,17) e para o ministério da edificação do corpo de Cristo (cfr. Ef. 4,12), mas, ainda, aformoseada com a variedade dos dons dos seus filhos, apresente-se como esposa ornada ao seu esposo (cfr. Apoc. 21,2) e por ela brilhe a multiforme sabedoria de Deus (cfr. Ef. 3,10).⁶

Com estas palavras, o Papa Paulo VI⁷, em nome de todos os bispos católicos do mundo, inicia o Decreto Perfeita Caridade, o qual foi elaborado naquele que era o XXI Concílio Ecumênico (VIER, 1984; Mattei, 2013) e, até o momento, último concílio, feito pela Igreja Católica Apostólica Romana.

Pelo que está escrito, ficamos sabendo que a própria Igreja reconhece que:

1. a vida religiosa consagrada é tão antiga quanto a própria Igreja e assim, está mais que institucionalizada na vida dos cristãos. E isto, apesar das várias tensões vividas desde os primórdios até hoje em dia, entre os religiosos (de antanho e contemporâneos) e os dois outros estados de vida cristã.

2. que os cristãos, homens e mulheres, movidos pelo Espírito Santo (Deus)⁸, por si mesmos praticaram o que entenderam do que ouviram de outros e/ou leram por si mesmos (pouquíssimos⁹) dos conselhos evangélicos e, com isso, alguns deles criaram modos de vida singulares, com relação às outras experiências religiosas existentes.

3. que isto, de certo modo, se iniciou e ocorreu à revelia da Igreja que, mais tarde, referendou alguns modos de vida e outros não¹⁰.

⁶ Conferir, como dito acima, o site do Vaticano, onde este e todos os demais textos conciliares podem ser encontrados.

(http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html)

⁷ Cujo pontificado foi de 21.06.1963 a 06.08.1978.

⁸ Recordando que, para os cristãos, Deus é uno e trino, ou seja, os cristãos professam que Ele se deu a conhecer aos homens em cada uma de suas diferentes pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, as quais compõem o que eles denominam por Santíssima Trindade, que é definida como a comunhão plena de amor entre eles. Para aqueles que quiserem conhecer melhor esta realidade teológica cristã, fundamental na cosmogonia cristã, aos interessados indico o Catecismo da Igreja Católica (1993), o Catecismo Maior de São Pio X (2004) e as três encíclicas escritas pelo Pp. Bento XVI: *Deus caritas est* (datada de 25 de dezembro de 2005); *Spe salvi* (de 30 de novembro de 2007); e *Caritas in veritate* (29 de junho de 2009). Obviamente, há uma vastíssima bibliografia que pode ser consultada, afora indagar àqueles que são os principais gestores do cristianismo: diáconos, padres e bispos.

⁹ Tendo em mente que a escrita e a leitura por um maior número de pessoas, fossem homens ou mulheres, só se dariam a partir da alta Idade Média, com a criação de diversas universidades, além do vasto número de mosteiros e conventos existentes. Com a criação e desenvolvimento da tipografia mecânica, no século XV, na baixa Idade Média, aumentou, grandemente, o número de escritores, leitores e textos.

¹⁰ Como demonstra V. Turner (1974), antes de se institucionalizar, tornar-se uma estrutura num arranjo de outras estruturas, como no caso da Igreja, as pessoas se reúnem pelos motivos que têm, quais sejam estes, formando o que ele denominou de *communitas*, que é o arranjo mais generoso, direto e recíproco entre as pessoas envolvidas. Assim, as comunidades religiosas que foram surgindo ao longo dos anos não foram, necessariamente, atos de rebeldia ou revolta contra o *status quo* vigente, mas, modos de ser diferentes buscados pelos fundadores, os quais, majoritariamente, eram jovens: Bento de Nursia, Francisco de Assis, Clara de Assis, João da Cruz,

4. Ao fazer isto, a Igreja exerceu, politicamente, sua autoridade para incluir, determinar e liberar certos modos de ser religioso cristão, e condenar a outros modos¹¹.

Ao término do referido texto, é exposta a vida religiosa consagrada católica, de modo amplo, sendo destacada sua definição, seu papel dentro da salvação cristã individual e do mundo, o que nela deve ser mantido e a proposta de que ser faça sua renovação e abrir-se para o mundo moderno, “mostrar-se mãe amorosa... com os filhos dela separados” e mantendo-se fiel à sua “doutrina fundamental” (VIER, 1984).

Na última parte deste mesmo Decreto, está escrito:

Conclusão: Correspondência dos Institutos à graça da vocação

25. Os Institutos, para os quais se dão estas normas de adaptação e renovação, correspondam de ânimo generoso à sua divina vocação e à sua missão nos actuais tempos da Igreja. Este sagrado Concílio estima muito o seu género de vida, feita de virgindade, pobreza e obediência, de que o próprio Cristo Senhor nosso foi exemplo, e deposita uma firme esperança no seu tão fecundo trabalho escondido e manifesto. Todos os religiosos, portanto, difundam no mundo inteiro a boa nova de Cristo, pela integridade da sua fé, caridade para com Deus e para com o próximo, amor à cruz e esperança da glória futura, a fim de que o seu testemunho seja visível a todos e glorificado o nosso Pai que está nos céus (cfr. Mt. 5,16). Assim, por intercessão da dulcíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, «cuja vida é para todos ensinamento» (S. Ambrósio, *De Virginitate*, L. II, c. II, n. 15.), receberão cada dia maior incremento e clarão frutos mais abundantes.

Vaticano, 28 de Outubro de 1965.

PAPA PAULO VI”.¹²

Desta forma, de igual modo, ficamos sabendo que:

1. a partir daquela data, aos institutos de vida consagrada, às ordens e às congregações, era solicitado que os mesmos se adaptassem e renovassem seus modos de ser, naquilo que lhes era supérfluo;

2. que cada ordem, congregação, família religiosa, possui uma vocação¹³ singular, querida por Deus, portanto, única e distinta de todas as demais vocações religiosas existentes. Ou seja, todas as ordens são cristãs, são católicas, por mais estranho que possa parecer num primeiro olhar, posto que, ao cumprirem sua vocação aceita pela Igreja, mantêm com esta o

Teresinha de Jesus, entre outros. Podemos ter para nós que aquelas ordens, que na passagem dos estágios de *communitas* para o de estrutura, o fizeram de modo contestador ou desta maneira vistos, ao invés de serem integradas ao conjunto da Igreja, por ela foram expelidas.

¹¹ Como o ocorrido com o movimento dos cátaros ou albigenses, no século XII-XIII, os quais foram excluídos da Igreja como hereges, sendo combatidos intensamente pelos freis dominicanos, cuja ordem era um movimento religioso (integrado à Igreja) contemporâneo àquele.

¹² Cf. http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html.

¹³ Vocação é uma categoria nativa, que remete ao chamado de Deus feito a um indivíduo ou vários. Aqui a vocação estaria em paralelo com a noção das Ciências Sociais, de função e/ou papel social.

vínculo de unidade e professam o mesmo credo tendo, porém, a liberdade de viverem seu *ethos*, estruturas e sinais diacríticos de “virgindade, pobreza e obediência” singulares, e estes lhes configuram o pertencimento e a identidade próprios;

3. cada uma delas tem uma missão (seu projeto de existência), o que quer dizer trabalhar, agir no mundo atual e para o mundo, com a experiência católica da vida ordinária, cotidiana, específica aos membros de cada uma das ordens existentes¹⁴;

4. as ordens e congregações são estimadas pela Igreja, ou seja, a Igreja não quer ser apenas a comunidade dos dois outros estados de vida cristã, os leigos e os sacerdotes, nem a eles se reduzindo. Os religiosos eremitas ou cenobitas; de clausura ou imersos no mundo, têm a mesma legitimidade e liberdade de ser, para a Igreja, que os leigos e os ministros ordenados;

5. cada qual, particularmente, em correspondência a sua vocação renovada (por palavras e ações), evangelize. Ou seja, anuncie Jesus Cristo ao seu modo singular, em correspondência a sua espiritualidade própria, para as pessoas que encontrarem.

III. A respeito da vida religiosa consagrada cristã ou não.

Vale lembrarmos que a experiência que os indivíduos fazem da consagração religiosa existe em outras igrejas (religiões ou tradições)¹⁵ cristãs, além da Igreja Católica Apostólica Romana. Por exemplo: nas diversas Igrejas Católicas Apostólicas Ortodoxas; na Igreja Episcopal Anglicana; Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; Igreja Católica Apostólica Brasileira; Igreja Católica Heterodoxa Brasileira¹⁶; Comunidade Ecumênica de Taizé¹⁷; entre outras.

¹⁴ Claro que poderíamos apontar para as idiossincrasias existentes dentro de uma mesma ordem, presente em cidades e países diferentes. Exemplifico isto com o uso do hábito, mas poderia utilizar outros sinais diacríticos quaisquer: o uso ou não do hábito, como entre os freis capuchinhos da província de Santa Catarina e Paraná; o uso do hábito religioso mais claro ou escuro, como o fazem os freis franciscanos conventuais no Brasil (cor cinza) e os seus confrades na Europa (preto); dos monges do passado e do presente, com os hábitos dos monges beneditinos contemporâneos e de um século atrás. Particularmente, neste último aspecto, posto ser o mote da orientação do Concílio para que as ordens viessem a se renovar frente ao mundo moderno; que mudassem aspectos de suas vidas que julgassem supérfluos para suas vidas.

¹⁵ A esse respeito, de novas categorias para designar as comunidades dos crentes e crenças similares, deve-se ter em mente as escolhas teórico-metodológicas feitas pelos autores que as empregam, o desenvolvimento interno das escolas teóricas existentes, bem como o surgimento de novas escolas (GAETA, GENTILE E LUCERO: 2007; GIDDENS e TURNER: 1999). Optei por deixar em aberto a categoria, uma vez que as três indicadas satisfazem a compreensão do que digo.

¹⁶ Aqui reitero meus agradecimentos ao Irmão Paulo da Santa Face, religioso fundador da ICHB, que, com toda a hospitalidade cristã, me recebeu e que compartilhou comigo sua história e conhecimento, mantendo uma longa correspondência, me permitindo ficar a par da experiência religiosa singular que fazia.

¹⁷ Aqui ressaltando a especificidade deste modo de vida religiosa consagrada surgida no meio de protestantes clássicos, que foi Taizé, fundada pelo irmão Roger, em 1940. A Comunidade Ecumênica de Taizé não se constitui realmente numa igreja ou tradição, antes sendo uma experiência protestante da vida consagrada, pois os irmãos e irmãs professam votos ao entrarem na comunidade, estando a comunidade aberta a receber de boa

Igualmente, em outras religiões, cujas matrizes não são cristãs, a experiência da vida religiosa consagrada existe (BROWKER, 1997; HITCHCOCK, 2005; WILGES, 2003), como por exemplo:

- I. nas várias igrejas (ou tradições) budistas: zen-budismo, budismo tibetano, etc (USARSKI, 2009);
- II. nas várias igrejas (ou tradições) mulçumanas: dervixe, sufi, sunita, xiita, etc (GEERTZ, 2004);
- III. nas várias igrejas (ou tradições) hinduístas: hindu, Krishna (DUMONT, 1992; GUERREIRO, 1979; WEBER, 2002, 2006);
- IV. nas igrejas (ou tradições) dos cultos afro-brasileiros: (NEGRÃO, 1995; SILVA, 2005); etc.

Figura 1: Freis Agostinianos Recoletos, OAR. Brasil, 2013.



Fonte: <https://www.facebook.com/promocaovocacional.agostinianosrecoletos>

Contudo, nem as diferentes igrejas cristãs nem as diversas igrejas de outras religiões foram foco de minha pesquisa e somente foram abordadas, como agora, por julgar necessário explorar a experiência religiosa em si, em algum dos seus aspectos, com relação à vida religiosa consagrada católica romana.

Antes de continuar, cabe aqui um pequeno lembrete com relação aos religiosos cristãos conhecidos por tradicionalistas e aqueles que são lefebvrenianos¹⁸, assim nomeados por serem seguidores do Cardeal D. Marcel Lefebvre (1905-1991) e ligados à Fraternidade Sacerdotal de São Pio X, como o são, por exemplo, os monges beneditinos do mosteiro da Santa Cruz, em Friburgo – RJ.

Por duas razões, basicamente, os tomei em consideração. Primeiro, por conta de que, por vários anos, eles estiveram fora da Igreja, isto é, foram “excomungados”¹⁹, posto se manterem unidos ao projeto de D. Marcel.

Figura 2: Aspirantes Carmelitas De Valladolid. 2013.



Fonte: <https://www.facebook.com/samaritanasvalladolid>

Isto, em contraponto aos seus confrades contemporâneos, os quais permaneceram na Igreja ou os que se mantiveram ligados ao atual rito litúrgico romano modificado e

¹⁸ Pode-se dizer que todo lefebvreniano é um tradicionalista, mas não o contrário. Mais a frente, nos próximos capítulos, volto a estes dois grupos e outros mais.

¹⁹ A excomunhão foi dada pelo Pp. João Paulo II e feito decreto da Congregação para os Bispos de Congregação em 1 de julho de 1988. Isto, por conta da consagração episcopal de quatro novos bispos sem autorização e com o aviso da punição por parte da Santa Sé caso o rito fosse levado a termo. Os bispos celebrantes foram D. Marcel Lefebvre e D. Antônio Castro Mayer (brasileiro, bispo emérito da diocese de Campos, RJ) e os quatro novos bispos consagrados foram: D. Alfonso Ruiz de Galarreta, D. Bernard Tissier de Mallerais, D. Richard Williamson e D. Bernard Fellay. Esse decreto trouxe para esse grupo, no decorrer dos anos, a pecha de hereges e cismáticos, sendo assim representados e estigmatizados por parte de alguns católicos (GOFMANN, 1975 e 1988).

Em janeiro de 2008, o Pp. Bento XVI revogou a excomunhão, tornando-a “sem efeitos jurídicos, a partir de hoje, o Decreto publicado naquela época”, por meio do decreto da Congregação para os Bispos, datado de 21 de janeiro de 2009, o que equivaleu a dizer que aquela excomunhão era juridicamente nula.

determinado seu uso pelo Pp. Paulo VI²⁰, pouco tempo depois do término do Concílio Vaticano II. Segundo, pelos ex-traditionalistas, que reviram a posição assumida, reconciliando-se com a Igreja e, ainda assim, puderam manter seu rito próprio, sem se obstar e negar as decisões pós-conciliares afirmadas pela Santa Sé como, por exemplo, o mosteiro beneditino de Santa Maria Madalena, em Barroux, França; a Fraternidade Sacerdotal São Pedro; a Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney²¹.

Segundo motivo, porque estes beneditinos tradicionalistas, tais quais os freis capuchinhos de Morgon, na França, os freis redentoristas transalpinos²², na Suíça, e vários outros religiosos de diferentes ordens (hoje) tradicionalistas, estes surgiram em consequência dos conflitos internos no período conciliar e em decorrência do próprio Concílio Vaticano II, sendo que, com o passar dos anos, as posições só se extremaram mais, a ponto de ocorrerem rupturas entre os irmãos e irmãs de cada ordem.

Figura 3: Carmelitas de Valladolid – Campo Grande. 2013.



Fonte: <https://www.facebook.com/samaritanasvalladolid>

²⁰ A questão litúrgica é a manifestação mais visível da disputa ocorrida pós-concílio. É claro que a *performance* ritual (TURNER, 1986; SCHECHNER, 1985, 1988, 2006; SILVA, 2005) que cada qual dos grupos pratica, elas apenas expõem: a) uma fratura muito maior entre as partes envolvidas; b) a validade ou não das liturgias que adotam ou deixam de adotar; c) pelo próprio rito experimentado, a que grupo pertencem e que identidade assumem para si. Tudo isto, não limitado às ordens religiosas, mas à Igreja como um todo.

²¹ Tanto a Fraternidade São Pedro como a Administração Apostólica foram constituídas para acolher a todos os tradicionalistas, sendo soluções específicas encontradas, pela Igreja e os grupos envolvidos, para o retorno destes e a regularidade jurídica que passaram a ter.

²² Da Congregação do Santíssimo Redentor.

Figura 4: Carmelo de Teresina – primeiros votos de uma irmã.



Fonte: <https://www.facebook.com/carmelo.santateresinha>

Considero que essas, na realidade, foram e continuam sendo disputas políticas²³ *lato sensu* em diversos níveis: poder, econômico, cultural, filosófico, teológico e simbólico (CALIMAN, 2012; KEHL, 1997; LOPES, 2012 a, b e c; MATTEI, 2013 a e b; SPADAFORA, 2012; VIER, 2006). Isto, dentro das ordens existentes nos anos 1950-1960, dado serem estas subestruturas subsidiárias da Igreja. Todavia, também dentro da Igreja, como estrutura social englobante, da qual emanavam as disputas políticas com seus avanços e recuos, questão aparentemente limitada à adoção de linhas teológicas “progressistas”, “moderadas” e “conservadoras”, em temas e pontos como:

- a) “romanos” versus não romanos (particularmente franceses, alemães e holandeses)²⁴;
- b) descentralizados versus centralizados;
- c) vida contemplativa versus vida ativa, em especial com a redução do número de sacerdotes, etc.

²³ Disputas que, apesar de permanentes e com grande número de envolvidos, seriam de baixa intensidade, feitas mais de escaramuças do que grandes ações de embate.

²⁴ Romanos e não romanos servem como noções de identificação dos clérigos e religiosos com relação à suas filiações à Santa Sé e ao papa (neste sentido Roma), ou suas filiações às escolas teológicas, doutrinárias, pastorais aquém e além de Roma. Como em todo processo identificatório, esse também traz em si: a) modos de ser e agir no mundo; b) estabelecimento e encerramento de alianças; c) sentido para aqueles que os adotam.

d) em especial, não modernistas/conservadores/não liberais versus modernistas/progressistas/liberais²⁵, os quais já vêm se digladiando desde o século XIX, com avanços e recuos de ambas as partes²⁶.

As disputas supracitadas figuram entre outros tantos aspectos que marcaram e permanecem marcando a vida religiosa consagrada, estendendo-se várias dessas disputas no presente, tanto dentro das ordens, entre as ordens, e entre as “famílias” religiosas²⁷.

Figura 5: Concepcionistas – monjas da Imaculada Conceição.



Fonte: <http://concepcionistas.org.br/site/>

²⁵ Apesar dos três termos serem usados por várias das ciências humanas, particularmente as sociais, elas não tem o mesmo sentido quando usadas na Igreja. Modernismo como entende a Igreja está em uma posição de recusa, no final das contas, da primazia do dogma, da revelação divina, sobre o conhecimento humano. Já a tradição está ligada ao fato de submissão da razão à fé. A respeito desses e outros conceitos e categorias católicas, ver o site da Enciclopédia Católica: <http://www.newadvent.org/cathen/>.

²⁶ Ficarà melhor compreendida, esta luta política, teológica, doutrinária e etc., após a leitura dos próximos capítulos, uma vez que a própria vida religiosa consagrada teve papel ativo neste processo, bem como dele sofreu as conseqüências.

²⁷ Tomo por família religiosa o conjunto de ordens/congregações que se remetem individualmente a um mesmo ancestral fundador (frei ou freira) e que reconhece, tacitamente, as demais ordens e seus membros como tendo certo grau de parentesco consigo. Independentemente se de religiosas ou de leigos (as famosas ordens terceiras ou oblatos). Daí todos participarem e comungarem do mesmo mito de fundação, mesmo sendo mais ou menos próximo do demiurgo fundador, pai ou mãe, de toda a família. Como exemplo disso, veremos, ao longo da tese, referências à família franciscana, fundada por S. Francisco de Assis (séc. XIII), a qual conta, entre outras tantas, das ordens: franciscanos (ofm); capuchinhos (ofmcap); franciscanos conventuais (ofmconv.), clarissas (osc); terceira ordem regular (tor); franciscanos seculares (ofs); franciscanos da imaculada (); frades menores missionários (fmm).

Um conjunto de indivíduos cristãos que considere²⁸, o qual, todavia, não chega a formar um grupo nem coeso nem homogêneo, e tendo uma marca identitária negativa (NOVAES, 1993; CUCHE, 1999), como um estigma (GOFFMAN, 1988), é aquele formado por ex-religiosos católicos, fossem irmãos laicos ou irmãos sacerdotes. Minha atenção para este grupo se deu pelas referências internas e externas a noção pessoas ex-religiosas. Então, busquei identificar este grupo formado não por pessoas unidas por interesses e situações comuns, mas por marcação social de seus ex-irmãos de ordem. Sendo meu intuito o de conhecer, caso fosse verdade, em que medida as diretrizes traçadas pelo Concílio Vaticano II, ao invés de confirmarem nas suas vocações aqueles indivíduos, vez com que, ao contrário, elas pedissem à Igreja a suspensão de seus votos. Essas medidas, até que ponto, os levaram a preferirem a renúncia de seus votos religiosos, tornando-os: ex-dominicanos, ex-benedictinos, ex-salesianos, ex-estigmatinos, ex-escalabrinianos, ex-maristas, etc. e, portanto, secularizando a experiência religiosa à qual estavam ligados²⁹.

Olhei a vida religiosa consagrada em seu aspecto de experiência de vida, de adesão de fé, à margem das formas centrais de ser pessoa, existentes na Igreja³⁰, ou seja, o ser leigo e o ser ministro ordenado (diácono, presbítero e epíscopo), bem como de ser pessoa no mundo (MAUSS, 1974; DUARTE, 1983; DUARTE e GIUMBELLI, 1995).

²⁸ Porém, sobre o qual pouco me aprofundei, posto não serem mais membros efetivos de nenhuma ordem religiosa pelo abandono da sua condição de irmão.

²⁹ Para uma aproximação ao assunto, há vários sites a este respeito. Deixo aqui a indicação de dois sites brasileiros, a partir dos quais é possível ir além:

1) , o *Ora et Labora*: <http://www.oraetlabora.com.br/novosite/site-abertura>, que se apresenta como: “Aqui focaremos atividades de religiosos e padres casados, meditação, como também um trabalho com nossa Obra Social Maria Morieri Palumbo”.

2) Associação Rumos - Movimento Nacional das Famílias dos Padres Casados: <http://www.padrescasados.org/>, que assim se apresenta: “A Associação Rumos foi fundada em 16 de Agosto de 1986, na cidade de Brasília, Distrito Federal, para congregar os padres, oriundos do clero da Igreja Católica Romana no Brasil, que deixaram o exercício do ministério sacerdotal para casar. É uma sociedade civil de direito privado, de âmbito nacional, com finalidades assistenciais, filantrópicas, culturais e educacionais, sem fins lucrativos, com sede e foro em Brasília. Representa os mais de cinco mil padres casados do Brasil e suas famílias, que formam o Movimento das Famílias dos Padres Casados (MFPC). A Associação Rumos foi criada para servir ao MFPC como personalidade jurídica, estrutura e objetivos determinados, de acordo com as exigências legais do país.”.

³⁰ E, por pressuposto, do mundo contemporâneo, para o qual a própria Igreja esteve e está à margem, mesmo que nas últimas seis décadas tenha aderido ou realizado o projeto modernista.

Figura 6: Freis Franciscanos da Fraternidade da Custória do Sagrado Coração de Jesus.



Fonte: http://vocacaofranciscana.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html

Igualmente, olhei o projeto de consagração de suas vidas, feita pelos religiosos, como escolhas dotadas e plenas de sentido para quem as fez, dentro do que lhes é apresentado pelas ordens e congregações nas quais ingressam, posto que as instituições não são nem estão inertes nesse e noutros processos (DOUGLAS, 1998). Como escrevi em outro trabalho (PONTES FILHO, 2002), Durkheim explicita a existência de hierarquia entre as coisas e valores escolhidos pelos indivíduos. Como ele expõe (DURKHEIM, 1996), as pessoas só mudam sua posição inicial se estiverem convictas de que a nova posição é uma escolha por algo melhor do que a posição anterior na qual estavam. Daí o importante que tem a informação recebida das congregações e ordens sobre seu estado de vida.

Tais escolhas também remetem aos motivos e razões que as pessoas têm em suas vidas, individualmente e em coletivo, apontados por V. Frankl (1989), o que dota de sentido suas vidas, sem o qual não há como viver.

Também não se trata apenas de os indivíduos escolherem entre coisas e ideias de graus distintos de importância, dos piores para os melhores.

Todavia, por intermédio do ato mesmo das escolhas e a possibilidade de as serem realizadas em suas vidas, gerarem a troca³¹ de um estado social para outro, trocando antigos relacionamentos por novos relacionamentos.

Figura 7: Monges cistercienses Congregação Brasileira dos Cistercienses



Fonte: <http://www.abadiataporanga.org.br/cisterciensesnobrasil.html>

Nesses novos arranjos sociais, eles têm que se comprometer, por intermédio da criação de novas alianças ou da renovação das antigas alianças feitas, para que sejam estabelecidos laços mutuamente solidários de intercâmbio com os novos indivíduos com os quais conviverão. O que acarretará obrigações, para estes indivíduos, de serem recíprocos com as pessoas já incluídas nos novos círculos sociais de sua nova posição, sendo generosos nestas relações constituídas³².

³¹ A primeira e mais importante troca que farão em suas vidas será com Deus. Em seguida, com os homens. Saliento que, necessariamente, para que ocorra troca, intercâmbio entre as pessoas, entre as coisas trocadas deverá existir uma desigualdade, pois, caso contrário seria como “trocar seis por meia-dúzia”, como diz o ditado. Além disso, o próprio ato, mesmo sendo recíproco entre as partes solidárias do ato, em sua concepção mesma, é desigual, gerando uma hierarquia daqueles que estabelecem a troca para aqueles que dela participam.

³² A respeito da reciprocidade nas relações sociais, em decorrência de dons, dádivas, presentes recebidos, ver os estudos de M. Mauss (1979); C. Lévi-Strauss (in Mauss, 1979), M. Godelier (2000), A. Caillé (2002), Godbout (2002), em especial nas diferenças que possuem na compreensão da noção e seu uso.

Figura 8: Fraciscanas da Imaculada.



Fonte: <https://sites.google.com/site/irmasfranciscanasdaimaculada>

Feitas essas anotações, considerando a Igreja existir³³ há quase dois mil anos e a vida religiosa consagrada ter surgido no século II (MARKUS, 1997), fiz meu recorte de análise como sendo as formas de vida religiosas consagradas existentes a partir dos marcos históricos indicados no início, mas, posteriormente, imbricados com outros marcos, os quais foram:

- 1) O Concílio Vaticano I, no século XIX, pelas mudanças que traz para a Igreja e porque, a partir dele, a Igreja se posiciona frente à modernidade³⁴.
- 2) do pontificado do Pp. Pio IX, no Vaticano I, até o pontificado do Pp. Pio XII, pré-concílio, como escreve a Conferência dos Religiosos do Brasil (2012):

1950 – O Congresso Internacional dos Religiosos, realizado em Roma (convocado por Pio XII), que teve como objetivo o *aggiornamento* da vida

³³ Como a minha “tribo” é a de religiosos consagrados católicos, tomo ao longo da tese algumas de suas noções e categorias como referentes seus, sem, com isto, estar legitimando estas ou negando outras narrativas cristãs, antigas ou modernas, a respeito do que é a Igreja, sua fundação, percurso histórico, etc. Noções e categorias, estas, que fazem os cristãos se encontrarem em várias dezenas de milhares de igrejas e, algumas destas igrejas, buscarem suas similaridades por meio do diálogo ecumênico.

³⁴ Tomada aqui como categoria filosófica e sociológica para compreensão do mundo, a partir do século XVI até o presente. Nela, estão incluídas: urbanização da vida; globalização dos processos produtivos e do comércio; industrialização e uso intenso de novas e melhores tecnologias; individualismo; racionalismo; laicismo; Estado e sociedade.

religiosa consagrada, oportunizando estudo, reflexão e confronto com as exigências e necessidades da época.

3) Segundo, sob os pontificados do Pp. João XIII e do Pp. Paulo VI, o Concílio Vaticano II, ocorrido na década de sessenta do século passado – 1962-1965. Isto, porque deste, o Congresso dos Superiores e, em seguida o Concílio da Igreja, intencionalmente ou não, serviram como divisores de águas de como vinha sendo experimentada a vida religiosa e todo o *ethos* católico a partir de então (VIER, 2006; CRB, 2012; CLAR, 2012).

A partir do Concílio Vaticano II, como ocorreu quando de outros concílios ao longo da história do cristianismo, como por exemplo, o Concílio de Trento, no século XVI e o já citado Concílio Vaticano I, a experiência religiosa consagrada passou, e ainda passa, por fluxos de entradas e saídas; fundações, renovações, refundações e término, dentro do espírito da época em que se encontram, da visão de mundo e da perspectiva cristã que se vive (MARIÁS, 2000).

Figura 9: Fraternidade Arca de Maria - missão Espanha.



Fonte: <http://www.arcademaria.com>

Desta forma, várias ordens viveram a partir das novas diretrizes escritas desde o documento do Pp. Pio XII e depois, no Concílio. Porém, outras tantas daquilo que é chamado

por alguns católicos de “espírito do Concílio” e outros, ainda nem de letra nem de espírito, mas projeto modernista³⁵.

Seja pela letra, seja pelo espírito ou pelo seu projeto modernista, o Concílio Vaticano II serve de marco histórico para a Igreja, a partir do qual é possível distinguir “um antes” e “um depois” na vida religiosa consagrada católica contemporânea.

Figura 10: Fraternidade Arca de Maria – missão Espanha.



Fonte: <http://www.arcademaria.com>

Ressalvando-se que muito daquilo que passou a ocorrer nestas últimas décadas de certa forma já era aventado desde o início do século XX ou mesmo antes (BITTENCOURT, s/d; BLAINEY, 2012), sendo retomados no pós-guerra, anos 50 do século passado, como por exemplo, as experiências de vida consagrada de:

- A. D. Beda Griffiths (1906-1993), osb, famoso pelas ideias de diálogo inter-religioso católico-hindu, Ocidente e Oriente;
- B. D. Thomas Merton (1925-1968), ocso, e a mística monástica;
- C. Madre Teresa de Calcutá(1910-1997) e a Congregação Missionárias da Caridade, a qual fundou;
- D. Chiara Lubich (1920-2008) e o Movimento dos Focolares.
- E. experiência dos padres operários do pós-guerra na França.

Deste modo, a noção de vida religiosa consagrada, particularmente a católica, recortada temporalmente após o Concílio Vaticano II, foi e é o objeto do meu trabalho.

³⁵ Respectivamente: reformistas da continuidade; modernistas; conservadores.

Movido que fui, tanto por curiosidade pessoal como acadêmica, a respeito da vida de monges, freis ou irmãos.

IV. Da chegada ao objeto e a minha permanência nele.

Esclareço que passados 14 anos desde os freis capuchinhos, os freis franciscanos e os irmãos franciscanos seculares, e a família franciscana da minha primeira pesquisa³⁶, quando da minha graduação, até o presente momento, me percebo estando um pouco mais familiarizado com o assunto.

Ao longo de todos esses anos, ora mais, ora menos, sempre me mantive interessado e envolvido com meu tema por meio de estudos, de visitas a mosteiros, conventos, casas religiosas, etc., condenando, desta forma, que, em vários momentos, os monges e freis exercessem ao extremo comigo toda a caridade cristã que tinham.

Figura 11: Fraternidade Franciscanos da Imaculada.



Fonte: <http://ffranciscanosdaimaculada.blogspot.com.br/>

Em tais estudos, tive a oportunidade de me ater e trabalhar alguns conceitos e noções cristãos, tais como: o da construção da identidade religiosa; das relações de parentesco espiritual e real, vividos entre as famílias religiosas internamente e com as demais famílias; a noção de renúncia cristã; o de pertencimento religioso, etc. (PONTES FILHO, 2002).

³⁶ A pesquisa se deu em Florianópolis/SC, onde estavam presentes as três comunidades citadas, com as quais pude manter contato ao longo do meu trabalho de campo. Reitero a eles meus agradecimentos.

Para criar a perspectiva pela qual olharia, desta feita, o meu objeto ao longo deste estudo, ou seja, a vida ordinária que constroem e levam freiras, irmãos, monjas e monges, perguntei-me: como estaria a vida religiosa consagrada hoje? Em crise, como alguns textos a descreviam (BONOWITZ, 2001a; LIBÂNIO, 2005; ILAMIS Y CBRR, 2009)? Acabando, em outros (FARACY, 1986; VIGIL, 2010)? Renovando-se (DRISCOLL, 1996; NORRIS, 1998; BONOWITZ, 2001b)? Recriando-se (BOMBONATTO, 2011; PALACIO s/d)?

Para tanto, meu olhar foi conduzido pela vasta produção dos próprios pesquisados (GUILLERMOU, 1973; DUCH, 1984; MONDONI, 2000; TOMICHÁ, 2009a e b; VALENTE, 2011; BAGGIO, 2012; CALIMAN, 2012; GODOY, 2012; LOPES, 2012a, 2012b, 2012c), bem como pelos documentos oficiais da própria Igreja, produzido no Concílio e depois dele (CDC, 1983; CIVC, 1993; CRB, 2012; ILAMIS-CRBOL. 2009; SCRIS, 1984a e b; VIER, 2006). Também recorri ao material sobre vida religiosa consagrada católica, cristã e não cristã, originado na academia (DUMONT, 1992; FERNANDES, 1999, 2010, 2011a, 2011b; PONTES FILHO, 2002, 2004, 2006, 2008; WEBER, 1979, 2006; ALVES, 2007; BUENO, 2008; PEREIRA, 2008; CAMURÇA, CARRANÇA E MARIZ, 2009; LUDUEÑA, 2009; PONTE, 2010).

No transcorrer da pesquisa, acabei resumindo as minhas questões em duas vertentes: uma negativa, de crise e finalização; a outra positiva, de renovação e criação. Espero ter logrado êxito e ter deixado claro, ao longo da exposição à frente, que ambas as posições se devem por cada qual ver, como expresso no adágio popular, ora o copo meio vazio, ora o copo meio cheio.

Para refletir sobre a vertente que chamo da crise, trabalhei com as seguintes hipóteses:

1. O problema enfrentado pelas ordens e congregações têm por base a dissociação e/ou conflito experimentados pelos religiosos, entre os seus mitos de fundação que cada qual tem como seu e pelos quais constroem seus carismas, originam e mantêm suas vocações, versus os ritos e liturgias praticados cotidianamente, os quais estruturam os votos religiosos emitidos (a renúncia ao mundo) e as espiritualidades singulares de cada uma. Problemas dissociativos que também são existentes dentro da Igreja, como, por exemplo, no dia a dia das dioceses e em parte dos materiais midiáticos por elas produzidos, independentemente de viverem no que podemos expor como sendo o mundo moderno ou o mundo pós-moderno³⁷. Afinal, a questão que de fato tem para si é: como aguardarem e fazerem para viver

³⁷ A este respeito, temos as obras de A. Touriane (2007), J-M. Domenach (1997), A. Giddens e Turner (1999), J. Derrida e G. Vatimo (1997), M. Mafessoli (2006). Cito estes quatros autores por terem sido mais usuais em minha formação acadêmica com relação às teorias a respeito da modernidade e pós-modernidade. Todavia,

no outro mundo, após partirem deste? De outro modo, de algum modo intencional ou não, com melhores ou piores resultados para si, os institutos de vida consagrada não deram conta de responder à interpelação de novos modos de ser cristão (*ethos* cristão) pós-conciliar, e de homem (seja moderno ou pós-moderno)³⁸. Mais ainda, quando em contraposição ao mundo, com suas reivindicações de valores a-religiosos, como dito por Baudrillard (2004, 09): “Se fosse caracterizar o atual estado de coisas, eu diria que é o da pós-orgia. A orgia é o momento explosivo da modernidade, o da liberação em todos os domínios”. Para terminar perguntando: “O QUE FAZER APÓS A ORGIA?” (p. 09).

2. Complementar ao tópico anterior, o conflito vivido pelos religiosos entre a experiência de suas crenças internas, com seu modo de agir voltado para além dos horizontes deste mundo, visando estarem com Deus. Ou seja, sempre tendo suas ações orientadas a valores últimos (como aquelas trabalhadas por Simmel e Weber), os quais encerram em si todas as razões de seu agir, versus a propagação externa que eles mesmos fazem a respeito de si, tanto no seu aspecto de emissão como de diálogo entre eles e aqueles entre os quais poderia haver interessados em vir a ser religiosos. Se quisermos, seriam estas perguntas: o que os religiosos vivem em seus conventos é coerente com o divulgado sobre como vivem e sobre o que é sua religião? A comunicação que fazem do cristianismo é atrativa para alguém se deixar tocar e ouvir a respeito de sua espiritualidade (benedictina, franciscana, agostiniana, etc)? A vida religiosa não seria apenas comodismo a uma situação social dada? Uma rotina sem sentido? Não poderia haver ou não seriam necessárias novas performances rituais e experiências de dramas sociais (TURNER, 1974, 2005, 2008; SCHESCHNER, 1985) para dialogar com o mundo? Exemplificando, recordo uma visita que fiz a um seminário, há poucos anos atrás. Aguardava na recepção para ser conduzido à sala do diretor, quando chega aquele que me auxiliaria, um seminarista, de uns 19 ou 20 anos, que vinha cantando a plenos pulmões pelos corredores da casa, que ecoavam seu canto, até me encontrar:

certamente outros tantos autores mais poderiam ser citados aqui, seja mais amplamente, nas Ciências Sociais, ou, restritamente, na Antropologia, como C. Lévi-Strauss, E. Leach, E. Evans-Pritchard, V. Turner, M. Douglas, C. Geertz, J. Clifford, G. Marcus, M. Taussig, R. Cardoso de Oliveira, R. Damatta, E. Viveiros de Castro. Aqui quero apenas indicar que, se a questão a respeito de qual arranjo civilizatório nós vivemos, se moderno ou pós-moderno, é relevante para nossa compreensão acadêmica de mundo, análises de nossas organizações sociais, das estruturas sociais, etc., essa temática fica muito aquém ou além das preocupações rotineiras dos religiosos.

³⁸ Lembrando que, à época do Concílio Vaticano II, ainda não havia, propriamente, a discussão sobre pós-modernidade. Os documentos da Igreja de antes e durante tal período sempre se referem à modernidade, ao modernismo, mundo moderno, e conceitos semelhantes. E lembro que pós-modernidade aqui entendida enquanto uma categoria científica, como um novo conjunto de temas relevantes para as disciplinas de teoria e pesquisa sociais, postos para a discussão por autores que vieram a ser rotulados como pós-modernos, fato que só veio a ocorrer em meados dos anos 70 e início da década de 1980. Cf. Giddens e Turner (1999), Gadea (2007), Gaeta e Gentile e Lucero (2007) entre outros autores que abordaram questões de teoria nas Ciências Sociais.

“Ô mãe, tô na balada!
Não se preocupe que eu tô sendo bem cuidado pela mulherada.
Ô mãe, relaxa aí!
Se você soubesse da verdade e da metade do que eu já bebi...”³⁹”

Além da grandeza da música e do personagem em pauta, devemos recordar que ele, como eu e os demais presentes, estávamos num local “semi-público” como nos diz E. Goffman, completando:

[...] pois regras de conduta em ruas, parques, restaurantes, teatros, lojas, pistas de dança, salas de reuniões e outros lugares de ajuntamentos de qualquer comunidade, nos dizem muito sobre suas formas mais difusas de organização social. (GOFFMAN: 2010, 13).

Porém, voltando às perguntas possíveis: faz sentido e é eficaz comunicar os conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência àqueles que entram para a vida religiosa consagrada? Não há mais como impedir que o mundo fique dentro dos noviciados, e como tirá-lo lá de dentro?

³⁹ “Mãe, Tô Na Balada” é uma música no estilo sertanejo universitário, sucesso musical do Trio Bravana, composição de Giuliano Matheus e Thiago Matheus. O sucesso de tal estilo musical é crescente, em nosso país, nas últimas décadas. É evidente, pela letra, que a música é a exaltação dos relacionamentos frugais, descompromissados, procurados pelos frequentadores da vida noturna.

Figura 12: Freiras Franciscanas da Renovação (EUA).



Fonte: <http://franciscansisterscfr.com/>

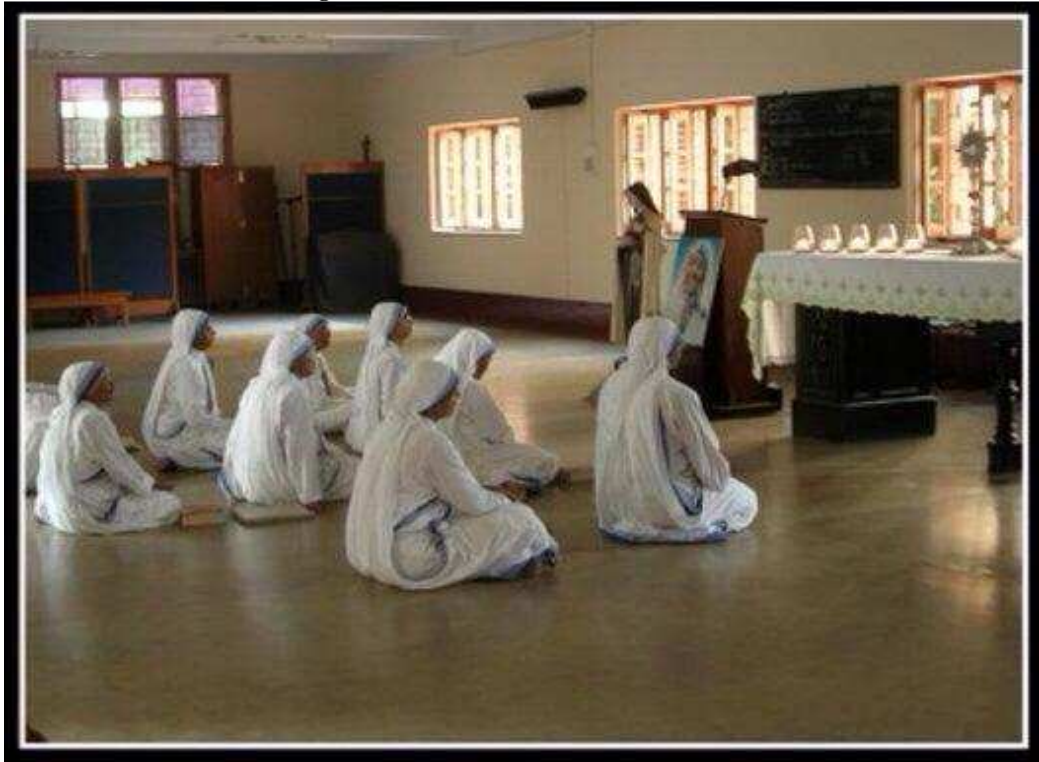
Com relação à possibilidade da reflexão positiva, me propus as seguintes hipóteses:

a) A permanência da experiência da vida religiosa consagrada se dá porque essa continua a dotar plenamente de sentido a vida das pessoas que a ela aderem. Portanto, não houve ruptura com o passado, seja de como era a ordem ou da história geral dos religiosos da Igreja. De tal modo, mesmo com os percalços cotidianos que os religiosos têm, a vida segue adiante.

b) A permanência da experiência da vida religiosa consagrada pela mesma se reestruturar (por inovação e ruptura com o que lhe é supérfluo) e religar (renovação) ao seu mito de fundação e seu rito próprio. Por meio de se reafirmar na tradição ou avançar naquilo que já faz.

Então, procurei pensar, ao longo da pesquisa, o que todas as ordens e congregações católicas têm em comum para que possam ser unidas em uma única categoria. Seria a vivência comum a todos os conselhos evangélicos já mencionados? A profissão do credo católico? Ou isso tudo acrescido das questões mezinhas de relacionamentos, hierarquias internas e externas, e outras práticas católicas?

Figura 13: Irmãs Missionárias da Caridade.



Fonte: <http://missionariasdacaridade.blogspot.com.br/>

Para, então, acrescentar aquilo que faz com que os de dentro, os internos (*insiders*)⁴⁰: monges, irmãos, freis, etc. reconheçam esta modalidade de vida, concomitante com os indivíduos católicos dos outros estados de vida cristã, e aqueles indivíduos que nem são católicos, também consigam distingui-los dos demais. Como demonstrar a catolicidade de todos os religiosos, ao mesmo tempo em que teria que identifica-los singularmente, pois, de fato o são na vida ordinária, no dia a dia, mostrando suas particularidades únicas? Como ir além dos estereótipos e estigmas existentes, tais como: a paciência beneditina se positiva, complacência se negativa; a alegria franciscana, ou tolice; a mística carmelitana, ou credice; o silêncio dos cartuxos, ou sisudez; a intelectualidade dos jesuítas, ou o racionalismo?

Refleti a respeito de qual é esse ponto que as une e iguala para, daí, buscar apreender e expor aquilo que faz de experiências de vida tão distintas, como as vividas por beneditinos, jesuítas, carmelitas, franciscanos, agostinianos, lassalistas, clarentinos e todos de mais, serem percebidas como iguais e dotadas de sentido para os religiosos e os não religiosos, bem como o que lhes dá a unidade e a identidade de religiosos católicos. Aquilo que faz com que, por

⁴⁰ Cf. H. Becker (2008) e N. Elias (2000) a respeito das categorias de pertencimento e não pertencimento, bem como sobre aceitação e exclusão de grupos sociais. Já com M. Gordon (2002), numa abordagem mais contemporânea e interpretativa, a respeito das múltiplas possibilidades de transposição de fronteiras étnicas, culturais, geográficas, temporais.

exemplo, o lema clássico⁴¹ dos jesuítas: “Para a maior glória de Deus”, se assemelhe a um “Que em tudo Deus seja glorificado”, lema clássico dos filhos e filhas de São Bento de Núrsia, espalhados nos vários ramos dessa família: beneditinos, cistercienses e trapistas⁴².

Tal ponto de universalidade e singularidade é dado pela noção nativa de consagração religiosa. Tal noção é o elemento que permite a passagem da categoria macro identitária (catolicidade) para a de micro identidade (singularidade religiosa), vividas, ordinariamente, no encontro vis-à-vis dos membros de uma mesma comunidade e nos encontros desta comunidade com religiosos de outras ordens, católicos em outros estados de vida, ou não católicos. A consagração religiosa feita universalmente a Deus, na Igreja, mas com o “jeitão”, ou seja, os modos próprios de cada instituto vivenciar de viver, permite a compreensão de todo o arranjo da vida religiosa consagrada.

⁴¹ Tomo por clássicos aqueles sinais diacríticos (roupas, lemas, posturas corporais, etc) comumente referidos aos grupos, sejam pelos próprios religiosos com relação a si mesmos, seja por terceiros quando a eles se referem. Assim, pode haver outros lemas com relação a uma ordem ou família religiosa, mas as referências frequentes e aqueles que encontraram correspondência com o imaginário das pessoas em relação a cada uma delas, esses são os lemas clássicos.

⁴² Apenas salientando que, se em nossa língua, com sua gramática, tais lemas se assemelham, dando-nos a falsa percepção de que em ambos o ser agente é o homem que pela sua ação no mundo glorifica a Deus, isso não ocorre no original. Se tomarmos os dois lemas escritos em latim, como o foram de fato, esta língua, por suas características gramaticais, faz com que os agentes de cada ação sejam diferentes em cada um dos casos. Desta forma no *Ut in omnibus glorificetur Deus* beneditino o agente é Deus que, atuando na vida dos homens, leva que estes o louvem. Já no *Ad majorem Dei gloriam* jesuíta, o agente são os homens que, ao agirem no mundo, louvam a Deus. Cf. D. Brasó, osb (1983). Ambos os lemas são expressos comumente em sua grafia abreviada: UIOGD e ADMG, respectivamente.

Figura 14: Irmãs Dominicanas de Maria, Mãe da Eucaristia.



Fonte: <https://www.sistersofmary.org/>

Figura 15: Irmãs Pequenas do Sacratíssimo Coração de Jesus.



Fonte: <http://irmaspequeninas.blogspot.com.br/>

A forma como cada ordem e congregação entende, realiza e vive esta noção as faz, e aos seus membros, um estado próprio de vida dentro da Igreja, ao mesmo tempo em que as permite se singularizar, umas em relação às outras. Ou seja, como religiosos podem ser indivíduos tão distintos e tão próximos uns dos outros, bem como serem indivíduos “fora do mundo”, mas no mundo, abertos ao mundo, sendo diferentes do mundo (DUMONT, 1985,

1992). Mais do que somente uma perspectiva cristã em sentido amplo (MARIÁS, 2000), seria uma perspectiva cristã beneditina; uma cristã beneditina cisterciense; uma cristã beneditina cisterciense trapista⁴³. Tal modelo serve, de igual modo, quando olhamos para quaisquer religiosos: franciscanos, carmelitas, jesuítas, maristas, barnabitas, josefinos, ursulinas, vicentinas, lassalistas, salesianos e todos os demais. Aquelas ordens que possuem uma família religiosa permitirão que as olhemos em suas inter-relações verticais, do nível micro ao macro. Aquelas ordens que não chegam a formar uma família religiosa também podem ser olhadas, como as demais, em suas perspectivas, ao nível das relações horizontais vivenciadas nos limites dos conventos, como entre os conventos e no plano mais geral das próprias ordens.

Vejo que, ao saber o que os une e o que os distingue ainda hoje, permite entender os processos vividos ao longo dos anos pós-conciliares. Também, como no passado, ao olharmos para um conjunto de monges, freis ou irmãos em suas casas, conventos, mosteiros, entendemos porque certas ações ocorreram apenas ali, restritas àquele local ou região; e porque outras ações abrangeram toda a ordem e mesmo para além desta.

Figura 16: Irmãs de Jesus Misericordioso (EUA)



Fonte: <http://www.faustina-message.com/>

⁴³ Recordo que S. Bento de Núrsia (480-547) fundou o primeiro mosteiro da futura ordem. No decorrer dos séculos, a ordem sofreu distensões, as quais resultaram em novas singularidades no modo de vida entre os beneditinos. Assim, no século XI, surgiu a Ordem Cisterciense, originada da abadia beneditina de Cister (*Cîteaux*), na França. No século XVII, pela reunião daqueles que se viam como cistercienses realmente observantes do *ethos* cisterciense, encabeçados pelo mosteiro cisterciense de N. Sra. de *La Trappe*, na França, surgem os cistercienses de estrita observância ou trapistas. As três ordens citadas são fidelíssimas à Regra de São Bento, à memória dele (como o chamam, nosso Pai Bento) e aos modos e costumes monásticos de 1500 anos de história.

Como ser um religioso desta casa e não de outras, de uma província religiosa e não outras, de tal ordem e não de outras, e desta família religiosa e não outras, se somam ao final e trazem uma especificidade tremenda para cada indivíduo e comunidade particular. Afora outros recortes importantes de pertencimento e identidades sociais, tais como origem étnica, nacional, gênero ou grupo social, os quais podem ser marcantes igualmente em suas ações, contudo, friso, que estes se submetem àqueles.

Exemplifico isso lembrando algumas das análises recorrentes a respeito de índios, população rural, população de periferia, entre tantas outras, pelo menos na área de humanas, em nosso país. Em tais estudos, usualmente, seus autores são altamente detalhistas ao descreverem as populações pesquisadas. Contudo, no mais das vezes, incorrem em explicações generalizantes e gratuitas quando tratam das relações destas mesmas populações e a Igreja, com instituição multifacetada e na ação objetiva de seus vários e diversos agentes. Tais pesquisadores tendem, invariavelmente, a focarem e a analisarem a Igreja monoliticamente, como um único agente social, coeso e hierarquicamente de forma rígida. Todavia, mesmo havendo anotações em seus estudos de que a relação inicial de uma determinada população (rural, indígena, ribeirinha, etc.) se deu com os padres jesuítas, passando, em seguida, para freis franciscanos, posteriormente para padres salesianos e que hoje estejam a cargo dos irmãos redentoristas ou do clero secular, os autores perdem toda a riqueza das possibilidades dos arranjos que se abrem a eles por terem, no caso⁴⁴:

1) Jesuítas: ordem surgida no século XVI, concomitante ao Concílio de Trento, de origem espanhola, com uma organização formal, hierárquica (modelo militar), missionária, desde o início dada ao processo de inculturação cultural⁴⁵ e tão “moderna” quanto quaisquer modelos de atores sociais do período, por exemplo, luteranos, calvinistas, renascentistas, etc. (GUILLERMOU, 1973).

2) Franciscanos: uma ordem da alta Idade Média, de modelo mendicante, fortemente ligada ao carisma de seu fundador, de organização muito mais informal, voltada à

⁴⁴ Aqui estou apresentando apenas um quadro extremamente sintético, que permita, de maneira rápida, ser apreendida a quantidade de diferenças que há entre os membros destas ordens e, conseqüentemente, diferenças nos modos de agir, prioridades, de se vestir, etc., o que implica em experimentarem catolicamente o mundo de modos diferenciados e, assim, evangelizarem as populações diferentemente.

Mesmo que hoje os sinais diacríticos externos das ordens, tais como hábitos e batinas, entre outros tantos, não sejam mais tão usuais, basta ir a qualquer colégio ou faculdade das ordens citadas para, imediatamente, perceber outros tantos sinais diacríticos, como o uso de “Paz e Bem” e do tau para os filhos de São Francisco de Assis; o “IHS” dentro de um círculo com labaredas, para os filhos de Santo Inácio de Loyola. Enfim, as diferenças estão ali, no chão e nas paredes e, ao vê-las, acha-se a solução das práticas religiosas vividas.

⁴⁵ É a categoria usada pela Igreja para falar da evangelização de povos e culturas diversas a europeia e/ou não cristãs. Seu sentido é aproximado com os de aculturação e enculturação, usuais nas Ciências Sociais a respeito das relações mantidas entre dois ou mais povos ou culturas diferentes entre si.

ideia dos primórdios do cristianismo, mendicante e propagandista da pobreza, italiana, missionária (GOBRY, 1959).

3) Salesianos: ordem da segunda metade do século XIX, concomitante ao Concílio Vaticano I, de modelo evangelizador urbano, voltada prioritariamente ao cuidado e educação (técnico-escolar) de jovens pobres.

4) Redentoristas: ordem do início do século XVIII, de modelo inicialmente mais monástico, posteriormente, conventual e de missão, voltados à educação cristã e, pelo menos no Brasil, responsáveis por vários centros de peregrinação religiosa católica.

Desse jeito, as mudanças, permanências, rupturas e continuidades que ocorreram na vida religiosa consagrada tornam-se inteligíveis a partir deste ponto. Ou seja, podemos perceber que certos arranjos dos elementos da vida religiosa consagrada levam a um determinado modo de vida; e que grandes ou pequenas mudanças neste arranjo conduzem a novas maneiras de ser e agir.

V. Mais a frente

Nos capítulos à frente, busco descrever como os modos de ser particulares dos religiosos cristãos foram constituídos após o Concílio Vaticano II, bem como suas vidas e as comunidades que criam para si nos dias atuais. Igualmente, assinalo neles que tais modos foram sendo articulados ao longo de um período maior, de 150 anos, ainda no século XIX, quando do Concílio Vaticano I e os pontificados que, desde então, se sucederam e como a Igreja se fez presente no mundo.

Ilustrativa deste processo todo de mudanças, sutis ou toscas, ocorridas para permanecerem sendo os mesmos é a reflexão feita pelo prof. Roberto Damatta (2012), como antropólogo e cronista, da qual lanço mão em minha tentativa de me fazer mais claro a respeito das mudanças-permanências-criações na vida religiosa consagrada contemporânea:

[...] aprender com Lévi-Strauss que algumas sociedades mudavam, mas escolhiam permanecer fiéis a si mesmas. Como perceber a mudança sem pensar numa tradição? E como mudar uma tradição quando ela existe justamente para evitar escolhas que roubam o repouso: o fazer "naturalmente" – sem sentir e sem preocupações? Essa inércia instalada que, como um carro, continua em movimento mesmo depois de devidamente brechado? Numa bendita e insone madrugada, deparei-me com a seguinte meditação de sir Matthew Hale, jurista inglês do século 17: ‘O navio’ – escreveu – ‘empreendeu uma viagem tão demorada que, ao final, cada uma de suas partes havia apodrecido, tendo sido substituída por outra. Todavia, numa acepção significativa, continuou sendo o mesmo navio’.

Como toda metáfora, esta da navegação, com a ruína e a restauração do barco que leva a sua transformação renovadora, é rica pela imagem com a qual nos permite apreender o movimento e a dinâmica da vida social católica, no mesmo instante em que nos faz ver as consequências advindas deles, porquanto tudo feito pelos religiosos, gozados e sofridos pelos religiosos.

Aproveito para chamar a atenção para dois aspectos que sempre se deve ter em mente ao se estudar a vida religiosa consagrada, pela menos a católica, como o faço aqui. Primeiro, sobre as categorias de tempo e espaço. Segundo, sobre a perspectiva pela qual eles olham o mundo (MARIÁS, 2000) e a posição pela qual o fazem. Isto é, as duas categorias e a perspectiva que assumem, os orientam para a construção de como viverem entre si e com o mundo a volta deles.

Primeiro é que a categoria de tempo na vida religiosa, tanto no seu aspecto histórico e de memória⁴⁶ do grupo, como no seu aspecto místico, cosmológico⁴⁷, o qual está diretamente relacionado ao outro mundo⁴⁸, as ordens trabalham com temporalidades grandes, isto é de longos períodos históricos, prenes de história de si e dos outros, algo meio incomum em tempos fluidos, provisoriiedades, de uma “modernidade líquida” com individualidades hedonistas, espaços moldáveis, etc., como expressa Baumann (2003).

Por exemplo: para os monges beneditinos, cuja ordem foi fundada por São Bento de Núrsia, no século V-VI, suas histórias e memórias coletivas⁴⁹ são relativas a um período de 1500 anos, desde sua fundação até a presente data (NESMY, 1962); já para os agostinianos, filhos espirituais de Santo Agostinho de Hipona, tal período compreende 1600 anos (MARROU, 1957); para os franciscanos e clarissas, filhos de São Francisco de Assis e Santa Clara de Assis, são 800 anos (GOBRY, 1959); para os jesuítas, filhos de Santo Inácio de Loyola, quase 500 anos (GUILLERMOU, 1973). Ordens como as dos filhos espirituais⁵⁰ de

⁴⁶ Como diz Mary Douglas (1998, p. 116): “Qualquer instituição que vai manter sua forma precisa adquirir legitimidade, baseando-se, de maneira muito nítida, na natureza e na razão. Então, ela propiciará a seus membros um conjunto de analogias por meio das quais se poderá explorar o mundo e com as quais se justificará a naturalidade e a razoabilidade dos papéis instituídos, e ela poderá manter sua forma contínua, identificável. Assim, qualquer instituição começa a controlar a memória de seus membros...”

⁴⁷ Ressalvando que a cosmologia deles não é um sistema fechado do mundo, mas, antes, um sistema aberto posto interagirem seguidamente com o meio externo à sua volta, o que os leva às trocas e maneiras de reciprocidade (MAUSS, 1974) com este meio.

⁴⁸ No sentido do devir cristão.

⁴⁹ Novamente com Mary Douglas (1998, p. 116): “A instituição propicia as categorias dos pensamentos de seus membros, estabelece os termos para o autoconhecimento e fica com as identidades”.

⁵⁰ Aqui, mais do que uma ressalva, com a expressão “filhos espirituais” procuro acentuar o fato de que irmão Charles Foucauld constituiu uma ordem quando vivo: Pequenos Irmãos do Sagrado Coração de Jesus. Porém, tal ordem não vingou em vocações, isto é, não teve seguidores. Sua espiritualidade, que ficou registrada, só veio a conhecer sucesso, quando assumida pelo padre René Voillaume, que tomou a espiritualidade foucauldiana como sua, originando a ordem dos Pequenos Irmãos de Jesus que, desde então, teve ingresso de monges. Atualmente,

Charles de Foucauld, 50 anos (BARRAT E BARRAT, 1961) e outras ordens com alguns anos a mais ou, bem mais recentes, com poucos meses de existência.

Figura 17: Irmãos Passionistas Marcos, Ribamar, Giovanni, Eraldo e Uidemar.



Fonte: <http://www.saopaulodacruz.com.br/joomla/>

Enfim, as várias ordens usam, concomitantemente, a noção de tempo da eternidade, pois se ligam à mística, à cosmogonia e à cosmologia cristã da criação, morte e redenção dos homens, dadas por Deus. Ou seja, os homens não apenas nascem, crescem e morrem, eles têm por fim a eternidade⁵¹, o serem plenos e estarem para sempre com Deus, segundo sua própria teologia.

De modo semelhante, a categoria do espaço é experimentada pelas diversas ordens igualmente pensando o mundo (século), a terra, como o cosmo, todos os lugares, mas também o outro mundo, o lugar definitivo para o fim da jornada dos cristãos, o paraíso, a “casa do Pai”, o “reino de Deus”. O espaço geográfico, aquele de nossa percepção, é onde os religiosos podem se “fazer um com Deus”, pregarem a boa nova (evangelização). O espaço sagrado⁵² na

há 19 fraternidades de leigos, sacerdotes, religiosos e religiosas que a espiritualidade foi criada por um e desenvolvida pelo outro.

⁵¹ Como me chamou a atenção um monge beneditino, nós homens tempos início, posto que criaturas, mas criados para a eternidade. Assim, eterno apenas o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

⁵² As categorias de sagrado e profano são clássicas nas Ciências Sociais. Aqui, lembro-me dos estudos de Durkheim (1996) e Eliade (1995). Quando abordamos a religião em si e em suas relações com as outras esferas da sociedade, devemos ter em mente as divisões e afastamentos experimentados entre as coisas sagradas e ascoisas profanas apontadas por ambos, bem como por Mary Douglas (1991; 1998; 2010), com as interdições de

noção religiosa é onde podem estar com o “Único necessário”; seja a casa, o convento, o mosteiro, enfim, onde estiverem, e não necessariamente no interior das capelas, em frente ao sacrário, estarem todos no mesmo lugar, etc. A cosmologia cristã ensina que aqui no mundo isto se dá de modo imperfeito. Porém, o lugar almejado como definitivo para os cristãos, o Paraíso, ali eles viverão eternamente no convívio de Deus, os anjos e demais cristãos, como aqui na Terra nunca o conseguiram nem conseguirão plenamente⁵³.

Recordando o que os cristãos ensinam em sua antropologia cristã, a noção de mundo possui duas compreensões:

a) Na primeira, como já esboçado acima, tem o mundo como século, o lugar de passagem dos homens, mas, não o local dos homens. Assim, o mundo se contrapõe à Igreja, ao anúncio do Evangelho, portanto à experiência cristã⁵⁴. Neste sentido, o “mundo” é visto negativamente⁵⁵.

b) Na segunda, contudo, ao contrário de uma visão maniqueísta e de outras correntes filosóficas dualistas, a compreensão cristã classifica o “mundo”, como o espaço a ser sacralizado⁵⁶, o local onde os cristãos devem viver, evangelizando aos outros homens e se

pureza e impurezas etc., exploradas para a compreensão de outras religiões, além do próprio cristianismo e do judaísmo.

Entretanto, respeitadas as diferenças entre as duas categorias, na moral e costumes cristãos, os modos de se conduzir numa e noutra não são conduzidos unicamente pelo impuro e puro, dizendo, com isso, que o sagrado não pode ser ou estar reduzido somente às coisas espirituais (matéria e ideia), e o profano, reduzido às coisas carnis (matérias e ideias). As coisas experimentadas pelos cristãos, sejam quais forem elas, pertencem e transitam entre o sagrado e o profano como, por exemplo, a roupa do leigo e as vestes sacerdotais; ou as noções de belo, tristeza, gozo e outros, cabendo apenas ordenar as categorias segundo a revelação divina (sagrado) e a razão (profano). Daí não ser problema algum um religioso vestido com suas roupas próprias e os cristãos não religiosos, por seu turno, com as suas roupas, estejam eles na rua, em casa, no mosteiro, na igreja, etc. Para os cristãos, a pureza deve estar tanto nas coisas sagradas quanto nas coisas profanas; e a impureza deve ser evitada em ambos os domínios.

⁵³ Não seria possível aqui fazer toda a discussão a respeito da antevisão mística, da experiência do êxtase espiritual cristão, particularmente os relatados e vividos pelos religiosos. Nestes momentos de maior ou menor duração, há o encontro vis-à-vis entre os indivíduos e Deus ou com os anjos ou Nossa Senhora. São amplamente difundidos e conhecidos os casos de êxtase espiritual de grandes místicos cristãos. Para ficarmos apenas nos casos que abrangem o período dos últimos 150 anos, temos as revelações de N. Sra. em Fátima para três crianças e as aparições dela em Međugorje.

Nas Ciências Sociais, particularmente, na Antropologia, há vasta bibliografia dos estados alterados de consciência particularmente junto das religiões de êxtases (xamanismo) e possessão (religiosidades africanas).

⁵⁴ O mundo referido enquanto uma experiência agônica fica subentendido na oração, por exemplo, de santo Agostinho de Hipona: “Criaste-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração não descansará enquanto não repousar em Vós”.

⁵⁵ A este respeito creio bastar recordar a secular oração do “Salve Rainha”, dirigida pelos católicos (romanos, ortodoxos, veteros-católicos, heterodoxos, etc) à Maria, mãe de Jesus, na qual rezam: “Salve Rainha, Mãe de Misericórdia / Vida, doçura e esperança nossa, Salve! / A Vós bradamos, os **degredados** filhos de Eva / A Vós suspiramos, gemendo e chorando, neste **Vale de Lágrimas**. / Eia, pois, advogada nossa / Esses Vossos olhos misericordiosos / A nós volvei! / E, depois desse **desterro**, / Mostrai-nos Jesus, bendito fruto do Vosso Ventre / Ó Clemente, / Ó Piedosa, / Ó Doce / Sempre Virgem Maria. / Rogai por nós Santa Mãe de Deus, / Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. / Amém.” (grifos meus).

⁵⁶ Conforme a nota anterior, a noção de sacralizado então tem o sentido de introduzir e somar ao conhecimento humano, provenientes da razão humana, os conhecimentos advindos da revelação, provenientes de Deus.

apoiando mutuamente, anunciando a Deus e caminhando para a morada definitiva, o céu, o paraíso, enfim, estar frente a frente, por toda a eternidade com seu criador.

Já entrando no segundo ponto, este remete à questão de Deus, que, no caso cristão, é uma pessoa com a qual cada cristão pode e quer se relacionar diretamente. Assim, creio que, a respeito dos católicos, particularmente aqueles no estado de vida consagrado, não dá para excluir da discussão ou não trazer a baila a categoria nativa de divindade e de outro mundo e como aqueles que creem as vivenciam. Como aponta o padre e teólogo Olegário González de Cardedal, em sua resenha a respeito do filme *o Grande Silêncio*⁵⁷, que trata dos monges cartuxos, com seu *ethos*, costumes, valores, tempos e espaços: “O que uma pessoa é não se deduz ou esclarece da análise de sua substância, bens ou objetos, posses ou poderes, mas, sim, à luz daquela realidade diante da qual vive e para que vive (*coram Deo*)”. (CARDEDAL, 2007).

Tempo e espaço tal qual os indivíduos, ao professarem seu pertencimento à uma ordem, são e estão consagrados, olhados a partir da vocação (chamamento) e do carisma (dom) divinos recebidos.

Ato de Deus em direção dos homens	Vocação
	Carisma
Ato dos homens em resposta ao chamado de Deus	Profissão religiosa
	Espiritualidade

Daí a consagração religiosa definitiva feita pelo indivíduo cristão ser pública, realizada na igreja, ou seja, no espaço sagrado cristão, com a reunião de outros cristãos, pois é do interesse de toda a Igreja. Há um rito próprio, todo elaborado para tanto, que sinaliza esse início do estado de vida consagrada, da separação de um indivíduo consagrado dos demais. Consagrado para Deus, para se fazer um com Deus. Experimentando os dons (carismas) e espiritualidades da ordem na qual entra⁵⁸ e passa a pertencer, independentemente se é ordem

⁵⁷ Mais adiante, exponho este e outros filmes recentes, os quais tratam da vida religiosa consagrada: de uma pessoa ou comunidade, como neste caso.

⁵⁸ Mesmo no caso dos “pais” e “mães” fundadores de ordens isto é válido, pois serão os primeiros a viverem do carisma recebido e segundo a própria espiritualidade que constroem, orientados pelo próprio entendimento de sua vocação. Claro que a estrutura inicial do grupo, de fundação, como demonstrou Turner (1974), é um tanto quanto diferente da estrutura mais rígida, normatizada, com hierarquias e regras. Neste primeiro momento de vida haverá mais relações interpessoais, mais diretas e recíprocas, tanto para dentro como para fora das ordens. No início, sempre se viverá muito mais do carisma (weberiano) dos fundadores, até as regras e outros códigos, bem como os costumes, estarem sedimentados.

de vida contemplativa, mista ou ativa⁵⁹; seja para viver onde for designado; seja com quais irmãos forem⁶⁰. Desta forma, como me foi contado por diversas vezes, com maior ou menor ênfase sobre esta consagração, tudo na vida dos religiosos é orientado e ordenado para alcançar o projeto de vida de um indivíduo, projeto que é partilhado pelos demais religiosos com os quais viverá. A vida dos indivíduos se torna, ou pelo menos deveria se tornar, um memorial ordinário de sua consagração e de seus irmãos de ordem, isto, por intermédio da ritualização das práticas cotidianas, dos locais de residência, estudos, trabalhos; das referências compartilhadas no dia-a-dia; da vivência dos períodos do ano: liturgias⁶¹, orações comunitárias, orações individuais; encontros com irmãos de ordem e encontros com indivíduos externos; fazer a história da ordem ser sua história, conhecer os mitos do seu grupo e os saber narrar, por a ordem em sua biografia.

VI. Questões de métodos e metodologias

Dessa maneira, tive como objetivo, ao longo deste estudo, examinar e expor a vida religiosa consagrada em seus vários aspectos, nos últimos 62 anos de história. Apesar da vontade, não foi possível, para mim, estudar especificamente uma ou mais ordens em suas

⁵⁹ Congregações, institutos e ordens podem ser vistos por uma categoria êmica, baseada no estilo de vida que seus membros levarão: se mais para fora do convento ou se mais para dentro. As congregações de vida contemplativa, normalmente em mosteiros e conventos, têm para si a vida voltada para dentro de si, construindo uma ascese cristã mais contemplativa das realidades sagradas, minimizando, dentro do possível, o contato com a vida social além dos domínios de seus mosteiros e conventos. Algumas abrem a possibilidade de receber hóspedes e pequenos retiros espirituais de grupos, por poucos dias. Exemplo desse tipo: ordem das clarissas; ordem carmelita descalça; ordem dos monges cartuxos; ordem cisterciense de estrita observância trapista. Unem-se ao restante da Igreja pela oração constante a favor de todos. As congregações de vida ativa são aquelas voltadas para a ação fora dos conventos. Também possuem a vida de oração, só que esta é conjugada com atuação no mundo, assumindo paróquias, coordenação de ações pastorais, prestando serviços educacionais (colégios, cursos técnicos, universidades), hospitalares, entre outros. Exemplo destas são os irmãos e irmãs: barnabitas, jesuítas, salesianos, maristas, orianitas, dehonianos, franciscanos, lassalistas, carlistas, vicentinas. As congregações mistas ativas-contemplativas são aquelas que procuram equacionar ambas as facetas. Exemplo: carmelitas, franciscanos conventuais, cistercienses, beneditinos.

⁶⁰ Aqui se trata do modelo ideal da exposição das boas intenções de várias ordens. Não quero dizer com isso que inexistem ordens que sigam ou vivam seus carismas e suas espiritualidades como se consagram. Durante minhas pesquisas nestes anos, conheci várias ordens, masculinas e femininas, de todos os tipos e idades. Em algumas delas, pude observar o afastamento entre o ideal professado e a realidade vivida, o que, conseqüentemente, gerava ambigüidades no modo de ser dos seus membros e tensões entre os membros de um mesmo convento e mesmo do convento com outros conventos da ordem, ou de outras ordens. Exemplo disso foi de um frei capuchinho que, segundo os relatos que colhi de vários de seus confrades, fazia de tudo para não mudar de convento e permanecer no mesmo, sendo que o rodízio entre as casas era prática comum. Estava ali no mesma casa havia uns 20 anos.

⁶¹ Sem que haja uma ruptura com a forma ritual, liturgicamente preconizada pela Igreja, o ambiente, as roupas, horários, a reunião da comunidade e outros, geram o estilo próprio da comunidade celebrar, que lhe é mais agradável e, assim, mais eficiente e eficaz para os seus fins (TURNER, 1986; SCHECHNER, 1985, 1988). Se a *performance* ritual ficar dentro do esperado ou concedido, será tranquila a convivência tanto para dentro, quanto para fora da ordem. Já, se as práticas litúrgicas forem além dos parâmetros costumeiros e/ou codificados pela Igreja, tencionarem bastante a idéia de pertencimento, de identidade familiar, da identidade católica, pode levar à ruptura.

singularidades, posto os imponderáveis da pesquisa: alterações nos prazos; mudanças de logística; questões de ordem pessoal; encontros e desencontros com os pesquisados; custos e gastos da pesquisa; etc. Afora o próprio momento, a temporalidade na qual fazemos a pesquisa: com seus lugares, encontros, desencontros, impossibilidades, as afetações vivenciadas, decorrentes do próprio estudo como já indicou Saad-Favret (2005: 160):

As operações de conhecimento acham-se estendidas no tempo e separadas umas das outras: no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que a narramos não podemos compreendê-la. O tempo da análise virá mais tarde.

Como apontado acima, trouxe para o trabalho todo o acúmulo de minhas experiências anteriores de pesquisas com os religiosos: capuchinhos, franciscanos, franciscanos conventuais, franciscanos seculares, beneditinos, cartuxos, agostinianos descalços, frades menores missionários. Também retornei às minhas antigas cadernetas de campo e aos meus diários das pesquisas anteriores⁶²; refiz a experiência da alteridade (CARVALHO, 1998; FABIAN, 2006) de então com alguns dos meus antigos pesquisados, mesmo que fosse pela criação de um memorial de objetos de pesquisa: as anotações, os textos produzidos por mim, os presentes recebidos, os *souvenirs* guardados.

Figura 18: Monges Cistercienses.



Fonte: <http://www.ocist.org/>

⁶² Sobre este retorno ao material coletado e registrado em nossos diários de campo, ver Roberto Cardoso de Oliveira (2006).

Afora correspondências e conversas pessoais que mantive e algumas que mantenho há anos com religiosos e ex-religiosos de outras ordens como, por exemplo: carlistas, palotinos, lassalistas. Enfim, a construção da “relação pessoal” e “de alteridade” (GOLDMAN, 2006; MAGNANI, 2009) minha com aqueles os quais me prepus conhecer.

Desde o início do doutorado, tive claro para mim mesmo que, apesar da minha vontade de alargar o meu olhar sobre a vida religiosa consagrada, teria que ser contido em minha fascinação pelo meu objeto. À medida que as entrevistas foram se acumulando, os textos, artigos e livros foram avolumando no computador, na mesa de trabalho, nas prateleiras, nas cadernetas de campo e diário de campo, mais ainda vi que o duro ofício do recorte do objeto de pesquisa seria necessário, tanto quanto o próprio recorte teórico-metodológico que usaria para a compreensão e exposição do que pesquisei.

Então, reafirmando que há uma objetividade no trabalho antropológico, mesmo fazendo a suspensão praticada do estranhamento, do distanciamento, do relativismo antropológico (ALMEIDA, 2003; OLIVEIRA, 1988, 1995, 1998), o trabalho lançou mão das formas consagradas do fazer antropológico (MAUSS, 1993; JUNKER, 1971), dotadas de um recorte teórico-metodológico sobre o meu objeto de estudo.

Isso aconteceu de tal modo que algumas providências se fizeram necessárias. Primeiro, admitir que a maioria dos casos que foram estudados por mim seria, como o foram de fato, de ordens e congregações existentes no Brasil, isto por questões de logística da própria pesquisa. Esse fato não gerou nenhum problema de análise e/ou exposição da tese, pois a maioria das ordens e congregações existentes no país têm casas (seminários, conventos e mosteiros) em outros países. Tanto por serem comunidades que se estabeleceram no país vindas do estrangeiro (e.g.: beneditinos, jesuítas, franciscanos, maristas, barnabitas, salesianos, etc.) ou, sendo de origem brasileira, se espalharam mundo afora (Toca de Assis/Filhos Pobreza do Santíssimo Sacramento; Arautos do Evangelho; Frades Menores Missionários; O Caminho/; Instituto dos Filhos Misericordiosos da Cruz; Instituto Hesus/Irmãos e Irmãs da Santa Cruz e da Bem Aventurada Virgem; etc.). Um segundo ponto foi de que, até mesmo influenciado pelos textos nativos, estaria abordando as ordens e congregações ligadas ao rito latino romano⁶³ e/ou, talvez mais especificamente, à experiência cristã ocidental da Igreja, em detrimento dos ritos e da experiência oriental da Igreja⁶⁴:

⁶³ Recordando que, conforme Pontes Filho (2006), são mais de duas dezenas os ritos litúrgicos legitimamente aceitos dentro Igreja católica.

⁶⁴ Compreendendo-se por oriental as experiências de culto sagrado do norte da África, passando pelo Oriente Médio, até as regiões orientais da Europa.

maronitas, coptas, ucranianos, melquitas, grego-bizantinos e outros mais, apesar de ter localizado ordens e congregações de tradição católica oriental.

Afora, lembrar que é o espaço urbano onde a maioria das ordens se estabeleceu e estabelece, mesmo quando novas espiritualidades que são frutos (na quase totalidade) da urbanidade, então, este é o espaço sobre o qual os religiosos e o pesquisador se põem e circulam (MAGNANI 2002, 2003; MAGNANI e TORRES, 1996).

Ainda vivi a questão de usar fotografias (COLLIER JR., 1973; SAMAIN, 1998), bem como minha assistência de vários filmes temáticos. Com relação a este último, além de imensa quantidade de informações e insides para a pesquisa, reflexão e escrita, foram eles incorporados ao texto como análise da exposição da vida consagrada na atualidade e das coisas ali mostradas, como será visto mais a frente. Já com relação às fotografias, o que se passou foi eu perceber que o material coletado por mim mesmo era pouco em sua quantidade, limitado à meia dúzia de ordens e, também, sem força expressiva que queria que tivessem. Ao mesmo tempo, graças à *internet* e às redes sociais que frequento, nesses espaços de socialização, encontrei uma imensidão de fotografias postadas e feitas pelos meus próprios pesquisados, sejam em *selfies*, imagens ordinárias do cotidiano de suas vidas, e aquelas feitas para a divulgação de seus carismas. Optei, então, por apresentá-las aqui, distribuídas ao longo de todas partes do texto, uma vez que os próprios religiosos as expuseram de modo midiático em espaço público.

Daí o uso que faço delas como ilustração da experiência que vivem e de como querem ser vistos por nós, os outros em relação as suas vidas.

VII. Terminando, por ora

Antes de terminar esta introdução, creio caber aqui falar da proposta de diálogo feita a mim, quando da apresentação da minha dissertação, pelo professor Dr. Pierre Sanchis, e a qual não me esqueci. Ele me propôs algumas questões à época, não apenas ligadas à vida religiosa consagrada, mas de cunho mais abrangente, pertinentes ao próprio mister da antropologia, as quais sempre permaneceram à minha frente:

- a) a elaboração do discurso nativo (GEERTZ, 1998);
- b) a semelhança de uma interpretação feita pelos pesquisados;
- c) a nossa interpretação dos dados de pesquisa serem uma interpretação das interpretações nativas (GEERTZ, 1989);
- d) até onde ir com a participação do pesquisador na vida cotidiana dos pesquisados;

e) quando começa o movimento de distanciamento do pesquisador (GEERTZ, 2001).

Finalizando, no primeiro capítulo, abordo a vida religiosa antes do marco temporal adotado, para melhor esclarecer algumas das variáveis ou mesmo condicionantes da reviravolta experimentada a partir do Concílio Vaticano II.

No segundo capítulo, abordo o próprio Concílio Vaticano II, expondo sua história, atores, tensões e conflitos dentro da Igreja, destacando alguns religiosos e ordens importantes nas mudanças ocorridas no passar dos anos.

No terceiro capítulo abordo as ordens religiosas e os seus membros, expondo os dados etnográficos coletados diretamente para este meu estudo, mas, igualmente, os dados que tenho comigo há anos, de outros estudos. Buscando mostrar quais são as categorias principais, entre elas a da consagração, com as quais os próprios religiosos vêm se pensando, reconfigurando e se mantendo dentro da Igreja e dentro do mundo, mesmo quando, ou apesar do mundo e de vozes na Igreja, darem como certo que para eles não há mais espaço ou não há mais atratividade ou significação para o mundo moderno ou pós-moderno no qual a experiência é secularizada (MAFESSOLI, 1995, 2006).

Termino a tese com alguns apontamentos de após pesquisa, entrevistas, leituras, nos quais exponho o que meu olhar sobre monges, freis, irmãos me permitiu compreender e entender deles.

DO CONCÍLIO VATICANO I À ABERTURA DO
CONCÍLIO VATICANO II (1869-1961).

Dois amores formaram duas cidades: o amor de si mesmo, atingindo até o desprezo de Deus, uma cidade terrena; e o amor de Deus, atingindo até o desprezo de si mesmo, uma cidade celestial.

Santo Agostinho

A Cidade de Deus 14, 28

DO CONCÍLIO VATICANO I À ABERTURA DO CONCÍLIO VATICANO II –(1869-1961)

I. Pré-abertura

Rapidamente, pretendo, com este capítulo, percorrer o caminho feito pela Igreja e a vida religiosa consagrada de 1869, ano da abertura do Concílio Vaticano I até o ano de 1962, ano da abertura do Concílio Vaticano II. Assim, não será, de forma alguma, um estudo exaustivo nem do Vaticano I nem de nenhum dos outros vários eventos históricos que serão mencionados. A intenção é mais a de expor os eventos, tanto internos como externos, com os quais a Igreja foi se posicionando e tecendo a rede de suas relações, bem como notar a perspectiva a partir da qual olhou e olharia o mundo a sua volta (MARÍAS, 2000), ou seja, vislumbrar a Igreja (e os religiosos) e suas circunstâncias à época (ORTEGA Y GASSET, 2001).

Figura 19: Chegada de Dom Belorgey a Cister (novembro de 1932). Ao centro, Dom Hermand Smets, Abade Geral e, à direita, Dom Fabien.



Fonte: <http://www.scourmont.be/histoire/04belorgey.htm>

Como dito anteriormente, lá trás, no início do meu doutorado e, talvez, mesmo antes disso, na carta de boas intenções acadêmicas que é o pré-projeto de pesquisa, ainda na fase de

seleção para o curso, pensara meu estudo a partir dos anos 60 do século passado, até a presente data. Considerava que teria um bom recorte, com foco limitado temporalmente, podendo trabalhar apenas o transcorrido e o presente momento da vida religiosa consagrada católica, o que já estaria de bom tamanho. Tal qual a “linda Inês”, estava eu: “Naquele engano d’alma ledo e cego / Que a fortuna não deixa durar muito...” (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, III, 120).

Isto se deu conforme fui me inteirando da bibliografia acerca do meu tema:

1. Lendo o que os próprios nativos escreviam nos mais diversos meios de comunicação institucionais⁶⁵;
2. Lendo o que alguns organismos diocesanos escreviam⁶⁶;
3. Lendo aquilo que escreviam os recentes Sínodos da Igreja⁶⁷, em particular as Conferências Gerais⁶⁸ do episcopado da América Latina⁶⁹;
4. Lendo os documentos escritos da Santa Sé⁷⁰, por meio das Congregações vaticanas⁷¹;
5. Bem como lendo os textos dos diferentes Papas do referido período.

Assim, em tais textos, deparei-me com referências constantes e significativas:

1. À uma sucessão de vários eventos eclesiais, anteriores ao Concílio Vaticano II, os quais atingiram diretamente a vida religiosa;
2. Ao Concílio Vaticano I, por meio dos documentos provindos do próprio,

⁶⁵ E como esses escrevem! Há uma verdadeira profusão de escritos deles a esse respeito. Tais escritos, por motivos óbvios, sem aqui mencionar este ou aquele autor, vão desde obras vigorosas às verdadeiras lástimas – mas, isto já é outra história. Vários desses trabalhos podem ser conferidos na bibliografia ao final.

⁶⁶ Aqui cabe mencionar as dioceses nas quais vivi desde o meu trabalho de graduação até o presente: Florianópolis/SC, Chapecó/SC, Cascavel/PR e Toledo/PR; ou visitei nos últimos anos por conta do meu trabalho: Curitiba/PR, Londrina/PR, Foz do Iguaçu/PR, Maringá/PR, Palmas/PR, Guarapuava/PR e, em especial, neste período de doutoramento: Porto Alegre/RS e Novo Hamburgo/RS.

⁶⁷ Sínodos são encontros de bispos católicos, geralmente voltados ao estudo e debate de um tema particular, convocado pelo papa para tanto.

⁶⁸ Conferências Gerais são as reuniões realizadas por organismo supranacionais, como a CELAM, a qual reúne as conferências nacionais dos países latino-americanos.

⁶⁹ A primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se no Rio de Janeiro, de 25 de julho a 04 de agosto de 1955.

⁷⁰ A Santa Sé ou Sé Apostólica é, segundo o Cânon 361, do Código de Direito Canônico (1983): “Sob a denominação de Sé Apostólica ou Santa Sé, neste Código, vem não só o Romano Pontífice, mas também, a não ser que pela natureza da coisa ou pelo contexto das palavras se depreenda o contrário, a Secretaria de Estado, o Conselho para os Negócios Públicos da Igreja e os demais organismos da Cúria Romana.”. Dessa forma, o termo indica a jurisdição eclesial do Papa e forma o “governo central” da Igreja. Portanto ela personifica a Igreja. Quando especificados: Santa Sé (papado), Vaticano (estado) e Igreja (religião) indicam realidades distintas, mesmo havendo mistura entre os atores sociais atuantes nelas, como o papa que é o líder das três.

⁷¹ As congregações vaticanas são alguns dos departamentos que compõem a estrutura de governo do Vaticano. Nesse sentido, diferem-se do termo congregações quando indicam as ordens religiosas e institutos de vida consagrada, que congregam pessoas.

3. Aos vários eventos e fatos históricos⁷² que fizeram a Igreja se posicionar frente aos seus fiéis, ao mundo moderno que se iniciava, e aos homens de boa vontade⁷³.

4. *Aleitmotiv* do Concílio Vaticano II de continuar e completar o Concílio Vaticano I, como se pode ler nos documentos dos papas conciliares⁷⁴ ao mesmo, nos próprios documentos do Vaticano II⁷⁵, e nos documentos da Igreja, posteriores ao próprio concílio.

Figura 20: Dom Columba Marmion, osb.



Fonte: <http://nunraw.blogspot.com.br/2014/05/comment-translation-of-bl-columba.html>

Tais eventos e ideias anteriores ao Concílio Vaticano II, tudo isso, transformando, encerrando e ou abrindo caminhos novos para o que se firmou no Vaticano II e nas decisões adotadas pelas ordens e institutos de vida consagrada, no transcorrer destes últimos 50 anos. E, novamente, reestruturando a vida religiosa consagrada e sua participação (existência) no seio da Igreja. Pois, podemos olhar para a estrutura montada pelos religiosos sob os dois aspectos (LEMIEUX e OUIMET, 2012):

⁷² Desde situações históricas próprias à Igreja católica, mas também da Itália, da Europa e mundiais. O período abarcado corresponde a quase 100 anos de história, bem como de mudanças de fases históricas, tais como são assinaladas pelos historiadores. À frente mencionarei alguns destes de modo a ilustrar as mutações pelas quais o mundo passou.

⁷³ Com a noção de “homens de boa vontade”, que é uma categoria êmica, a Igreja entende todas aquelas pessoas que não são cristãs, sejam elas de outras crenças religiosas ou mesmo sem crença alguma, mas que estão abertas à possibilidade do diálogo e da mútua compreensão, por serem todos homens, fiéis ou não.

⁷⁴ Conferir as falas e documentos do Pp. João XXIII e Paulo VI. Todos os documentos destes pontífices, bem como de todos os demais do século XX até o atual Papa, estão disponíveis no site do Vaticano.

⁷⁵ Que podem ser encontrados no site do Vaticano, ou em obras como a de Vier (2006) ou de Caliman (2012).

- a) Estrutura de código, na qual nossa procura se direciona às proposições formuladas e as relações que estabelecem entre si;
- b) Estrutura de rede, na qual buscamos os atores sociais e as relações sociais que engendram entre si.

Figura 21: Dom Lambert Beauduin, osb.



Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Lambert_Beauduin

E, a partir das primeiras relações constituídas, segue-se a sequência de novas e novas relações, sejam com as antigas preposições ou antigos atores, sejam com a entrada e ou derivação de novas preposições ou atores sociais. E a vida segue em frente.

Se não bastasse, como disse, a abundância de material a este respeito que eu ia lendo, colhi, no transcorrer dos meus trabalhos de campo, por diversas vezes, colocações nesse sentido. Essas percepções, eu as colhi nas conversas pessoais e entrevistas que mantive com diversos religiosos ao longo desses anos. Nem todos a manifestaram, mas, particularmente, os mais velhos (septuagenários e octogenários) e quem mais a elas se referiram. Todavia, sendo quem sou, a minha própria curiosidade pelo meu objeto de pesquisa e o fato de me maravilhar com o mesmo já me levaria a olhar para além do marco estabelecido⁷⁶.

⁷⁶ Isto também provocou mais outra alteração na pesquisa, o que foi a comunicado ao orientador e obter dele a concordância para tanto.

Figura 22: Dom Guéranger, osb.



Fonte: [Http://www.liturgiecatholique.fr/L-abbaye-de-Solesmes-histoire-et.html](http://www.liturgiecatholique.fr/L-abbaye-de-Solesmes-histoire-et.html)

Como me contou, por exemplo, o Pe. Achille Rubim, sac, em uma de nossas várias conversas muito animadas a respeito dos padres palotinos na época da Igreja pré-conciliar, bem como os caminhos da Igreja na década de 50 do século passado, havia, então, como que uma grande esperança e alegria no ar naquela época; era uma sensação de bem-estar que pairava sobre todos. Ele e alguns confrades, que foram à Roma no final dos anos 40, para completarem os últimos anos de suas formações religiosas e sacerdotais, chegaram animados para praticarem, em suas palavras, uma “nova pedagogia da formação religiosa” com os noviços palotinos daqui.

Figura 23: Dom Jean-Baptiste Chautard, ocsu.



Fonte: <http://www.pliniocorreadeoliveira.info/>

Como me contou, ideais como uma relação mais horizontal entre todos os irmãos de ordem; maior abertura da comunidade religiosa para com as pessoas externas, entre outros temas que levarão ao Vaticano II e nele desembocarão e que, bem ou mal, serão, de certa forma, a sua marca.

Ao final, quando já da redação da própria tese, percebi que em vez de tomar como ponto de partida o Concílio Vaticano II, em minha opinião, seria mais bem entendido se o olhássemos como o fim de uma jornada, iniciada bem antes, ainda no século XIX, ou como o delta onde desaguaram as mais diversas aspirações e anseios, vindos de locais próximos e distantes, de maior e menor importância.

Em defesa deste meu ponto de vista, lanço mão, argumento e exemplifico com os fatos abaixo.

Início recordando os fatos relacionados diretamente ao Concílio Vaticano I e, a partir deste, repasso pelo espírito de época do fim do século XIX e a metade do século XX, pontuando alguns dos fatos e circunstâncias históricas com os quais a Igreja se deparou interna e externamente. Até encerrar com a convocatória e abertura do Concílio Vaticano II, feitas pelo Pp. João XXIII.

II. O Concílio Vaticano I

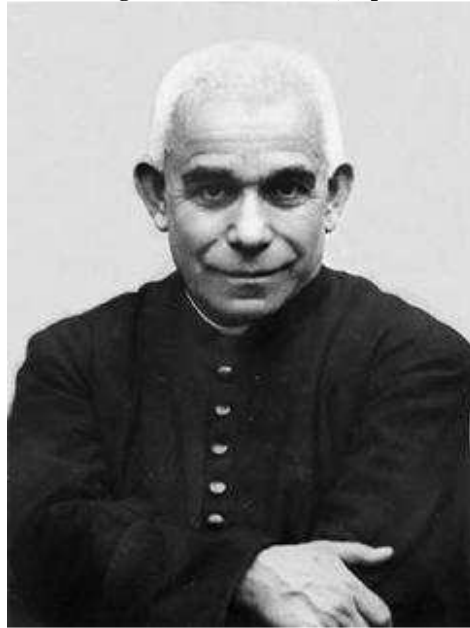
O Concílio Vaticano I é obra do Papa Pio IX⁷⁷ (1846 a 1878), cardeal Mastai-Ferretti, que sucedeu ao Pp. Gregório XVI⁷⁸.

O Concílio transcorreu de 08 de dezembro de 1869 a 18 de dezembro de 1870, quando foi encerrado devido à ocupação do Estado Pontifício por parte do reino da Itália, então sob o reinado de Victor Emanuel II (1820-1878). O rei, que já liderava o processo de unificação da futura Itália, proclamou Roma como capital do reino no ano de 1870, encerrando qualquer poder temporal do papa.

⁷⁷ Com um pontificado de 31 anos, sete meses e meio, Pp. Pio IX fica atrás apenas de São Pedro que reinou por 37 anos. O terceiro e quarto lugares são, respectivamente, dos papas João Paulo II e Leão XIII.

⁷⁸ Cardeal Bartolomeu Alberto Cappellari, osb cam (1765-1846), foi Papa de 02 de fevereiro de 1831 até 10 de Junho de 1846. Foi um papa que se destacou mais por sua ação a favor da arte do que pela política ou mesmo temas teológicos. Dado ter sido monge beneditino camaldulense, foi o último papa religioso antes do atual Pp. Francisco (2013 -). Lembrando que a ordem dos beneditinos camaldulenses, fundada por São Romualdo (+1027), no ano de 1012, em Camalduli – Itália, caracteriza-se por manter, concomitantemente, tanto a vida cenobítica como a eremítica no espaço do mosteiro, o que os obriga necessariamente a estarem em áreas rurais, em propriedades tais como sítios. Referem-se ao seu mosteiro como Sagrado Eremitério e Mosteiro. Os beneditinos camaldulenses estão presentes no Brasil, com o mosteiro da Transfiguração (fundado em 1985), com os ramos feminino e masculino, junto da diocese de Mogi das Cruzes, São Paulo.

Figura 24: Dom Orione, fdp.



Fonte: http://ong.portoweb.com.br/amparosc/default.php?p_secao=3

Afora as disputas políticas (portanto de poder temporal) a Igreja sentira necessidade de se pronunciar a respeito do racionalismo, do liberalismo e do materialismo⁷⁹ que vicejavam à época, algumas das quais se punham frontalmente contra a fé e a Igreja. Como diz D. Estevão Bittencourt, osb:

[...] o século XIX, que foi marcado pelo materialismo e ateísmo fora da Igreja, e dentro da Igreja pelos ecos das tendências conciliaristas e do separatismo, que solapavam a autoridade papal e a unidade da Igreja. Foram estes fatores que induziram o Papa Pio IX (1846-78), aconselhado por eminentes figuras do episcopado e do laicato católicos, a convocar o 20º. Concílio Ecumênico para o Vaticano. (Bittencourt: s/d, 231).

Do Vaticano I participaram 764 padres conciliares, porém, não encerrado posto ter sido interrompido pelo acontecimento da invasão, como dito, e pela guerra Franco-Prussiana (1870).

Contudo, o Concílio Vaticano I promulgou duas Constituições Dogmáticas, ou seja que expressam um dogma:

1. *A Dei Filius* sobre a revelação divina e o uso da fé e da razão, as quais não discordam entre si, para aprender sobre Deus que se revela.
2. *A Pastor Aeternus*, sobre a Igreja e a infabilidade papal quando ele fala *ex cathedra* a respeito da moral e da fé.

⁷⁹ A respeito destas correntes teóricas científicas e filosóficas, entre outras tantas obras, ver a obra de Gatea, Gentile, e Lucero (2007).

III. Ciência e Filosofia Modernas

Se pegarmos o período que compreende o ano do início do Vaticano I ao início do Vaticano II, pouco menos de 100 anos, as transformações nas tecnologias, ciências e filosofia são imensas. Isso tudo tem impacto direto sobre a vida de milhões de pessoas:

- Domínio e uso do vapor em máquinas;
- Novos meios de transporte de pessoas e cargas (trens, tratores, barcos, dirigíveis, aviões e automóveis);
- Domínio e uso da eletricidade;
- Combustíveis fósseis e motores à explosão (gasolina e diesel);
- Domínio e uso dos plásticos;
- Domínio e uso da energia nuclear;
- Desenvolvimento de armamentos mais mortíferos;
- Ampliação dos meios de comunicação (jornais, telégrafo, rádio, cinema, fotografia, televisão);
- Desenvolvimento e uso de novos materiais; etc.

Em termos da elaboração a respeito da vida humana, da vida em sociedade, sobre o destino do homem, da vida na Terra, etc., as ciências humanas começam a se estruturar como a conhecemos hoje e a filosofia abre novos campos de discussões sobre esses temas. Basta lembrarmos que, nos últimos 30 anos da Era Vitoriana, surgiram cientistas e filósofos, vários com atuação acadêmica, tais como:

- Auguste Comte;
- Charles Darwin;
- Edward Burnett Tylor;
- Émile Durkheim;
- Franz Boas;
- Friedrich Wilhelm Nietzsche
- Herbert Spencer;
- James George Frazer;
- Lewis Henry Morgan;
- Max Weber;
- Sigmund Freud;

Tais cientistas e filósofos criaram e desenvolveram teorias, tais como: evolucionismo social; evolucionismo biológico; positivismo; teoria psicanalítica; funcionalismo; relativismo

cultural; etc. Ao mesmo tempo em que fizeram surgir disciplinas científicas, tais como: antropologia, biologia, geografia, psicologia, política, sociologia, e uma miríade de outras mais. Fossem ou não crentes, esses autores e seus pares estavam expondo, em termos científicos e filosóficos, a descentralidade do homem frente à natureza e, por consequência, a de Deus (para aqueles que criam) frente ao universo caótico e em processo de evolução, desenvolvimento, progresso⁸⁰.

Dentro desse contexto histórico, ainda mais no período de passagem de século, é que a Igreja se manifestará com maior contundência e clareza contra o modernismo e outros erros filosóficos e religiosos, por intermédio dos seguintes documentos:

- A. Carta encíclica do Papa Leão XIII (21 de abril de 1878) – *Inscrutabili Dei Consilio* – sobre os males da Sociedade Moderna, suas causas e seus remédios;
- B. Carta encíclica do Papa Leão XIII (20 de Abril de 1884) – *Humanum Genus* – sobre a maçonaria⁸¹
- C. Carta encíclica de Sua Santidade, Papa São Pio X (8 de setembro de 1907) – *Pascendi Dominici Gregis* – sobre as doutrinas modernistas;
- D. Carta encíclica do Papa Pio XI (6 de janeiro de 1928) – *Mortalium Animos* – sobre a promoção da verdadeira unidade de religião;
- E. Carta encíclica do Papa Pio XII (12 de agosto de 1950) – *Humani Generis* – sobre algumas doutrinas errôneas para o cristianismo.

Apenas a partir da I Guerra Mundial e dos fatos que lhe sucederam é que novas perspectivas sobre o conhecimento, mais humildes quanto ao que conseguimos saber das coisas e da sociedade ou desoladoras sobre os homens, é que começam a ser adotadas. Quanto mais perto da época do Vaticano II, mais cresce o relativismo filosófico-científico e o relativismo moral. Novas correntes filosóficas e científicas, várias delas de matriz cristã católica, se fizeram presentes: fenomenologia, existencialismo, neopositivismo, estruturalismo, simbolismo, etc.

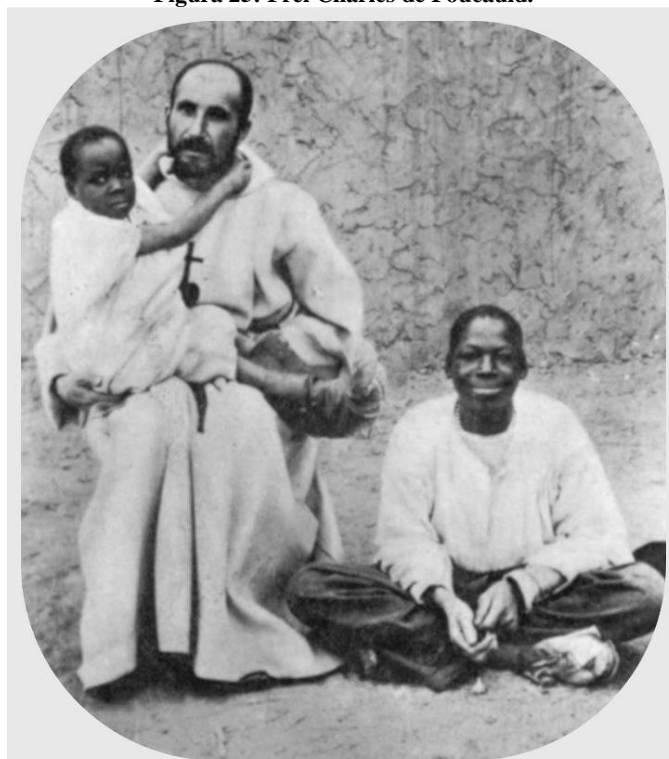
⁸⁰ Estas três palavras se assemelham e complementam em quase todos os grandes ou pequenos discursos feitos no período. A idéia da grandeza dos feitos humanos frente à natureza, superando-a mesmo considerando sua pequenez de criatura entre outras criaturas, é uma constante.

⁸¹ Esta encíclica, como me foi apontado por alguns dos meus interlocutores, vai além da condenação da maçonaria e sociedades secretas. Na realidade aponta para as diferenças irreconciliáveis de princípios que norteiam ambas as instituições: conhecimento iniciático (gnose) e conhecimento por revelação, como também orienta sobre formas de pensamento errôneas para os cristãos.

IV. Monarquias, repúblicas, meio rural e cidades

Neste período que estamos tratando também ocorreram drásticas mudanças no plano político e da ordem social. Estas foram desde a forma de governo, quando várias das monarquias europeias passaram a ser repúblicas, até se a chefia do governo seria presidencialista ou parlamentarista. Várias guerras ocorreram, fossem de pequena ou grande escala, de baixo ou alto impacto⁸², como a acima citada, quando da tomada e término do Estado Pontifício pelo rei italiano Victor Emanuel II⁸³. Igualmente, com as mudanças de regime político vieram as mudanças sobre domínios e extensões territoriais de várias nações.

Figura 25: Frei Charles de Foucauld.



“Cada cristão tem de ser apóstolo:
não é um conselho,
mas um mandamento, o mandamento da caridade”
Charles de Foucauld

Fonte: <http://www.dcbuck.com/Dialogues/photos/Foucauld>

Provavelmente o fato mais marcante foi a criação dos regimes totalitários⁸⁴, os quais surgiram primeiro na Europa: fascista, comunista e nazista, e para os quais não havia paralelo com nenhum outro regime do passado da humanidade. Foram de uma brutalidade e

⁸² Mas, com crescente aumento na violência dos conflitos, no aumento no número de feridos e mortos, no aperfeiçoamento constante de todos os equipamentos bélicos.

⁸³ O Estado Pontifício só reaparecerá com o Tratado de Latrão, de 1929, celebrado por Benito Mussolini representando o reino italiano, e o Pp. Pio XI (1922-1939), fazendo surgir o Vaticano como cidade-estado.

⁸⁴ Conforme Todorov (2002), Memória do mal, tentação do bem.

desumanidade nunca antes registradas na história, tanto para com suas próprias populações como para com as populações dos países que invadiram.

Esses três regimes conduziram seus países à guerra, originando o maior conflito da história humana, de proporções realmente mundiais, que foi a 2ª Guerra Mundial. Com o término da 2ª Guerra, esperava-se uma melhoria civilizatória no mundo, que é facilmente lembrada se recordarmos a criação da Organização das Nações Unidas (1945) e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Porém, o que se viu foi o surgimento de vários regimes totalitários e ditatoriais por vários países e da Guerra Fria.

Outra das alterações significativas para a Europa e, por consequência, para a Igreja, é o processo de independência de ex-colônias e surgimento de novos estados nacionais.

Em termos internos aos países, o processo acelerado da mudança da vida rural para a vida urbana é o que mais se destaca, pelas alterações trazidas na vida social das pessoas⁸⁵. Com o crescimento das cidades, seja pelo crescimento populacional por geração ou por migração do campo, vieram mudanças na concepção e compreensão do espaço urbano, a tal ponto, que estes dois aspectos dão ensejo a discussões e estudos acadêmicos⁸⁶. Centro e periferia, controle epidemiológico, força policial, infraestrutura urbana, lazer, trabalho, produção e consumo de drogas, classe média, pobreza, marginalidade, representação política e milhares de outros temas afloram neste novo universo. Para a Igreja e suas ordens religiosas o desafio de:

- Como se pôr frente a isto tudo, com suas verdades sobre fé e moral?
- Como preparar os novos sacerdotes e religiosos?
- Como se estruturar, com suas paróquias e dioceses, neste novo mundo de países e cidades?

Os principais documentos papais de então, mais o catecismo (1905) do Pp. Pio X, mais a redação do Código de Direito Canônico (1917)⁸⁷, foram as respostas doutrinárias dadas aos fiéis pela Igreja. Também ocorreram condenações aos regimes políticos: comunismo, nazismo e fascismo (estes últimos, pelo Pp. Pio XI em encíclicas).

⁸⁵ Conferir, por exemplo, os estudos de Durkheim a respeito do individualismo como valor e os de Pierre Bourdieu sobre as mudanças provocadas pela modernidade na vida dos camponeses franceses.

⁸⁶ A esse respeito, vejam-se os livros de A. Arantes (2000) e G. Magnani e L. Torres (1996) sobre o espaço urbano mais contemporâneo e os estudos de Weber, Simmel, Park, Lauwe referentes às cidades das primeiras décadas do século XX e o que nelas ocorria.

⁸⁷ Pp. Pio X (1904) – Bento XV (1917-18). Válido para a igreja de rito Latino. As igrejas de ritos Orientais, em unidade com a Sé Petrina, isto é, o papa, possuíam suas próprias tradições jurídicas consuetudinárias e assim permaneceram.

Outras respostas e posturas da Igreja frente ao mundo urbano, republicano, industrial, vieram com as mudanças ocorridas com o surgimento de novas ordens, estas modernas, e a modernização das ordens mais antigas, em uma adequação ao tempo presente na perspectiva católica.

Figura 26: Pe. Pierre Teilhard de Chardin, sj. 1935.



Fonte: <http://www.dcbuck.com/Dialogues/photos/Foucauld>

V. Revolução industrial e trabalhadores urbanos

Outro aspecto da vida social que passou por grandes transformações foi o da produção e do trabalho. Neste período histórico, vamos da 2ª. Revolução Industrial à Era Nuclear, à Cibernética. De maneiras arcaicas (moderníssimas na época!) de trabalho nas fábricas para as Linhas de Produção fordista, para as preocupações com a qualidade, etc.

Do mesmo modo foram incorporados novos materiais e tecnologias na produção: fomos do carvão e aço, para plásticos, energia elétrica, energia atômica. Os produtos ofertados rapidamente foram multiplicados milhares de vezes e caíram de preços. Exemplo é o carro, inicialmente para pouquíssimos (ou para os “malucos” que sabiam construir um), viraram acessíveis a partir do Ford T, produzido em larga escala de 1908 a 1927, sempre na cor preta. Como ficou na história, a frase de Henry Ford sobre esta cor: "O carro é disponível em qualquer cor, contanto que seja preto."

Concomitantemente à revolução na indústria, comércio e serviços, com desdobramentos em todas as áreas da vida civilizada: transportes, urbanismo, construção civil,

produção de energia, comunicação, saúde, educação, moda, lazer, etc., etc., etc., veio a mudança no emprego e no modo de trabalhar.

As características do trabalho de então: baixa remuneração, baixa profissionalização (até porque tudo era novo e estava em constante transformação), abuso do poder econômico, trabalho de crianças, etc. Em poucos anos, foram transformadas pela organização dos assalariados das várias áreas, havendo: o surgimento das organizações sindicais; a profissionalização, que levou, em alguns casos, a altíssima especialização do trabalhador; a melhor remuneração.

Com o passar dos anos, nos países centrais que desenvolveram o capitalismo e iniciativa privada nos seus territórios, ao regime democrático nas repúblicas e monarquias, tudo isso levou ao surgimento, neles, de uma grande classe média, formada por funcionários de fábrica, comerciários, profissionais liberais etc., com bom poder aquisitivo, com vez e voz nos destinos da produção e consumo de seus países.

Com relação a ação da Igreja ao longo desse tempo, devemos lembrar que são dela Encíclicas importantíssimas como a do Papa Leão XIII, sobre o trabalho e o capital; sua condenação ao capitalismo selvagem e ao comunismo. A partir do Pp. Leão XIII, desenvolve-se a doutrina social da Igreja, os movimentos operários católicos, o cooperativismo de matriz católica⁸⁸. Seus sucessores lhe seguiram, reafirmando os princípios cristãos que lhe embasaram na crítica que fez à modernidade social que diminuía os homens.

Também, ao mesmo tempo, surgiram novas ordens religiosas voltadas para a nova configuração da sociedade, pelas mudanças na produção e forma de trabalhar. Talvez o exemplo mais bem acabado, entre várias ordens e sem demérito algum a elas, seja o de São João “Dom” Bosco (1815-1888) e sua ordem, os salesianos⁸⁹, voltados para o cuidado das famílias e o ensino e aprendizado profissionalizante, principalmente dos mais pobres.

VI. Novas matrizes religiosas

As últimas décadas do século XIX e a primeira metade do século XX não podem ser caracterizadas apenas como uma época de extraordinários avanços e feitos técnico científicos, como os ditos acima, ou das avassaladoras mudanças políticas e sociais vividas. Também devemos recordar que houve transformações no campo da crença na Europa e, portanto, fez com que a Igreja também se reposicionasse na nova circunstância em que se encontrava no

⁸⁸ Sobre o cooperativismo o Prof. Dr. Pe. Odelso Schneder lembrou da origem do movimento em Rochdale (UK) haviam 16 militantes socialistas cristãos, liderados por Vansittart Neale, em meados do século XIX.

⁸⁹ Pia Sociedade São Francisco de Sales.

continente e nos demais países do mundo. Se antes as religiões exóticas eram distantes da vida das pessoas, agora, lá estavam elas em pleno espaço urbano europeu que se desenvolvia. Muito disso, graças a vastidão do império britânico, com seus militares, funcionários públicos e os missionários.

Como se fosse de repente, ou como se nunca antes tivesse acontecido, disseminam-se, lenta e continuamente, novas crenças religiosas, que trazem novos modos de se ver o mundo e nele viver. Entre essas, a chegada do hinduísmo e suas ramificações, o budismo, igualmente em suas diferentes vertentes. Além do crescimento e o revivamento de antigas formas gnósticas de viver, às vezes chamadas de filosofias de vida, o surgimento de novas sociedades iniciáticas ou secretas. Também a presença do islamismo e suas seitas internas. Afora novidades religiosas como o espiritismo de Alan Kardec.

Figura 27: Seminário Libreville. 1935. Ms. Marcel Lefebvre.



Fonte: <http://farfalline.blogspot.com.br/p/ser-mons-marcel-lefebvre.html>

Ainda dentro do universo de fé cristã, há inovações, reformas e rupturas importantes, como, por exemplo, o movimento de Oxford, com a saída de vários anglicanos para entrarem na Igreja e o cardeal Newman; o surgimento do pentecostalismo.

Este momento pode ser visto pela vasta bibliografia acadêmica e extra-acadêmica surgida e os diversos estudiosos que sobre ela se debruçaram, mostrando a pujança do tema à época. Citando apenas alguns autores: T. Bulfinch; Sir E. B. Tylor; Sir James Frazer; M. Weber; E. Durkheim; M. Mauss; Evans-Pritchard; G. Simmel; E. Troeltsch.

Figura 28: Sagração de Monsenhor Lefebvre com Papa Pio XII.



Fonte: <http://www.fsspx.org/es/fundador>

Mas, tudo isso posto em perspectiva, uma vez que também é quando surge uma miríade de posições atéias e/ou beligerantes para com a crença, as religiões, etc.

Depois, com o passar dos anos do século XX, mais ainda se disseminou e ampliou a presença de novas formas de crença religiosa não cristã com as quais a Igreja, mesmo se não o quisesse, teria que com elas conversar. Finalizo lembrando que datam desse período as encíclicas do Pp. Leão XIII sobre a verdadeira fé cristã e sua posição frente outros modos de crer; sobre a maçonaria; a liberdade humana.

De Pio IX ao Pp. João XXIII, a Igreja condenará aos católicos⁹⁰ que quiserem manter sua pertença à maçonaria, às sociedades secretas e várias outras práticas filosóficas e religiosas não-cristãs.

⁹⁰ Como esperado, as normas e regras só podem ser aplicadas àqueles que aderem a um grupo ou sociedade, sendo inaplicáveis às pessoas de outros grupos e sociedades de pertença. Salvo quando o grupo de maior poder político impõe ao grupo que lhe é discordante sua posição pela coerção. Daí que estes atos católicos foram repudiados pelos membros dos grupos a que se referiam, com, por exemplo, a maçonaria. Apenas como exemplo da universalidade da prática e sendo externo a Igreja, portanto do mesmo modo, um regramento da vida de seus membros e condenação destes no caso de infração, na Terceira Internacional Comunista, promulgou-se, pelos partidos comunistas presentes, a condenação do pertencimento mútuo ao partido comunista e à maçonaria.

VII. De Leão a João

Em seguida ao Concílio e término, alguns anos depois, do papado de Pp. Pio IX (1846 – 1878)⁹¹, sucederam-se os papados de:

- I. Pp. Leão XIII (Giacchino cardeal Pecci; 1879 – 1903);
- II. Pp. São Pio X (Giuseppe Melchiorre cardeal Sartoia; 1903 – 1914);
- III. Pp. Bento XV (Giacomo cardeal della Chiesa; 1914 – 1922);
- IV. Pp. Pio XI (Achille cardeal Ratti; 1922 – 1939);
- V. Pp. Pio XII (Eugenio cardeal Pacelli; 1939 – 1958)⁹²;
- VI. Pp. João XXIII (Angelo Giuseppe cardeal Roncalli; 1958 – 1963).

No decorrer deles, novas questões e fatos chamaram a atenção dos papas de então e foram moldando a experiência eclesial, tais como os documentos sobre doutrina social da Igreja, afirmação de novos dogmas católicos e posição da Igreja sobre o mundo moderno. Entre os fatos, uma nova separação entre os católicos.

Logo após o Concílio, ocorreu um cisma na Igreja, originando a Velha Igreja Católica ou Antiga Igreja Católica ou Igreja Veterocatólica, que se refere às Igrejas Católicas nacionais autônomas ou às Igrejas Católicas independentes, autocéfalas, no sentido de livre de Roma e ou mando do pontífice romano. Essas igrejas estão aliadas pela União de Utrecht (BITTENCOURT, s/d). Ainda hoje, as Igrejas Veterocatólicas não se encontram em comunhão (doutrinária, legal, de fé) com o Vaticano.

No Brasil, ocorreu, em 1948, um caso semelhante, porém, não fruto direto de ações das Igrejas Veterocatólicas, que foi quando Dom Carlos Duarte Costa, antes bispo católico romano, inclusive incentivador e criador de ordem religiosa, no caso Congregação das Missionárias Terezinhas, separou-se da Igreja e fundou a Igreja Católica Apostólica Brasileira – ICAB. Até o presente momento, ambas as Igrejas não estão “em comunhão”.

Após a 2ª Guerra Mundial, com os seus horrores e as mudanças políticas extraordinárias que lhe sucederam, como a Guerra Fria, novas guerras regionais, fim do colonialismo, somados as variantes econômicas, culturais, científicas que lhe sucederam, a Igreja começa a cogitar seriamente, o Concílio Vaticano II, em especial por meio das conversas do Pp. Pio XII com alguns dos seus cardeais, como o cardeal Ottaviani, e outras pessoas. Algumas delas se oporão à ideia por verem que as forças do modernismo, comunismo, enfim, antieclesiais, estavam disseminadas na Igreja e dele tirariam proveito

⁹¹ Ou seja, este foi o 254º Papa, sendo que este rol perfaz até o 260º Papa.

⁹² Quem define e institui, pela Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, o Dogma da Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma ao Céu.

próprio. Outros opinavam favoravelmente, mesmo vendo certos riscos, por entenderem que a Igreja precisava se manifestar aos fiéis e aos homens de boa vontade; outros tantos, por não verem mal nos pressupostos modernistas.

Neste ínterim é que ocorrerá também uma retomada da antiga ascese cristã, mantida pelas Igrejas católicas (romana e ortodoxas), todavia, abandonada e esquecida pelas comunidades eclesiais cristãs (protestantes antigos e novos). Por fundação do Ir. Roger, um calvinista reformado, entre os anos de 1940-1955 surge a Comunidade de Taizé⁹³, até hoje presente em diversos países.

Esta experiência monástica protestante não é assim tão novidade, basta lembrarmos, por exemplo, que na Igreja Anglicana, apesar do cisma ocorrido no século XVI, há mosteiros dos beneditinos anglicanos e conventos dos franciscanos anglicanos, que vivem conforme as regras de São Bento de Núrsia e São Francisco de Assis. De cunho ecumênico, Taizé crescerá em diálogo com os Papas desde então e os católicos romanos e ortodoxos.

Nesse contexto é que se dá a morte do papa e a eleição de um papa de transição, posto já ser idoso, o Pp. João XXIII⁹⁴.

VIII. Ordens religiosas modernas e na modernidade

Neste período entre os dois Concílios Vaticano, é que nascem, crescem e se formam nos seminários diocesanos ou, dentro das ordens religiosas antigas e novas, aqueles que serão direta ou indiretamente alguns dos principais protagonistas do Vaticano II. Eles reproduziram, com mais ou menos fidelidade, com acréscimos ou novidades, as linhas filosóficas e teológicas das quais são crias. Assim, mesmo com todas as mudanças que se sucederam ao longo das décadas, dois pontos servem de baliza as estas:

- a. A disputa entre conservadores versus modernistas;
- b. Romanos versus não-romanos.

Entre estes atores, teremos os seis últimos papas:

- Pp. João XXIII - Angelo Giuseppe Roncalli (1881-1963)
- Pp. Paulo VI - Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini (1897-1978)
- Pp. João Paulo I - Albino Luciani (1912-1978)
- Pp. João Paulo II - Carol Wojtyla (1920-2005)
- Pp. Bento XVI - Joseph Aloisius Ratzinger (1927-)

⁹³ Informações a respeito da Comunidade de Taizé podem ser obtidas na vasta bibliografia a seu respeito e do irmão Roger, ou diretamente no seu site: www.taize.fr.

⁹⁴ Por ter sido um Conclave bem dividido na disputa pelas diferentes forças políticas *lato sensu* presentes é que se optou pela eleição de um papa de transição, o qual fosse consenso entre estas mesmas forças.

- Pp. Francisco - Jorge Mario Bergoglio (1936-)

Como também alguns dos principais religiosos envolvidos no que seria e foi o Vaticano II e no que ocorreu após. Assim temos neste período, entre outros tantos⁹⁵, aqueles que formaram alguns dos futuros protagonistas e ou levaram suas ordens religiosas a isto, bem como o nascimento dos atores presentes ao evento conciliar, sua formação, ordenação e a conquista de status em suas ordens, ou dentro da Igreja:

- Alceu Amoroso Lima (1893–1983)
- Chiara Lubich (1920-2008)
- D. Alfredo cardeal Ottaviani (1890-1979)
- D. Antônio de Castro Mayer (1904-1991)
- D. Columba Marmion, osb (1858-1923)
- D. Giuseppe cardeal Siri (1906-1989)
- D. Godefroid Bélorgey, ocsso (1880-1964)
- D. Jean-Baptiste Chautard, ocsso (1858-1935)
- D. Marcel cardeal Lefebvre, cssp(1905 -991)
- D. Thomas Merton, ocsso (1915-1968)
- D. Walter cardeal Kasper (1933-)
- Etienne Gilson (1884-1978)
- Fr.Pe.Marie-Dominique Chenu, op (1895-1990)
- Fr. Pe. Maximiliano Maria Kolbe, ofmconv (1894-1941)
- Fr. Pe. Pio de Pietrelcina, ofmcap (1887-1968)
- Fr. Pe. Reginald Marie Garrigou-Lagrange, op (1877-1964)
- Fr. Pe. Yves cardeal Congar, op (1904-1995)
- Gustavo Corção (1896–1978)
- Jacques Maritain (1882-1973)
- Madre Teresa de Calcuta, mc (1910-1997)
- Pe. Giacomo Alberione, ssp(1884-1971)
- Pe. Hans Küng (1928-)
- Pe. Hans Urs von Balthasar, ex-sj (1905-1988)
- Pe. Henri-Marie cardeal de Lubac, sj (1896-1991)

⁹⁵ De forma alguma, minha lista de nomes é totalizante dos participantes ou mesmo abarca todas as correntes teológicas e filosóficas em disputa no período pré-conciliar, do Vaticano II e pós-conciliar. Com elas, busco apenas ilustrar com os citados o envolvimento ativo nas questões vividas pela Igreja dos diversos atores, das instituições religiosas e das laicas.

- Pe. Karl Rahner, sj (1904-1984)
- Pe. Luigi Giussani (1922-2005)
- Pe. Pierre Teilhard de Chardin, sj (1881-1955)
- Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995)

Do mesmo modo inter-conciliar, há a consolidação e expansão de algumas ordens e o surgimento de outras tantas, bem como de movimentos leigos, agora, de uma forma, nova reatualizando as antigas ordens terceiras⁹⁶, porém sem substituí-las. Entre essas ordens e movimentos teremos⁹⁷:

- I. Ação Católica (1938)
- II. Espiritanos (1703);
- III. Gioventù Studentesca/Comunhão e Libertação (1954);
- IV. Legionários de Cristo (1941);
- V. Missionárias da Caridade (1950)
- VI. Movimento dos Focolares (1943);
- VII. Opus Dei (1928);
- VIII. Orionitas (1899);
- IX. Padres Brancos (1868);
- X. Salesianos (1859);
- XI. Tradição, Família e Propriedade (1960);
- XII. Verbitas (1875)

Por fim, modernismo e tradição⁹⁸ se rearrumam no período com novos atores seus e frente a novos atores internos e externos da Igreja, particularmente, os partidos de esquerda e os movimentos culturais e sociais que emergem no mundo pós 2ª Guerra Mundial, primordialmente na Europa. Pertencimentos, padrões culturais, identidades e alteridades serão vivamente postos em cheque no Concílio que seria, a princípio, para concluir o anterior e

⁹⁶ Ordens terceiras são as ordens formadas por leigos católicos que seguem a mesma espiritualidade das ordens primeiras (religiosos) e segundas (religiosas), não estando, no entanto, subordinadas às ordens religiosas. Surgiram na Idade Média com as ordens mendicantes, como, por exemplo: Ordem Terceira de São Domingos, Ordem Franciscana Secular, Ordem Terceira do Carmo. Pelas duas características apontadas é que se diferem das irmandades religiosas. Também como experiência leiga há, a séculos, a oblação que é o vínculo espiritual de leigos a um determinado mosteiro (beneditino, cisterciense, trapista), estando a ele ligados e subordinados ao abade ou abadessa, tal e qual os monges e monjas professos.

⁹⁷ Aqui, também reitero a parcialidade de minhas listas, as quais têm como objetivo ilustrar a diversidade e amplitude de atores e instituições envolvidas, bem como repor para nós o dinamismo, a pulsação daqueles anos, que marcarão o Vaticano II.

⁹⁸ Ou como querem alguns, numa análise com uso de linguagem e categorias próprias da política, a disputa mais acirrada se dá entre progressistas e conservadores – havendo, é claro, espaço para os moderados “*allegro ma non troppo*” até os “*adagio*”. Lembrando que ficando entre duas posições diametralmente opostas haverá mais movimentos de exclusão do que de inclusão do outro, ao contrário de quando ocorrem mais posições, situação na qual se permitem alianças e novas configurações de inclusões e exclusões.

reafirmar a Igreja no mundo. Tudo na Igreja será então questionado, incluindo os religiosos e seus modos de vida, seus valores e costumes, a começar por eles mesmos.

DO CONCÍLIO VATICANO II
E DO PÓS-CONCÍLIO

En una noche oscura,
 con ansias, en amores inflamada,
 ¡oh dichosa ventura!,
 salí sin ser notada,
 estando ya mi casa sosegada.

A oscuras y segura,
 por la secreta escala, disfrazada,
 ¡oh dichosa ventura!,
 a oscuras y en celada,
 estando ya mi casa sosegada.

En la noche dichosa,
 en secreto, que nadie me veía,
 ni yo miraba cosa,
 sin otra luz y guía,
 sino la que en el corazón ardía.

Aquesta me guiaba
 más cierto que la luz de mediodía,
 adonde me esperaba
 quien yo bien me sabía,
 en parte donde nadie parecía.

¡Oh noche, que guiaste!

¡Oh noche amable más que la alborada!

¡Oh noche que juntaste

Amado con amada,

amada en el Amado transformada!

En mi pecho florido,
que entero para él solo se guardaba,
allí quedó dormido,
y yo le regalaba,
y el ventalle de cedros aire daba.
El aire de la almena,
cuando yo sus cabellos esparcía,
con su mano serena
en mi cuello hería,
y todos mis sentidos suspendía.
Quedéme y olvidéme,
el rostro recliné sobre el Amado;
cesó todo y dejéme,
dejando mi cuidado
entre las azucenas olvidado.

San Juan de la Cruz, ocd (1542-1591)

Noche Oscura del Alma

DO CONCÍLIO VATICANO II E DO PÓS-CONCÍLIO: modernistas x tradicionalistas x reforma da reforma

I. Atualizar-se para o mundo

Pela Constituição Apostólica *Humanae Salutis* (Salvação Humana), o Papa João XXIII (1957-1963) se dirige à Igreja e a convoca à oração pelo sucesso do próximo concílio, bem como, à participação no mesmo.

Chama a atenção o convite, feito ao fim, para “os cristãos das Igrejas separadas de Roma, pois também a eles o concílio trará frutos. Sabemos que muitos destes filhos estão ansiosos por um retorno à unidade e à paz, segundo o ensinamento e a prece de Cristo ao Pai.”. Dizia então o Pp. João XXIII (1961):

A Igreja assiste, hoje, à grave crise da sociedade. Enquanto para a humanidade surge uma era nova, obrigações de uma gravidade e amplitude imensas pesam sobre a Igreja, como nas épocas mais trágicas da sua história. Trata-se, na verdade, de pôr em contacto com as energias vivificadoras e perenes do evangelho o mundo moderno: mundo que se exalta por suas conquistas no campo da técnica e da ciência, mas que carrega também as conseqüências de uma ordem temporal que alguns quiseram reorganizar prescindindo de Deus. Por isso, a sociedade moderna se caracteriza por um grande progresso material a que não corresponde igual progresso no campo moral. Daí enfraquecer-se o anseio pelos valores do espírito e crescer o impulso para a procura quase exclusiva dos gozos terrenos, que o avanço da técnica põe, com tanta facilidade, ao alcance de todos; e mais ainda - um fato inteiramente novo e desconcertante - a existência do ateísmo militante, operando em plano mundial.

Destaco, neste primeiro momento, que o Pp. João XXIII propõe na realidade uma intervenção da Igreja no mundo, como cura das almas, pelo anúncio renovado do Evangelho, como maneira de superar os pontos negativos da sociedade moderna⁹⁹, os quais tanto chamaram a atenção da Igreja no século XIX e que se propagaram e cresceram com o passar das décadas seguintes:

1. Abandono de Deus e de seus valores;
2. Diminuição da moral na prática cotidiana;
3. Hedonismo;
4. Ateísmo militante.

Posteriormente, o Pp. João XXIII escreverá marcando a data oficial de abertura do Concílio, vinculando o mesmo, pela data escolhida ao Concílio de Éfeso, século V:

⁹⁹ Mantendo, do mesmo modo, a visão da Igreja com o Concílio Vaticano I em relação à modernidade.

A 25 de Dezembro do ano passado, 1961, festa do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo, actuando uma decisão longamente amadurecida no Nosso espírito, e ao mesmo tempo satisfazendo a expectativa comum do mundo católico, com a Constituição apostólica «*Humanae salutis*» convocámos para o corrente ano de 1962 a celebração do Concílio Ecuménico Vaticano II. Agora, depois de atenta reflexão, e com o fim de darmos aos participantes do Concílio a possibilidade de predisporem com tempo todas as coisas, determinamos estabelecer para o dia 11 do próximo mês de Outubro a inauguração do Concílio Ecuménico Vaticano II. Escolhemos esta data sobretudo por este motivo: porque ela se prende à lembrança do grande Concílio de Éfeso, que teve suma importância na história da Igreja. (Carta Apostólica sob forma de *Motu Proprio, Consilium*, do Papa João XXIII, de 2 de Fevereiro de 1962)¹⁰⁰.

A respeito deste Concílio Ecumênico, nele a Igreja tratou sobre a divindade de Jesus Cristo, afirmando ele ter duas naturezas, a humana e a divina, daí ser verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus; e, portanto, Maria sua mãe, ser mãe de Deus (*Theotokos, Mater Dei*). O Concílio de Éfeso também tratou e tomou posição contra as posições de¹⁰¹:

- Monge Pelágio e sua negação do pecado original e da necessidade da graça para a salvação dos homens;
- Presbítero Ário e sua negação de que Jesus seria igual a Deus Pai e Deus Espírito Santo;
- Presbítero Sabélio e a negação da Santíssima Trindade, de três pessoas e um só Deus, posto que as pessoas divinas seriam apenas “modos” de um único Deus.

Olhando para o Concílio temos que lembrar a grandiosidade que teve em termos da Igreja católica, com a participação massiva de seus cardeais, de milhares de seus bispos, dos superiores gerais das ordens religiosas católicas e de milhares de padres seculares (diocesanos) e de padres e irmãos religiosos (como auxiliares e peritos para seus bispos). Também foi grandioso para as outras denominações cristãs: ortodoxos e protestantes, os quais foram convidados e aceitaram a participar na condição de ouvintes e consultores, daí não ser estranha a presença do Ir. Roger, de Taizé, ali. Também foi um evento marcante para o mundo, posto a ampla cobertura que teve pela mídia na época, ali estando os jornalistas vaticanistas ligados a diferentes meios de comunicação, e de diferentes países. Todos de olho no que a Igreja iria querer e faria com o este seu Concílio¹⁰².

¹⁰⁰ Cf. http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/motu_proprio/documents/hf_j-xxiii_motu-proprio_19620202_concilium.html

¹⁰¹ Cf. Bettencourt (s/d), Blainey (2012), The Catholic Encyclopedia (<http://www.newadvent.org/cathen/>).

¹⁰² A respeito do Concílio há vários filmes e documentários, os quais são facilmente encontrados na internet, como:

Figura 29: Padre Duval, sj.



Fonte: <http://dune2.unblog.fr/category/tous-les-articles-parus/duval-aime-pere>

O Vaticano II ficará marcado pela manifestação da Igreja neste momento, de querer ir ao encontro dos outros: Igrejas católicas separadas¹⁰³; cristãos separados¹⁰⁴; homens de boa-vontade; mas também os de “má-vontade” serão ouvidos, procurados e olhados. Aos homens de boa-vontade e os demais homens a Igreja lançará mão tanto do diálogo inter-religioso, ou seja, a conversa com aqueles que não professam o cristianismo, como dos trabalhos de cunho cultural e intelectual por parte do clero e dos leigos.

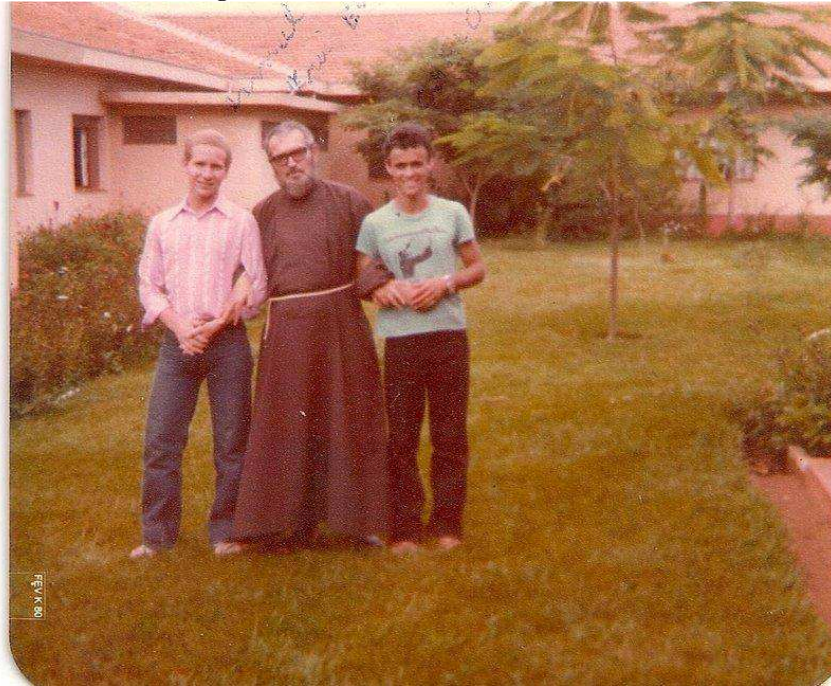
-
- Do Pp. Bento XVI (O Vaticano II, tal como eu o vi. Bento XVI, discurso ao Clero de Roma, 14/02/2013 - legendado);
 - Do Prof. Roberto de Mattei (Bastidores do Concílio Vaticano II, parte 1 e 2);
 - A minissérie: Papas do Concílio em 10 episódios.

Como é normal, há, entre o material encontrado, melhores em matéria de produção (imagem, som, etc), conteúdo, análise.

¹⁰³ Relembro que as Igrejas católicas, na compreensão da Igreja Católica Apostólica Romana, são aquelas que possuem sucessão apostólica válida, daí o seu reconhecimento às Igrejas ortodoxas. Igualmente seja recordado o fato da mutua suspensão das excomunhões feitas pelas igrejas católicas apostólicas romana e ortodoxa após o Concílio Vaticano II.

¹⁰⁴ A Igreja compreende os demais cristãos, aqueles não pertencentes às Igrejas católicas apostólicas, como reunidos em Comunidades Eclesiais, ou seja, não estão em plena comunhão com ela e as outras igrejas católicas (ortodoxas). Para estas denominações e as demais Igrejas católicas, é que Igreja escreveu ao longo do século XX e início desde, documentos, como por exemplo: Encíclica *Mortalium Animos* Sobre a Promoção da verdadeira Unidade de Religião, pelo Papa Pio XI (6 de janeiro de 1928); *Ut Unum Sint* Sobre o Empenho Ecuménico, pelo Papa João Paulo II (25 de maio de 1995), com referências seguidas ao Vaticano II. Afora encontros com líderes destas diversas igrejas e comunidades eclesiais. Todos visando ao Ecumenismo e, portanto, a reunião de todos os cristãos numa só comunidade de fiéis.

Figura 30: Fr. Eusébio Ferreto, fmm. 1980.



Fonte: <http://fmmissionarios.blogspot.com.br/>

Desta forma, para dar condições reais para o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, que vingará após o Concílio, a Igreja desenvolverá os organismos da Santa Sé, como, por exemplo, alguns dos Conselhos Pontifícios:

- Para os Leigos;
- Para a Promoção da Unidade dos Cristãos;
- Para as Relações Religiosas com o Judaísmo;
- Família;
- Para a "Justiça e Paz";
- "Cor Unum";
- Para o Diálogo Inter-religioso;
- Para a Cultura;
- Para as Comunicações Sociais;
- Promoção da Nova Evangelização.

A Igreja quis se atualizar para o mundo, ou no termo que ficou famoso: a Igreja fará o *aggiornamento* para estar com seus filhos e todos os homens. Lembrando-se da Carta Encíclica *Mater et Magister*, do Pp. João XXIII, de 15 de maio do ano de 1961, onde a Igreja se declara:

Mãe e mestra de todos os povos, a Igreja Universal foi fundada por Jesus Cristo, a fim de que todos, vindo no seu seio e no seu amor, através dos séculos, encontrem plenitude de vida mais elevada e penhor seguro de salvação. A esta Igreja, "coluna e fundamento da verdade" (cf. 1 Tm 3, 15), o seu Fundador santíssimo confiou uma dupla missão: de gerar filhos, e de os educar e dirigir, orientando, com solicitude materna, a vida dos indivíduos e dos povos, cuja alta dignidade ela sempre desveladamente respeitou e defendeu.

Aqui cabe perguntar: a atualização da Igreja era em consequência de ela ter ficado para trás, se perdido no tempo, presa às práticas de suas épocas passadas¹⁰⁵, cabendo então se reformar, ou mais radical, se revolucionar? Ou o mundo é que perdera seu rumo, ensimesmado com suas conquistas técnico-científicas, suas modernidades fracionadas, cabendo à Igreja se manter inalterada como um farol, sinalizando em mar revolto? Tocando a mesma tecla, cabendo à Igreja manter-se a mesma, mas sair de seu porto seguro e navegar nas águas do século? Aqui, lanço mão da metáfora da barca, pois é cara como tal à própria Igreja, ao mesmo tempo em que retomo a idéia exposta por Damatta, que citei anteriormente.

Figura 31: Redentoristas transalpinos.



Fonte: <https://facebook.com/redemptorists>

Aquelas pessoas de então ao formularem a pergunta para si mesmos e obterem a resposta recebida à pergunta feita, fazem com que os diversos e diferentes atores internos da

¹⁰⁵ Esta forma de expor o passado anterior ao Concílio é recorrente em artigos, livros, conferências, sermões, como eu os tenho encontrado. Como demonstra à Antropologia esta forma de ver os outros e o mundo dos outros remete à teoria evolucionista social e ao evolucionismo cultural e aos "fósseis culturais". A este respeito ver Evans-Pritchard (1978), Mello (2007) entre outros mais.

Igreja: indivíduos: leigos, sacerdotes e religiosos; as ordens e congregações; os diversos movimentos eclesiais, etc, se posicionem frente ao momento histórico então:

- Com a “ruptura” com o passado recente, que vêm como de inoperância e ineficácia no anúncio do Evangelho;
- Com a permanência da tradição sem reforma conciliar, por conta da protestantização e ou secularização que intuem chegar e, conseqüentemente, novas e profundas divisões entre os cristãos, além da perda fé;
- Ou a reforma conciliar sem rupturas intestinas, pois creem poder mudar e permanecer o mesmo, que foi a linha adotada pelos papas João Paulo II e Bento XVI, que para os primeiros eram tradicionalistas, e para os segundos progressistas.

II. Do campo disputado

Como dito anteriormente, já vinha de tempo a vontade por parte das autoridades da Igreja de se celebrar um novo concílio, o qual concluiria os trabalhos deixados em aberto pelo Concílio Vaticano I. As conversas e, portanto, a intensão a este respeito, chegam a seu ponto final logo em seguida a eleição do Pp. João XXIII que decide realizar tal concílio, uma das metas que tinha para seu pontificado.

Figura 32: Reunião Capitular – Mosteiro Beneditino de La Barroux – FR.



Fonte: <http://www.barroux.org/>

A série de movimentos e de posicionamentos que a Igreja experimenta a partir do anúncio feito, foram vividos internamente como disputa política pelo poder dela, às vezes de

maneira silenciosa às vezes com muito estardalhaço, para decidir o rumo que seria seguido pelos católicos e como a Igreja se posicionaria no mundo moderno. Aqui compreendida a política como a busca pelo poder por parte de pessoas e grupos de pessoas, de forma a exercitarem efetivamente este poder, ou seja, a capacidade de determinarem ou pelo menos influenciar fortemente a ação da sociedade e de outras pessoas. E dado que ninguém age sem motivos, e bons motivos aos quais julga superiores aos dos demais, cada um dos atores envolvidos esteve orientado por uma ideologia em sentido dumontiano. Isto pôde se dar, e se deu, de maneiras mais ou menos belicosas a modos mais sutis de dominação e hegemonia, ou mais *softs* ou mais pesadas, por parte dos atores envolvidos, em especial aos religiosos e às ordens religiosas com participação mais proeminente no Concílio e no pós Concílio. Devemos recordar que tudo isto não é algo estranho à própria história da Igreja, como o demonstra a experiência dos Concílios anteriores¹⁰⁶ e os desdobramentos práticos posteriores (Bettencourt, s/d; Blainey, 2012).

Figura 33: Teólogos protestantes que contribuíram com o Pp. Paulo VI na mudança da liturgia da Missa.



Fonte: <http://www.montfort.org.br/a-intencao-a-participacao-e-a-conclusao-protestante-na-missa-nova/>

Também vejo que foi um evento, tal qual um rito de passagem, que gerou a suspensão da ordem que vigia, pondo em cheque a unidade católica, com uma situação de liminaridade, ao mesmo tempo em que preparava uma nova posição no mundo para as ordens e a Igreja (Turner, 1974). Ressalvando que no caso aqui exposto as pessoas envolvidas não transitarium de uma posição social para outra como nos ritos de passagem, ou como na liminaridade viveriam um estado de *communitas* para consolidarem-se depois como no surgimento de

¹⁰⁶ Como o de Éfeso anteriormente citado.

algumas das ordens religiosas. O estado de liminaridade, entre o que era e o que viria a ser, implicava na mudança da estrutura antiga para uma nova, que ninguém saberia precisar ou indicar qual.

Figura 34: P. Stefano Maria Pio Manelli, ffi, e P. Gabrielle M. Pellettieri, ffi.



Fonte: <http://ffranciscanosdaimaculada.blogspot.com.br/>

Estas disputas políticas, reitero, eu as vejo em sentido amplo, e que também não eram e nem foram nenhuma novidade para a própria Igreja em seus 20 séculos de existência. Talvez o que mais perturbou no desenrolar do Concílio, mas principalmente após seu término, é o grau de contundência das ações entre estes atores, e as posições que defendiam com força, o que deixou claro a existência de um mal-estar grande dentro mesmo da própria Igreja que, como procurei demonstrar até aqui, já vinha da época do Concílio Vaticano I.

Obviamente cada grupo: coligação de religiosos; ordens religiosas; escolas teológicas; grupos de cardeais; correntes filosóficas, realizando alianças e conversas políticas, buscou para si a legitimação de seus atos, recorrendo, principalmente, às Sagradas Escrituras, à Tradição e ao Magistério da Igreja. Apenas chamo a atenção para o fato de que em tempos mais normais, estes três pontos são vistos e vividos em unidade, ou pelo menos ensinados como tais.

Figura 35: Santa Missa – quadro comparativo.

SANTA MISSA	
GREGORIANA	Paulo VI
Sacrifício	Banquete
Ação sacrificial (faça ISTO)	Memorial (em MEMORIA de mim)
Renovação incruenta do Sacrifício da Cruz	Narração da Instituição da Eucaristia
As diferenças aparecem ainda nos aspectos secundários:	
Língua sagrada para um sacrifício	Vernáculo, para uma refeição
Todos virados para o altar do sacrifício	Todos em torno da mesa do banquete
Missa odiada pelos protestantes	Missa concebida com ajuda de seis pastores e com o aplauso de protestantes do mundo todo
É O MESMO RITO OU SÃO DIFERENTES?	

Fonte: <http://fsspx.org/>

Deste modo, comumente, como me enfatizaram ao longo dos anos diferentes religiosos, temos que a narrativa da Bíblia deve ser entendida e vivida dentro do conjunto da Tradição bimilenar cristã, e dirigida e orientada pelo Magistério vivo da Igreja que é o conjunto formado pelos bispos em unidade com o papa de um determinado período, o que pressupõe a aceitação das experiências rituais das diferentes igrejas particulares. Exemplificando, como me disse um dos religiosos, por mais importante que um determinado pontificado tenha sido, para os dias de hoje temos que ouvir o papa reinante e os bispos que estão com ele. Interessante que o uso deste argumento, para validar ou desautorizar os outros grupos, eu o ouvi de religiosos de tendências antagônicas, ou seja, dos modernistas/progressistas como também dos da tradição/conservadores. Os reformistas/moderados também têm suas queixas, as quais dirigem aos membros dos dois outros grupos por considerá-los de “ruptura com o Concílio”, posto que eles se vêem como a reforma, correta diga-se, da Igreja proposta pelo Concílio.

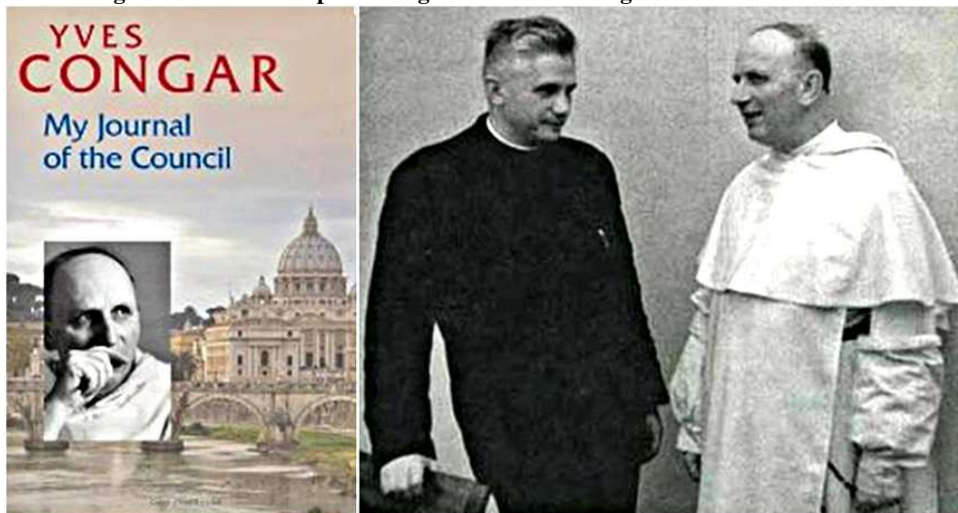
Figura 36: Antigo Seminário de madeira perto da Igreja do Menino Deus. Toledo – PR.



Fonte: <http://fmmissionarios.blogspot.com.br/>

Se o que estava em jogo era o poder dentro da Igreja, bem como a posição do mundo católico frente a outras realidades como os escolas filosóficas da época, a secularização da sociedade, e outros grupos de poder tais como os partidos políticos, em particular os de esquerda, as nações, etc, o campo das disputas não se limitou ao interno da Igreja e das ordens religiosas¹⁰⁷, mas extrapolou para o campo midiático, fosse católico ou não, os quais passaram expressar as aspirações ideológica dos modernistas, dos moderados e dos tradicionalistas.

Figura 37: Padre Joseph Ratzinger e Frei Yves Congar. Concílio Vaticano II.



Fonte: <http://benedittoxivforum.freeforumzone.leonardo.it/discussione.aspx?idd=8527207&p=325>

¹⁰⁷ A este respeito ver, por exemplo, os trabalhos de Guimarães (1985), da Conferencia Episcopal Argentina (2001), e dos padres Iaccuzzi, Re e Suppo (2001), de cunho sobre posicionamentos dentro da Igreja, à época e depois, e de memorialista do período. Enfim, de como as pessoas se viram à época de tantas boas promessas para a vida da Igreja.

Que ao longo dos anos se aproximaram e distanciaram ao sabor da consolidação dos documentos emanados do Vaticano II, dos documentos papais de depois do Concílio, bem como do “espírito do Concílio”.

Termino este ponto recordando que a maioria dos meus entrevistados, incluindo padres seculares e alguns bispos, relutou fortemente em ver ou aceitar uma análise que também levasse em conta o aspecto político, de disputa de poder, como aqui expus. Era como se tudo fosse apenas um debate teológico, ou mais mundano, filosófico sobre a Igreja e o mundo. Para vários deles seria e é errado, por julgarem um exagero, analisar o evento e do que dele decorre desse jeito; para alguns, creio, era e foi até meio ofensivo minha proposição de que religiosos, padres, bispos, leigos agem também por jogos e interesses políticos, algo que, para alguns, soava mesquinho.

E isto ao mesmo tempo em que, sejam a quais grupos ou tendências eclesiais que tenham, analisam uns aos outros não apenas teológica e filosoficamente, mas com categorias da política: de direita, de esquerda, conservador, progressista, moderado, entre outras tantas.

III. Um evento histórico

Quanto ao que ocorreu, o Papa Bento XVI (2008-2013)¹⁰⁸ assim se expressou sobre o momento histórico da abertura do Concílio e da impressão positiva que lhe causara:

Foi um dia maravilhoso aquele 11 de Outubro de 1962 quando, com a entrada solene de mais de dois mil Padres conciliares na Basílica de São Pedro em Roma, se abriu o Concílio Vaticano II. Em 1931, Pio XI colocara no dia 11 de Outubro a festa da Maternidade Divina de Maria, em recordação do facto que mil e quinhentos anos antes, em 431, o Concílio de Éfeso tinha solenemente reconhecido a Maria esse título, para expressar assim a união indissolúvel de Deus e do homem em Cristo. O Papa João XXIII fixara o início do Concílio para tal dia com o fim de confiar a grande assembleia eclesial, por ele convocada, à bondade materna de Maria e ancorar firmemente o trabalho do Concílio no mistério de Jesus Cristo. Foi impressionante ver entrar os bispos provenientes de todo o mundo, de todos os povos e raças: uma imagem da Igreja de Jesus Cristo que abraça todo o mundo, na qual os povos da terra se sentem unidos na sua paz. (Bento XVI: 2012).

À época ele foi um dos padres chamado pelos bispos da conferência episcopal da Alemanha para atuar como teólogo perito. Muitos analistas sobre o Vaticano II consideram que ele estava ligado, naquela época, ao grupo modernista dos padres conciliares. Chama a atenção ao ler o seu texto, logo no segundo parágrafo, a descrição de considerarem a

¹⁰⁸ Assistir ao vídeo de seu discurso ao Clero de Roma, 14/02/2013, acima citado.

inexistência de um problema específico para Igreja, porém que a mesma já se via como interlocutora para os cristãos, diz ele:

[...] pairava no ar um sentido de expectativa geral: o cristianismo, que construíra e plasmara o mundo ocidental, parecia perder cada vez mais a sua força eficaz. Mostrava-se cansado e parecia que o futuro fosse determinado por outros poderes espirituais. Esta percepção do cristianismo ter perdido o presente e da tarefa que daí derivava estava bem resumida pela palavra “atualização”: o cristianismo deve estar no presente para poder dar forma ao futuro. (...) Foi esta a grandeza e ao mesmo tempo a dificuldade da tarefa que se apresentava à assembleia eclesial. (Papa Bento XVI: 2012)

Este é o texto em português que obtive no site do próprio Vaticano. Nele empregou-se o termo ‘atualização’ com equivalente ao termo italiano ‘*aggiornamento*’. O texto em italiano, que é como foi publicado, pode ser também lá encontrado¹⁰⁹.

Figura 38: Frades menores missionários. 2013.



Fonte: <http://fmmissionarios.blogspot.com.br/>

¹⁰⁹ No *L'Osservatore Romano*, 11 ottobre 2012, e se acha no site do Vaticano, traz: “... *alleggiava nell’aria un senso di attesa generale: il cristianesimo, che aveva costruito e plasmato il mondo occidentale, sembrava perdere sempre più la sua forza efficace. Appariva essere diventato stanco e sembrava che il futuro venisse determinato da altri poteri spirituali. La percezione di questa perdita del presente da parte del cristianesimo e del compito che ne conseguiva era ben riassunto dalla parola “aggiornamento”. (...) Fu questa la grandeza e al tempo stesso la difficoltà del compito che si presentava all’assemblea ecclesiale.*” (Bento XVI: 2012)

Dos papas pós-conciliares recordo que o Pp. Paulo VI (diocese de Milão, Itália, 1955-1963), Pp. João Paulo I (diocese de Vittorio Veneto, Itália) e João Paulo II (diocese de Cracovia, Polônia)¹¹⁰ já eram bispos à época do Vaticano II¹¹¹ e nesta condição participaram do mesmo. O Pp. Bento XVI e o Pp. Francisco¹¹² eram apenas sacerdotes no período, sendo que o então Pe. Ratzinger¹¹³, padre secular, como disse, foi um dos assessores dos bispos alemães que trabalharam como perito no Concílio. Como está em sua biografia, como papa, no site do Vaticano (2013): de 1962 a 1965, prestou um notável contributo ao Concílio Vaticano II como “perito”; viera como consultor teológico do Cardeal Joseph Frings, Arcebispo de Colônia.

Figura 39: Fraternidade sacerdotal São Pedro.



Fonte: <http://www.fssp.org/pt/presentation.htm>

Mas voltando, este mesmo estado de ânimo, de expectativa e de alegria, ouvi de alguns dos religiosos mais velhos que entrevistei, como de Irmão Clemente, monge beneditino¹¹⁴, que rememorando aquela época, me disse que os religiosos em suas casas,

¹¹⁰ Inicialmente como bispo auxiliar, 1958-1963; depois como titular.

¹¹¹ Cf. site do Vaticano.

¹¹² O então padre Bergoglio, sj, atuava em sua ordem e fazia seus estudos neste período.

¹¹³ Como está em sua biografia como papa (site do Vaticano, 2013): “Em 25 de Março de 1977, o Papa Paulo VI nomeou-o Arcebispo de München e Freising. A 28 de Maio seguinte, recebeu a sagração episcopal.”

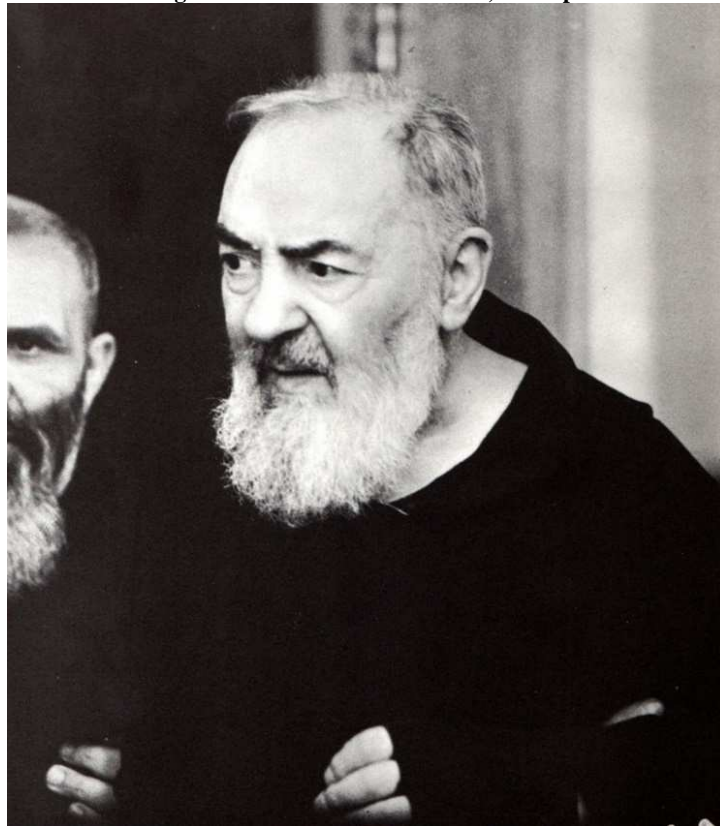
¹¹⁴ Sua condição é de oblato regular, ou seja, de um monge beneditino que por autorização especial de seu abade, deixa o mosteiro e, portanto, o convívio dos seus irmãos, e passa a viver em residência própria. Sem, contudo, deixar de ser um monge professo e que assim deve viver. Regularmente, conforme os acertos entre o abade e o oblato, este volta ao mosteiro. No caso de Ir. Clemente ele é ligado ao mosteiro de São Bento de Olinda,

conventos, mosteiros, recebiam as informações sobre o que ia se desenrolando, bem como, a partir de então, se adequando às novas diretrizes vindas da “letra do Concílio” ou do “espírito do Concílio”. A este respeito, por exemplo, é a experiência de atualização de um mosteiro de monjas beneditinas, como mostra a pesquisa de Wilma Bueno (2008).

IV. Cultura, artes, política e sociedade

Particularmente com relação aos anos do Vaticano II, década de 60, e os anos 70 do século passado, devemos nos lembrar que nele se deu uma série de acontecimentos que modificarão a vida das pessoas e, em alguns casos, definirão um novo modo de vida para a sociedade.

Figura 40: Frei Pio de Petrelcina, ofmcap.



Fonte: <http://www.aleteia.org/pt/religiao/artigo/bilocacao-do-padre-pio-5788226971238400>

No campo da cultura, da arte e da comunicação: movimento hippie nos EUA, com difusão para outros países; início do movimento dos homossexuais; movimento feminista; movimento pela liberdade sexual; maior uso de drogas, em alguns casos publica e notoriamente; movimento contra o racismo e pela igualdade racial; relativismo cultural;

PE.Aqui, mais uma vez, agradeço sua imensa ajuda ao longo destes anos todos, em meu aprendizado sobre a vida religiosa consagrada.

popularização da televisão como meio de comunicação e de entretenimento da população; religiosidades nativas, ancestrais e New Age; expansão do neopentecostalismo; expansão do islamismo.

No campo das ciências e tecnologia: escola estruturalista, com Lévi-Strauss (Ciências Sociais), Lacan (psicologia), Barthes (semiologia); corrida espacial, com viagens para a Lua e lançamento de centenas de satélites militares, de comunicação, meteorológicos, de pesquisa; início da telefonia móvel; criação, desenvolvimento da rede mundial de computadores, *internet*, a princípio de uso militar e acadêmico; desenvolvimento e disseminação do uso das pílulas anticoncepcionais;

No campo político e social: crescimento da atuação da ONU; Guerra do Vietnam; agravamento da Guerra Fria; crescimento da importância dos países árabes/muçumanos, na geopolítica mundial; guerras árabe-palestino-israelense; guerrilhas esquerdistas na Europa, ao estilo Baader-Meinhof; guerrilhas esquerdistas e regimes ditatoriais e ou totalitários na maioria dos países da América do Sul; Maio de 1968 na França; fim da segregação racial oficial nos EUA; corrida armamentista entre EUA, URSS e China; crescimento exponencial do narcotráfico no mundo, entre países produtores de drogas e países consumidores.

Figura 41: Frei Maurice Cocagnac, op.



Fonte: <http://www.dominicains.fr/les-talents-de-cocagnac>

Claro que as listas que apresento acima, como todas as listas, sofrem de ausências por idiossincrasias minhas, de falta de memória e ou de ignorância mesmo, de acontecimentos em

todas as áreas da vida, como também de invenções e inovações científico-tecnológicas. Procuro, com elas, acentuar a diversidade de situações vividas nas quais e para as quais a Igreja tentará dar sua resposta. Por exemplo sobre a família e os valores da monogamia, paternidade responsável, defesa da vida e contra o aborto, unidade da fé e da razão, etc.

V. Participação durante e após, das ordens e congregações

Um dado me chamou a atenção ao ler a respeito do Concílio Vaticano II. Inicialmente me pareceu que os religiosos a ele se referiam somente pelos avanços que vislumbravam terem ocorrido a partir do mesmo, como por exemplo:

1. Por alguns dos religiosos mais velhos (de 65 anos para mais), tanto aqueles ligados à CRB como outros mais¹¹⁵ vinculados ao grupo modernista-progressista.
2. Também, neste caso, pelas referências aos próprios textos do Concílio ou deles derivados.
3. Pelos religiosos que o viram ou veem como um momento ruim, até hoje vivido pela Igreja.

Contudo, ao levantar os nomes de alguns dos principais atores e autores daquele momento, surgiram entre eles vários religiosos: jesuítas, dominicanos, franciscanos, beneditinos, e outros mais como agentes proeminentes e proponentes importantes do que estava para vir e veio. Neste sentido tais religiosos agiram como ideólogos do Concílio, seguindo a definição dada por Dumont (1985) para ideologia, como sendo a adesão do indivíduo à visão do grupo de pertencimento, deste modo algo positivo para a vida das pessoas, pois as orienta frente ao conhecido e ao desconhecido, sejam pessoas ou coisas.

A maioria dos religiosos e religiosas que citei no capítulo anterior, nascidos entre os Concílios, teve participação ativa e destacada ao longo do período do Vaticano II e do que veio a ser vivido depois pelos católicos. Obviamente outros religiosos mais tiveram participação no Concílio e ou no que lhe sucedeu, porém os mencionados foram direta ou indiretamente mais citados nas obras que li e ou referidos pelos religiosos nas entrevistas que realizei: freis dominicanos Chenu, Congar e Garrigou-Lagrange; padre Rahner, sj; cardeal Lefebvre, spiritiano; padre trapista Merton. Eles estarão, até suas mortes, envolvidos nas discussões posteriores, dentro e fora de suas ordens, sobre as antigas e novas teologias, os antigos e novos ritos, a antiga e nova educação católica.

¹¹⁵ Incluindo neste conjunto aqueles que são ex-religiosos, sejam eles solteiros ou casados.

Figura 42: Freis Dominicanos Yves Congar e Marie-Dominique Chenu.



Fonte: <http://www.dominicains.ca/Histoire/Figures/chenu.htm>

Com maior ou menor frequência eles prolongaram os debates conciliares em seus livros, aulas, entrevistas, programas de rádio e televisão, jornais e outras publicações periódicas de suas ordens e mesmo seculares. Particularmente, teológica e filosoficamente, pelas revistas *Concilium* (1965) e *Communio* (1972) ambas revistas internacionais de teologia, ligadas aos modernistas/progressistas e aos reformistas/moderados respectivamente, como Frei Congar, op, na primeira e Pe. Ratzinger na segunda¹¹⁶. A mídia dos tradicionalistas/conservadores, mesmo também sendo expressiva e substancial, é mais pulverizada, como também suas idéias e posições foram mais expressas pela Fraternidade Sacerdotal São Pio X, de D. Lefebvre – ou mais ouvidas a partir dessa.

¹¹⁶ Recordando que bem antes das revistas e a cisão entre elas, ambos os atores, Congar e Ratzinger, pertenceram ao movimento *Ressourcement*, o qual propugnava o “retorno às fontes” mais antigas do cristianismo, entre elas a dos santos padres. Este movimento foi contemporâneo e complementar, de certa maneira, a outro movimento, da Neo-Escolástica, de cunho tomista, formado por Etienne Gilson, Jacques Maritain, D. Désiré Joseph cardeal Mercier. Do movimento *Ressourcement* participaram diversos religiosos (posteriormente alguns criados cardeais), como: Pe. Henri-Marie cardeal de Lubac, sj; Fr. Yves cardeal Congar, op; Pe. Karl Rahner, sj; Fr. Edward Schillebeeckx, op; Pe. Jean-Guenolé-Marie cardeal Daniélou, sj. Bem como leigos e padres diocesanos, tais como Étienne Gilson; Hans Urs Von Balthasar, ex-sj; Pe. Hans Küng; Pe. Joseph Ratzinger. Particularmente este movimento de “voltas as fontes” alguns autores vêm como precursor da atualização da Igreja proposta no Concílio, no qual deixara sua marca pelas várias citações à patrística usadas nos documentos conciliares.

Figura 43: O problema da Reforma Litúrgica.



Fonte: <http://www.fsspx.com.br/o-problema-da-reforma-liturgica/>

Particularmente se prolongam até os dias de hoje as disputas sobre três pontos que discutiram e discutem até hoje:

1. A validade ou não do Concílio, se dogmático ou pastoral, categorias católicas do grau de vínculo que seus documentos e deliberações gerariam para todos os fiéis: se obrigatório e perene no primeiro caso, se optativo e transitório no segundo. A este respeito obras como a de Mattei (2013a) evidenciam sobejamente esta disputa entre as diversas facções formadas e seus posicionamentos em relação ao Concílio¹¹⁷;

2. A pertinência e validade da "nova missa", ou "missa de Paulo VI", fruto posconciliar, em substituição à "missa tradicional", "missa de sempre", "missa antiga"¹¹⁸ etc. Bem como, a sua adequação como liturgia, culto a Deus¹¹⁹.

¹¹⁷ Outras obras mais podem ser vistas na bibliografia, ou buscadas a partir do trabalho de Mattei ou diretamente nos sites católicos dos religiosos, das dioceses, dos movimentos, etc, facilmente localizáveis. A bibliografia a sobre este ponto e os que lhe seguem é farta.

¹¹⁸ Estes fazem referência às deliberações e resoluções do Concílio de Trento, século XVI, que levaram com que o Papa Pio V reformasse os vários livros litúrgicos, tais como o Missal, o Breviário, os publicando em seguida, dando a forma da missa conhecida até o pós Vaticano II, quando surge a "missa de Paulo VI".

3. Os frutos obtidos pela Igreja no *aggiornamento*, que para alguns reposicionou positivamente a Igreja no mundo, para outros que minou a Igreja por dentro.

De qualquer modo, que houve problemas durante e mais ainda após, e sérios problemas, todos os grupos, sejam de religiosos ou não, concordam, expuseram e ainda o expõem em suas mídias próprias e do mundo. E talvez ninguém melhor que o Pp. Paulo VI, criado cardeal pelo Pp. João XXIII após sua eleição, que lhe sucedeu no comando da Igreja, e que por vontade própria deu continuidade ao Concílio¹²⁰, expressou isto, ao escrever e dizer: [...] a fumaça de Satanás entrou no templo de Deus: existe a dúvida, a incerteza, a problemática, a inquietação, o confronto. (Pp. Paulo VI, Homilia em 29 de junho de 1972).

Mas como dito pelo filósofo Olavo de Carvalho em um de seus artigos de jornal: se o capeta entrou na Igreja é que alguém abriu a janela por dentro. Recordando apenas que, pela crença cristã, o capeta por si mesmo não tem forças suficientes para “abrir janelas” e prevalecer sobre a Igreja, daí que realmente precisa da ajuda humana, ainda mais de algum cristão para entrar na Igreja.

Figura 44: Dom Marcel Lefebvre, Dom Castro Meyer e os bispos que consagraram.



Fonte: <http://fsspx.org/>

¹¹⁹ Entre tantas outras obras, exemplifico com o trabalho do Pe. Fiore, sdb (1984) e o documento da Comissão Nacional de liturgia da CNBB (1982). Até hoje há a publicação de textos sobre a liturgia de ambas as missas e de suas celebrações.

¹²⁰ Tendo em mente dois fatos: primeiro que obviamente ele, como qualquer outro líder, por mais carismático que seja, não expressa apenas sua vontade individual ou idiossincrasias, mas a de seu grupo político; segundo que ele poderia não ter dado continuidade ao Concílio, deixando encerrado pela morte do papa João.

Contudo, sobre a gravidade do desgaste da Igreja e, por consequência das ordens religiosas, chama a atenção a fala do Pp. Paulo VI¹²¹, especialmente quando levando em conta que foi o pontificado dele o responsável por validar e aplicar as resoluções conciliares, bem como, já passado o Concílio, aprovar a mudança da liturgia da missa, autorizando seu uso generalizado (Comissão Nacional de Liturgia/CNBB: 1982; Fiore, 1984).

Durante o Vaticano II o latim, o canto gregoriano, a liturgia da missa todos foram reafirmados como próprios da Igreja, estando assim incluídos nos documentos emanados dele. Todavia, após o Concílio, continuou a gestão de vários atores sociais, particularmente religiosos, junto ao Pp. Paulo VI para a alteração do rito latino. Inclusive sendo usado por diversas vezes como argumento, antes, durante, após o Concílio, o movimento litúrgico monástico começado ainda no século XIX, por Dom Abade Guéranger, osb, que passou pelos anos e pontificados diferentes, e ainda presente com D. Lambert Beauduin, osb, e Romano Guardini. Tais argumentos gerou o documento sobre a liturgia, a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, dada pelo Pp. Paulo VI, em 4 de dezembro de 1963. Esta diz em seu próêmio:

Fim do Concílio e sua relação com a reforma litúrgica

1. O sagrado Concílio propõe-se fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja. Julga, por isso, dever também interessar-se de modo particular pela reforma e incremento da Liturgia.
2. A Liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico, «se opera o fruto da nossa Redenção» (1), contribui em sumo grau para que os fiéis exprimam na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja, que é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na acção e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina, mas de forma que o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a acção à contemplação, e o presente à cidade futura que buscamos (2). A Liturgia, ao mesmo tempo que edifica os que estão na Igreja em templo santo no Senhor, em morada de Deus no Espírito (3), até à medida da idade da plenitude de Cristo (4), robustece de modo admirável as suas energias para pregar Cristo e mostra a Igreja aos que estão fora, como sinal erguido entre as nações (5), para reunir à sua sombra os filhos de Deus dispersos (6), até que haja um só rebanho e um só pastor (7).

Devemos recordar aqui também que são mais de uma vintena os ritos litúrgicos vividos dentro da Igreja, todos legítima e legalmente válidos, com alguns tão velhos ou mais

¹²¹ Fazendo justiça ao Pp. Paulo VI, basta vermos a fala do Pp. Pio X, muitas décadas antes sobre os maus bispos e padres que traem a Igreja pelas suas ações contrárias a fé, aos seus maus costumes, ao modo de ser anticristão que vivem.

que o rito latino¹²². Os ritos litúrgicos são classificados entre aqueles próprios das igrejas ocidentais, as quais se encontram sujeitas diretamente ao Papa, e aqueles próprios das igrejas orientais, sujeitas ao Papa unido com as hierarquias singulares que têm. Por exemplo: o romano (que é o mais difundido entre nós); o mozarábico; o ambrosiano; o bragano; o melquita; o bizantino; o armênio; o caldeu; o copta.

Este tema da celebração litúrgica é tão candente quanto os demais para os reformistas, os modernistas, e os tradicionalistas. São facilmente encontrados os textos de todos eles: dos primeiros, vindos diretamente dos pontificados dos papas João Paulo II e Bento XVI, mas também de outros autores; dos segundos, nos sites dos religiosos paulinos, paulinas, franciscanos, carlistas, maristas, e outros mais; dos terceiros nos sites das Fraternidades Sacerdotais São Pio X e São Pedro, Instituto Bom Pastor, de vários produzidos por leigos.

Mais ainda após a reafirmação da validade do rito litúrgico anterior às alterações pósconciliares, por intermédio da “Carta Apostólica de Sua Santidade Bento XVI dada sob forma de *Motu Proprio Summorum Pontificum*”, em 7 de Julho de 2007. Ali escreveu o Pp. Bento XVI:

Art. 1. O Missal Romano promulgado por Paulo VI é a expressão ordinária da «lex orandi» («norma de oração») da Igreja Católica de rito latino. Contudo o Missal Romano promulgado por São Pio V e reeditado pelo Beato João XXIII deve ser considerado como expressão extraordinária da mesma «lex orandi» e deve gozar da devida honra pelo seu uso venerável e antigo. Estas duas expressões da «lex orandi» da Igreja não levarão de forma alguma a uma divisão na «lex credendi» («norma de fé») da Igreja; com efeito, são dois usos do único rito romano. Por isso é lícito celebrar o Sacrifício da Missa segundo a edição típica do Missal Romano, promulgada pelo Beato João XXIII em 1962 e nunca ab-rogada, como forma extraordinária da Liturgia da Igreja. As condições para o uso deste Missal, estabelecidas pelos documentos anteriores «*Quattuor abhinc annos*» e «*Ecclesia Dei*», são substituídas como segue...

Obviamente estas mudanças foram vividas intensamente no Brasil, tanto quando feita pelo Pp. Paulo VI (Leão, 2010), quando feita pelo Pp. Bento XVI.

Já que um dos componentes da discussão entre os diferentes grupos dentro da Igreja é pela maior ou menor presença de ritos, em especial do litúrgico, sua função dentro da estrutura doutrinária etc, cabe lembrar que a questão dos ritos, e também dos mitos que eles celebram, há muito é estudada pela antropologia. A este respeito os estudos de Aldo Terrin (2004) mostram toda a tensão existente no estudo dele, inclusive mostrando certo mal-estar que teólogos, liturgistas e antropólogos sentem ao lidarem com o rito. Ele também chama a

¹²² Cf. www.ewtn.com/spanish/preguntas/ritos.htm.

atenção para o fato de que nossa própria época padece com os ritos, em sua celebração e em sua compreensão. Diz ele logo na abertura de sua obra, na qual discutirá este e outros pontos de análise do rito:

Nossa cultura – ainda dominada por uma modernidade racionalista – vive uma contradição insanável: detesta o rito, a ritualidade, pois escapa do domínio da razão; quer desfazer-se dele, como se fosse uma roupa maltrapilha; tem aversão ao rito porque o vê como uma realidade que ainda pretende entoar loas a uma impossível lógica continuísta, quando o mundo, ao contrário, está submetido a uma incessante e desordenada mudança. Portanto, essa cultura recusa-se a ouvir um discurso sobre o rito, considerando-o obsoleto ou até mesmo ‘sem sentido’, embora se trate de uma cultura que vive a todo o momento criando novas formas rituais. (TERRIN: 2004, 09-10)¹²³.

Terminando, lembro-me das palavras do Pe. Libânio, sj, a respeito de como via o cotidiano católico na década de 80 do século passado, e que como religioso teve grande ação e influência na igreja latino-americana, por sua participação junto da Teologia da Libertação. Dizia ele:

A Igreja nessas ultimas décadas assemelha-se a um canteiro de obras, com a originalidade de trabalharem nele, simultaneamente e nem sempre coordenadamente, diversas empresas construtoras. Uma continua a obra de demolição do prédio antigo. Outra tenta roubar-lhe o material para reconstruir, se fosse possível, o mesmíssimo edifício, que fora e está sendo destruído. Outra, por sua vez, com a planta do antigo edifício na cabeça, procura adaptá-lo às novas circunstâncias e empreende a construção. E finalmente, uma quarta empresa busca sua inspiração em outra planta, original e inédita. Trabalha sem saber que tipo de edifício resultará. (LIBÂNIO: 1983, 107).

VI. E a vida seguiu em frente

Após o Concílio Vaticano II, a atualização para o mundo se deu de vários modos, nas dioceses e nas ordens religiosas pelo mundo todo. Para as dioceses e, desta forma, o clero, religiosos e leigos da América Latina e Caribe, por exemplo, isto se deu por meio de várias conferências episcopais realizadas ao longo dos anos:

I. Medelin (24 de agosto a 6 de setembro de 1968), aberta pessoalmente pelo Pp. Paulo VI;

¹²³ Ele mantém a exposição sobre estas questões ao longo da obra. Particularmente interessante a parte na qual trata dos estudos de C. Geertz e V. Turner, às páginas 96-103, posto a grande influência destes autores nas últimas décadas.

- II. Puebla (de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979), aberta pessoalmente pelo Pp. João Paulo II;
- III. Santo Domingos (12 a 28 de outubro de 1992), aberta pessoalmente pelo Pp. João Paulo II;
- IV. Aparecida (13 de maio e encerrou no dia 31 de maio de 2007), aberta pessoalmente pelo Pp. Bento XVI.

Todas elas estão encadeadas e relacionadas diretamente à acolhida e aplicação do Vaticano II à realidade da Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe – CELAM, órgão de caráter consultivo que congrega as dioceses dos vários países, tal qual as conferências episcopais nacionais, como a CNBB no caso brasileiro. Assim, estas conferências dos bispos procuraram inserir nas suas práticas pastorais das igrejas locais, o modo católico de expressar suas ações práticas de evangelização, o que entenderam das resoluções conciliares para o arejamento da Igreja e seus encontros com toda a “família humana”.

Todavia, como nem tudo foram e são flores, por diversas vezes, em situações diferentes de trabalho de campo e ao longo dos anos, pude ouvir dos meus diversos entrevistados o lamento pelo que, segundo eles, veio a acontecer de fato nas décadas posteriores com a Igreja e sua prática pastoral, lamento este que posso resumir com a fala de um dos meus melhores entrevistados, religioso de uma congregação de vida ativa, muito atuante dentro e fora de sua própria ordem, sendo autor de vários livros: “não se entende como a Igreja mantém a mesma prática pastoral que, nestas décadas todas, nunca apresentou os resultados esperados [pelo Concílio] e propagados”.

Ele, hoje já ancião, atuou desde os anos cinquenta até poucos anos atrás em sua ordem e na vida da Igreja¹²⁴, conforme lhe foi pedido, em especial nas práticas pos-conciliares nas quais apostaram como renovadora da Igreja e do mundo. Lembro que se hoje estes religiosos são septuagenários e octogenários, ao tempo do Vaticano II eram jovens e entusiastas do que ocorriam, sendo os feitores de várias das mudanças ocorridas nos anos que se seguiram.

Incrivelmente esta mesma linha de raciocínio: boas idéias e intenções, com maus resultados de fato, e persistência na mesma prática, por outros motivos (ou mais motivos ainda) é expressa por todas as linhas da vida religiosa consagrada e fora delas, do que é chamado tradicionalismo católico. Isto pode ser exemplificado nacional ou internacionalmente com a navegação pela *internet* nos *sites* oficiais, *blogs* e redes de

¹²⁴ No caso dele, atuação em dioceses e paróquias no sul do Brasil, tendo passado por vários cargos dentro de sua ordem, tais como: reitor de seminário; professor; mestre de noviços.

relacionamentos (*Facebook, Whatsapp, Twitter, etc*) ligados à tradição (em suas várias facetas)¹²⁵, bem como na ampla bibliografia que produziram¹²⁶ e em seus materiais de divulgação de mídia (*Youtube, televisão, jornais, revistas etc*)¹²⁷.

VII. Anotações sobre os papas de após o Vaticano II

Interessante notar que, dos papas pós conciliares, os papas mais notadamente ligados à vida religiosa consagrada são Bento XVI e Francisco. Não tanto pelos textos que produziram, mas pelos seus gestos.

O papa Bento XVI sempre mencionou sua admiração e experiência da espiritualidade beneditina, exemplificado, por exemplo, com: a adoção do onomástico do fundador da ordem beneditina, São Bento de Núrsia (480-530 dC); os retiros anuais que fez junto a um mosteiro beneditino; após sua renúncia ao papado, optou por viver enclausurado em um mosteiro, dentro do próprio Vaticano.

O papa Francisco, mais ainda é ligado à vida religiosa consagrada uma vez que é membro da maior ordem religiosa católica existente, que é a Companhia de Jesus. Além do sacerdócio, ele exerceu ao longo de sua vida funções em sua ordem: professor, mestre de noviços, consultor, reitor de colégio, e provincial dos jesuítas da Argentina.

Curiosamente sobre ele recaí, ainda que pareça anacrônico, hilário, etc, acusações de fazer a união do “papa branco” com o “papa negro”, em referência ser líder da Igreja e membro da Companhia de Jesus. Com isso trazer o pior dos mundos para a Igreja.

Apenas como um detalhe, dado a eleição papal de um religioso, particularmente de um jesuíta, me surpreendeu que, apesar dos esforços dos jesuítas aqui e no mundo de se fazerem presentes e atuantes em vários movimentos sociais, lutas revolucionárias, vanguardas educacionais, etc, e serem uma das primeiras ordens modernas¹²⁸ da Igreja, ainda são mal vistos, percebidos como uma verdadeira ordem de politiqueiros, gananciosos por poder. Compartilhando, como ouvi, li e vi nestes anos de pesquisa, com os religiosos do Opus Dei e, as vezes, os Legionários de Cristo, a pecha de dominadores, tirânicos, conspiradores, enfim, serem uma sociedade secreta dentro da Igreja, que a manipula e domina.

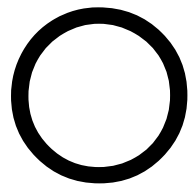
¹²⁵ Como o site *Eclesia*, a partir do qual se pode obter outros sites da Tradição.

¹²⁶ Algumas obras deles se encontram listadas na presente bibliografia.

¹²⁷ Como o jornal espanhol *Si, si; no, no*; o canal de televisão americano ETWN; a revista brasileira *Catolicismo*.

¹²⁸ Como nos sugere D. Brasó, osb, (1983) frutos do mesmo período histórico do Renascimento e da Reforma protestante, sendo na realidade um caminho inovador dentro da vida religiosa consagrada pós concílio de Trento, isto é, não seguiu nenhuma das formas anteriores de vida consagrada, nem era uma renovação de alguma delas, como seriam as ordens descalças, para as mendicantes, e de estrita observância, para as ordens monásticas.

AS ORDENS NA CONTEMPORANEIDADE
progresso, reforma e tradição


 homem é criado para louvar, prestar reverência e servir a Deus nosso Senhor e, mediante isto, salvar a sua alma; e as outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem, para que o ajudem a conseguir o fim para que é criado. Donde se segue que o homem tanto há-de usar delas quanto o ajudam para o seu fim, e tanto deve deixar-se delas, quanto disso o impedem.

Pelo que, é necessário fazer-nos indiferentes a todas as coisas criadas, em tudo o que é concedido à liberdade do nosso livre arbítrio, e não lhe está proibido; de tal maneira que, da nossa parte, não queiramos mais saúde que doença, riqueza que pobreza, honra que desonra, vida longa que vida curta, e conseqüentemente em tudo o mais; mas somente desejemos e escolhamos o que mais nos conduz para o fim para que somos criados.

Santo Ignácio de Loyola

Primeira Semana

A. Princípio E Fundamento de todos os Exercícios Espirituais

23 - Princípio E Fundamento

AS ORDENS NA CONTEMPORANEIDADE: progresso, reforma e tradição.

I. Abri, Senhor, os meus lábios

Passado os primeiros anos do fim do Concílio ficou visível em quê e em quanto a vida religiosa consagrada se modificou. Talvez um dos fatos mais significativos dessas mudanças tenha sido a debandada da vida religiosa, tanto pela saída das ordens de alguns de seus membros, mas também a perda de postulantes e noviços.

Apenas recordando, um postulante é aquela pessoa que está ainda no início de sua busca vocacional. “Estou ou não sendo chamada por Deus”, “seguir ou não a Cristo”, entre outras tantas indagações. Como me foi explicado pelos diferentes membros das ordens com as quais conversei: beneditinos, cistercienses, capuchinhos, franciscanos, cartuxos, carlistas, lasallistas, agostinianos descalços, jesuítas, palotinos, maristas, o postulante é aquele candidato que está se orientando com seus pais, com os irmãos, primos e amigos, enfim, seu círculo mais restrito de relacionamentos, por isso os parentes e amigos. Também está o rapaz ou a moça sondando as ordens existentes, as espiritualidades que pode conhecer: beneditina?, jesuíta? carmelita?, marista?, salesiana? Ou ainda, dentro de uma mesma espiritualidade de uma família religiosa que congrega várias ordens, como por exemplo, a franciscana: ser franciscano da Imaculada; capuchinho; TOR; conventual; da Toca; do Caminho; menor missionário? Todas elas com os ramos masculino e feminino.

Está procura em responder a um sentimento de ter sido chamado, normalmente, vem do exemplo de vida dos pais, de algum parente religioso, de algum padre, seja diocesano ou religioso. Como me contou um frei menor missionário, ele se sentiu chamado (vocação) quando pela primeira vez participou de uma missa, aos 13 anos, pois na região onde morava, no norte do antigo Goiás, não tinham padres por lá, e só na “desobriga” é que algum ia por lá, em décadas. Ele foi pensando, conversando e vendo se aquilo era para ele. Como vários outros relatos que tive, também ele esperou aquele grande sinal de Deus, mas se contentou afinal com aquelas pessoas que foram falando para ele sobre Cristo, a Igreja, doutrina católica, e assim foi e seguiu o caminho da vida religiosa e sacerdotal.

De volta para o que veio há ocorrer nos anos e décadas seguintes, depois do Concílio a dinâmica da participação em grupos de jovens, ligados às paróquias e ou às dioceses, bem como a profusão de novos movimentos eclesiais: Renovação Carismática Católica, Shalom, Focolares, Comunhão e Libertação, Emaús, Comunidade de Santo Egídio, entre tantos outros,

sendo que alguns deles já vinham sendo concebidos desde antes do próprio Concílio, faz com que os postulantes se aproximem de um leque maior de escolhas e se reaproximem da experiência do sagrado em suas vidas para além dos grupos de pertencimento que possuem no momento. Surgem dentro de alguns destes movimentos a figura do leigo consagrado, com especificidades que os distinguem do irmão religioso leigo.

Do mesmo modo, a disputa existente desde o século XIX entre visões distintas da Igreja: do seu papel no mundo; de como preservar seu poder espiritual, moral e político; o que é essencial no catolicismo e deve ser preservado, e o que é acidental e, portanto, transitório; como estar no mundo e anunciar a mensagem sem dialogar com o mundo; como dialogar com o mundo sem se corromper; e todas as outras questões mais, estão presentes no dia-a-dia das ordens e, assim, ofertando-se a escolha dos candidatos.

Por exemplo, como fruto do Concílio a ordem dos franciscanos capuchinhos, como tantas e tantas outras ordens, se tencionou até o ponto de ruptura entre os freis. Com isso deu origem, entre outras, a três caminhos de ser capuchinho:

1. Aos capuchinhos que já estavam ali mesmo, abertos às novas práticas e modos de ser religioso no mundo;
2. aos novos capuchinhos, que tiveram que se criar como Frades Menores Missionários¹²⁹, buscando nova identidade para um mesmo padrão religioso;
3. aos freis capuchinhos tradicionalistas, i. é, que mantiveram o modo de ser, os valores, e os costumes capuchinhos em sua forma pré-conciliar, como o vez Frei Pio de Pietrelcina, ofmcap (1887-1968), o qual foi um dos primeiros a pedir autorização e a receber do Pp. Paulo VI, para manter-se dentro dos modos tradicionais católicos .

O que exponho sobre os modelos capuchinhos existentes, se repete para algumas outras famílias e ordens religiosas, especialmente na polarização entre modernistas e tradicionalistas que é mais comum, como por exemplo: os franciscanos conventuais e os franciscanos da Imaculada; os redentoristas e os redentoristas transalpinos¹³⁰; os dominicanos e os dominicanos da tradição.

¹²⁹ A Fraternidade dos Frades Menores Missionários, FMM, surgiu nos ano 1970, das tensões crescentes entre os freis capuchinhos da Província da Ordem dos Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul, até que se deu a ruptura entre os irmãos, com ensejo a mágoas, ressentimentos e misérias humanas, todos diluídos e relegados no passar das décadas e da morte dos principais atores. Hoje os menores missionários são uma ordem em gradativa expansão, tendo vários conventos pelo país. Maiores informações podem ser obtidas diretamente no *blog* deles: <http://fmmissionarios.blogspot.com.br/>

¹³⁰ Como escreve o *blog* Salvem a Liturgia (<http://www.salvemaliturgia.com/2010/07/redentoristas-transalpinos-em.html>), de linha tradicionalista: “Trata-se de um grupo de redentoristas que se unira a D. Lefebvre, mantendo a regra de Santo Afonso de Ligório quando esta foi reformada pelo capítulo de sua congregação. Após o *Summorum Pontificum*, eles pediram ingresso na plena comunhão com o Papa, rompendo com a FSSPX. Obtiveram o privilégio de manter seu hábito tradicional redentorista – até onde sei com mínimas modificações –,

De tal modo que, atualmente, uma jovem ou um jovem vocacionado, optando pelo modo de vida de um capuchinho de Morgon, estará ligado à linha da “tradição”; ou ser um frei menor missionário, então, ligado à posição reformada do Concílio; ou ser um frei capuchinho *aggiornato*. O que ele escolherá? Como escolherá? Por que escolherá este, esse ou aquele? Eis algumas das questões que possui um candidato hoje quando ouve seu chamado¹³¹.

Figura 45: Freis dominicanos ligados à Tradição.



Fonte: <https://regisaeculorumimmortali.wordpress.com>

Tendo em mente que o ato de escolher é separar, é distinguir, é hierarquizar as coisas, sobre as quais temos o poder para ou nos é concedido opinar e optar. O que serve para lembrar que na vida social não há espaço vazio, se não somos nós agindo, outros o farão por si e por nós.

As escolhas¹³² por mais livres que possam ser, ou que sejam imaginadas como tais, sempre se darão num universo possível e finito de opções, entre as conhecidas, aceitas e possíveis, afinal ninguém vive fora do tempo e além do seu grupo pertencimento e daqueles

a espiritualidade de Santo Afonso, sua filiação espiritual ao grande moralista, e as constituições redentoristas originais afonsinas. Todavia, se desvincularam oficialmente da Congregação do Santíssimo Redentor (CSsR). Hoje, eles são os Filhos do Santíssimo Redentor (FSsR), seu novo nome. O apelido “redentoristas transalpinos” continua a ser usado. A mesma família espiritual, como a OFM, a OFMConv e a OFMCap são igualmente franciscanas. Possuem também a autorização de celebrar exclusivamente o rito romano na sua forma extraordinária. Sua base é na Escócia, na ilha de Papa Stronsay.” (Acesso em novembro de 2010). O blog dos redentoristas transalpinos é: <http://papastronsay.blogspot.com.br/>

¹³¹ Dos três caminhos citados, conheci freis dos dois últimos, uma vez que existem aqui no Brasil. Capuchinhos ligados à tradição, não os conheci.

¹³² A respeito de escolhas, circunstâncias e decisões remeto a Ortega y Gasset (2001).

com os quais mantem contatos. As escolhas feitas pelos indivíduos são feitas dentro do arranjo social no qual vive, ou seja, é um ato de individualidade, mas informado pela vida social, o meio no qual se vive, escolher nos arranjos e modelos dados ao longo da vida do indivíduo. Escolhas feitas, como as de pertencimento a um grupo social, celebram e consolidam alianças entre os indivíduos que dela participam e que optaram pelas mesmas coisas.

Ou seja, a experiência vivida é de uma relação de procura de mão dupla: de quem procura seu lugar na Igreja e de quem é procurado pelas ordens. Uma relação para qual nós podemos olhar tanto pela posição do candidato como expus, que busca se localizar no conjunto de opções de vida consagrada católica, quanto pela perspectiva das congregações e ordens que se dão a conhecer e experimentar por parte dos candidatos de forma a inclui-los nelas (Todorov, 1996), por meio de sua comunicação institucional, do exemplo de seus membros, para finalmente o interessado se situar num estado de vida cristã singular.

Figura 46: Freis franciscanos capuchinhos ligados à Tradição.



Fonte: <https://regisaecolorumimmortali.wordpress.com>

Outro grave problema é que vários dos antigos religiosos saíram de suas ordens, levando a um lapso entre as distintas gerações de uma ordem, tal qual ocorreria nas famílias: pais, filhos e netos, e outras instituições: entre os júniores, os plenos e os sêniores. De tal sorte que, ainda hoje em dia, tal vazio geracional é presente entre irmãos acima de 60 anos e os abaixo de 40 anos – obviamente, sempre há aquelas poucas almas perdidas no meio – como é nítido quando se visita um noviciato, um convento ou um mosteiro. E isto quando existem os

novos irmãos, nem sempre mais presentes, pela falta de vocações existente em algumas ordens.

Exemplos do que aqui falo vi nos conventos dos capuchinhos, dos franciscanos, dos franciscanos conventuais, dos maristas, dos irmãos e irmãs carlistas, dos jesuítas, dos salesianos, dos palotinos e algumas outras ordens mais que visitei nestes anos todos como disse no início deste trabalho.

II. Como a vida religiosa seguiu adiante

Contudo nem tudo são ausências, faltas. Também pude perceber algumas ordens que há mais de 20, 30 anos estão mais firmes, com entradas e permanência daqueles que entram. Como exemplos temos as ordens: os freis franciscanos do Verbo Eterno; os freis franciscanos da Imaculada; os freis da Toca de Assis; as monjas carmelitas descalças, os eremitas carmelitas e outras variações da espiritualidade carmelitana; os vários mosteiros beneditinos; os irmãos dos Arautos do Evangelho; entre outras mais¹³³. Surpreendente a maioria das ordens que estão “bem”, ou seja, com vocações e, portanto, se comunicando com o seu tempo, ou são dos grupos reformados que seguem a exegese do Pp. Emérito Bento XVI, ou são dos tradicionalistas reintegrados ou não.

Não posso dar como inexistente alguma ordem nova ser da linha modernista, porém as únicas que encontrei deste grupo, nestes anos de pesquisa, são antigas ordens, as quais em sua maioria com problemas graves: sem ou com poucas vocações; irmãos e irmãs envelhecendo; lapso etário cada vez maior entre os irmãos mais antigos e os irmãos mais novos; dificuldades tremendas de transmitir a tradição da ordem; diminuição constante do número de seus conventos. Exemplo disso: um seminário dos freis verbitas, no oeste do Paraná, que, segundo relatos de moradores da região, antigamente era pujante em vocações e hoje está aos cuidados de três irmãos, todos oriundos da Ásia e sem nenhum noviço; ou alguns colégios Maristas, mas válidos para colégios das irmãs carlistas, colégios La Salle, nos quais a administração é secular e terceirizada, e a presença dos irmãos ou irmãs, não passa de meia dúzia de membros.

Deixo claro que, grosso modo, as congregações e ordens de todos os três tipos: tradicionalistas, reformadas e modernistas, têm problemas quanto à sua perpetuação e se fazerem presentes no mundo secularizado e pós-moderno, como elas dizem. Segundo os dados disponíveis no site do Vaticano, Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, ou em sites católicos como o da *Center For Applied*

¹³³ A maioria destas ordens segue tendo os ramos masculino e feminino (ordens primeiras e segundas) e algumas delas desenvolvem o ramo laico (ordem terceira ou oblatos) de suas espiritualidades.

*Research In The Apostolate – CARA*¹³⁴, da Georgetown University (EUA), os números de saída anual de religiosos é alarmante, na casa dos milhares. Sem contar os problemas que criam para si mesmas ao não conseguirem unidade entre os três modelos (político) teológico em disputa, ainda têm problemas com a Igreja e, fora do âmbito cristão, ainda têm problemas com o mundo.

Figura 47: Irmão Milagre Eucarístico.



Fonte: <https://irmaosmilagreeucaristico.wordpress.com>

Os problemas com a Igreja podem ser mais incisivos e públicos como as recentes intervenções “paternais” e ou “fraternais” de bispos sobre as ordens¹³⁵. Exemplifico a seguir com dois casos.

O primeiro deles, dada a ordem de importância, diz respeito a intervenção que o Pp. Francisco, orientado pela Cúria Romana¹³⁶, mandou ser feita na ordem dos Frades

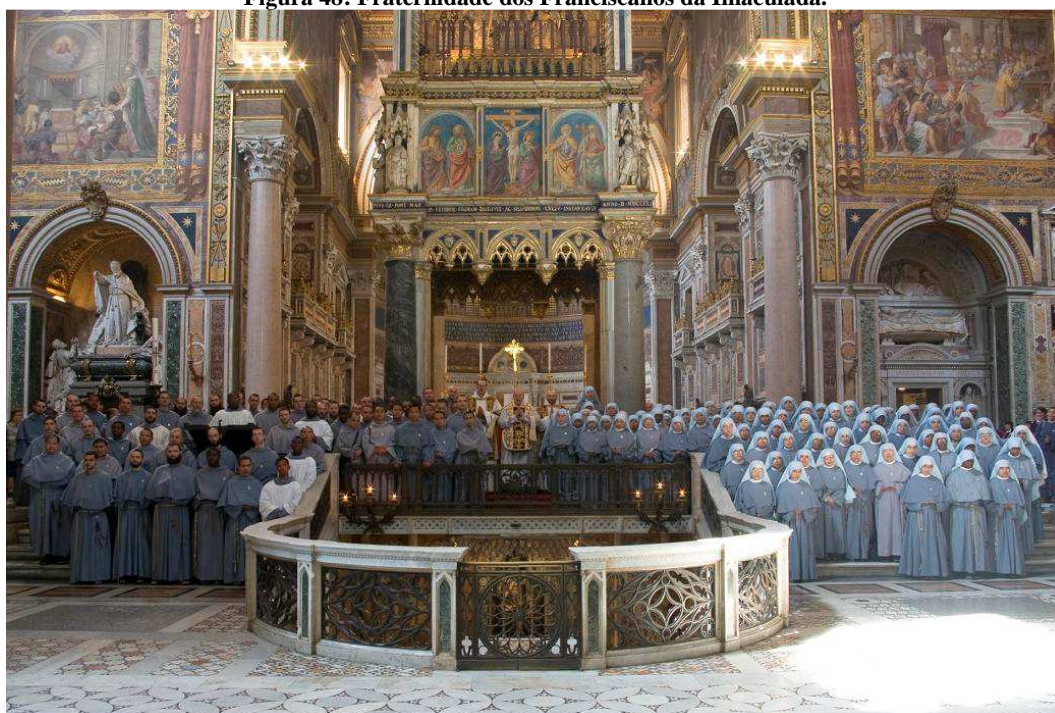
¹³⁴ No site da CARA são encontrados diversos estudos científicos, alguns de décadas atrás, uma vez que o Centro é de 1964.

¹³⁵ O uso de um ou outro termo por parte dos bispos sinaliza o grau de sua postura frente ao Vaticano II, obviamente somando-se outros sinais. Também o quanto de seu poder ele está manifestando, como recente o Pp. Francisco fez ao transitar entre estes e outros termos; normalmente fraterno em público, exprime-se muito paterno intestivamente, como o atestam algumas matérias publicadas por jornalistas “vaticanistas”.

¹³⁶ Como está no site do Vaticano: “Para exercer o poder supremo, pleno e imediato sobre a Igreja universal, o Romano Pontífice vale-se dos Dicastérios da Cúria Romana. Estes, por conseguinte, em nome e com a autoridade dele, exercem seu ofício para o bem das Igrejas e em serviço dos Sagrados Pastores. CHRISTUS DOMINUS, 9”.

Franciscanos da Imaculada. Soube do caso por um *blog* de linha tradicionalista e conforme pude acompanhar, logo após, em diferentes *sites* e *blogs*, já de difentes tendências teológicas-ideológicas, e em *sites* de fora do catolicismo, há toda uma trama política sendo costurada entre todas as partes envolvidas, direta ou indiretamente no caso. A acusação que motivou tamanho ímpeto por parte da Igreja, seria a de rigorismo na prática das celebrações litúrgicas, em especial da missa, a qual eles fazem seguindo a “missa de sempre” e não a “missa de Paulo VI”, ou na “forma extraordinário do Rito Romano” versus no da “nova missa”. Isto estaria segregando algum número (não especificado) de seus membros, como também a aceitação ou das conclusões e “espírito” do Concílio Vaticano II¹³⁷.

Figura 48: Fraternidade dos Franciscanos da Imaculada.



Fonte: <http://ffranciscanosdaimaculada.blogspot.com.br/>

Para tanto o Pp. Francisco Ihes impôs como comissário-interventor, com plenos poderes o Frei Pe. Fidenzio Volpi, capuchinho, que segundo a crônica dos vaticanistas não

Esta citação é do Decreto *Christus Dominus* sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja, promulgado pelo Pp. Paulo VI, em 1965, o qual se encontra na íntegra no site.

¹³⁷ A este respeito noticiou, em 10 de agosto de 2013, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em seu site: “**Franciscanos da Imaculada: eis as razões para o comissionamento vaticano.** A decisão do papa de **comissionar os Franciscanos da Imaculada** os Franciscanos da Imaculada (sic), como solicitado pela **Congregação para os Religiosos** ao término de uma visita apostólica iniciada no ano passado, com a regulamentação anexa do uso da missa antiga, desencadeou uma avalanche de reações midiáticas provenientes de ambientes tradicionalistas ou até críticos contra o atual pontificado, caracterizadas por uma tese de fundo: **Francisco** estaria dando marcha à ré com relação a *omotu proprio* de **Bento XVI** que, em 2007, liberalizou o uso do missal pré-conciliar. Tese prontamente desmentida pelo porta-voz vaticano, padre **Federico Lombardi**.” (grifos como no original). <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/522624-franciscanos-da-imaculada-eis-as-razoes-para-o-comissionamento-vaticano> Acesso: setembro de 2013.

nutre os melhores humores pelos seus “primos” franciscanos (PONTES FILHO, 2006), impondo pesado julgo sobre eles. Até o presente momento da minha tese, a pendenga ainda não foi resolvida, nem parece estar perto de ser. Agora se encontram ainda sob intervenção e vendo seus fundadores, Frei Pe. Stefano Maria Pio Manelli, ffi, e o Frei Pe. Gabriel Maria Pelletieri, ffi, e demais membros do início da congregação, envolvidos em acusações e disputas políticas internas.

Aqui abro um rápido parêntese no texto, para fazer uma pequena digressão sobre este assunto, apesar de já o ter mencionado no capítulo anterior, posto ser um marcador de pertencimentos e identidades sociais.

A questão da missa ser celebrada no novo modo, em língua vernácula, ou no velho, em latim, a princípio não mais deveria existir. Contudo tal fato se mantém, existe. A alteração na forma de celebrar, direta ou indiretamente acarretou na alteração da compreensão da construção e do uso das igrejas como espaços sagrados. E isto se alastrou por todos os demais aspectos ligados ao rito latino: paramentos litúrgicos, cantos, horários, modos de proceder dos leigos etc. A mudança, sem entrar em seus méritos teológicos de certo ou errado, estabelecidos pelas correntes envolvidas em disputa, foram muito mais profundas e tiveram um abrangência sobre a vida da Igreja muito maior, seja por não se darem conta, ou por isso mesmo, que os elementos mudados eram nodais dentro do conjunto existente. Se o que viria a ser futuramente poderia ou não ser previsto, se para viria para benefício ou ruína dos cristãos, era incerto à época, agia-se de boa fé pelo que a maioria da bibliografia a respeito diz, contudo a certeza é que o fenômeno mudança litúrgica, foi alçado a uma posição paradigmática. A ponto de servir como sinal diacrítico dos grupos, estigma (dependendo do interlocutor que temos) e marcador de pertencimento e das fronteiras entre os grupos católicos, sejam ou não de religiosos consagrados.

Desde que foi permitido pelo Pp. Paulo VI, já terminado o Concílio Vaticano II, mas, creio, dentro do espírito de *aggiornamento* que lhe seguiu, o uso da língua vernácula na liturgia ganhou o espaço que era antes do latim, que é a língua oficial da Igreja e confirmado pelos documentos do próprio Concílio em seu uso. Com a rápida vulgarização da língua vernácula e o retraimento e pulverização do latim, alguns grupos e pessoas, como, por exemplo, o Frei Pe. São Pio de Pietrelcina, ofmcap, conseguiram autorizações especiais ou de bispos ou do Papa, para se manterem no uso apenas da liturgia em língua latina, o que também queria dizer dentro da codificação litúrgica da missa tradicional. As muitas disputas e brigas cotidianamente vividas entre os contendores ao longo dos anos deveriam ter tido seu desfecho com a “Carta Apostólica de Sua Santidade Bento XVI dada sob forma *De Motu*

Proprio Summorum Pontificum”, de 2007, a qual versa sobre a “Liturgia romana anterior à reforma de 1970”¹³⁸. Por este documento papal se reconhece validamente o direito de todos os fiéis assistirem à liturgia numa ou noutra forma, não podendo haver imposição ou se julgar uma mais ou menos válida que a outra, a começar pelos bispos, mesmo o de Roma. Porém, sem exagero e somente seguindo o que li ao longo dos anos, o que ouvi dos religiosos e religiosas que entrevistei, o ethos, os costumes e valores que cada grupo teológico em questão possuía, ainda mais sendo estes consolidados ao longo dos 50 anos do término do Concílio, acentuou a bipolarização anterior de posições teológicas-políticas e hoje são experimentadas, introduzindo a confusão geral para o “rebanho” a ser pastoreado.¹³⁹

Figura 49: Franciscanos Conventuais.



Fonte: <http://www.franciscano.org.br/>

Retornando ao ponto em pauta, o segundo exemplo que trago diz respeito aos freis Eremitas da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo (ecarm), fundados e liderados por Frei Pe. Thiago de S. José, ecarm, e seu bispo à época S. Em^a.D. Sérgio Colombo, da diocese de Bragança Paulista. Como podemos depreender do que vai às cartas de ambos os ministros ordenados, reproduzidas no Anexo III, e ao colhermos mais informações pelo

¹³⁸ Ver no site do Vaticano este texto e o que lhe complementa, datado de abril de 2011, da Pontifícia Comissão *Ecclesia Dei*, “Instrução sobre a aplicação da Carta Apostólica *Motu Proprio Summorum Pontificum* de S. S. O PAPA BENTO XVI”, que, como sugere seu título é para instruir a todos os cristãos do que pode ou não se fazer.

¹³⁹ Como ouvi de vários membros de dentro da Igreja ao longo dos anos de pesquisa, referindo-se ao ditado popular, de cunho cristão: “de boas intenções o inferno está cheio”.

universo do ciberespaço¹⁴⁰, como Horácio, saberemos que há mais coisas entre o céu e a terra (William Shakespeare, “Hamlet”, ato I, cena V). Além das posições assumidas por ambos, e independentemente se certas ou erradas as atitudes adotadas, lá estão novamente modernistas e tradicionalistas se engalfinhando.

Figura 50: Cônegos Regulares Lateranenses.



Fonte: <http://www.conegoslateranenses.com.br/>

Resultado final da luta por deter as representações e imaginários católicos: a diocese teve seus fiéis em conflito e sem saberem com clareza o que houve; a autoridade do líder da diocese, questionada; a diocese perdeu uma comunidade religiosa atuante; religiosos, momentaneamente, um tanto quanto perdidos sobre seu futuro.

Como a Igreja, longe de ser um monólito, mas antes uma intrincada rede de pertencimentos e alianças, resolveu a contenda: com o bispo de Ciudad del Este (Paraguai), S. Em^a. Dom Rogelio Livieres acolhendo a comunidade dos eremitas carmelitas e lhes dando abrigo em sua diocese.

¹⁴⁰ Sobre ciberespaço, ou “a rede”, temos deste o conjunto da obra de Pierre Levy: Cibercultura (Editora 34, 1999), A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço (Loyola, 2000), e outros tantos autores, à revistas e artigos científicos, como a Horizontes Antropológicos (UFRGS): Antropologi@web (2004).

Todavia, como noticiou o Instituto Humanitas Unisinos – IHU, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em seu site¹⁴¹: “Sexta, 26 de setembro de 2014. O Papa destituiu bispo da diocese de Ciudad del Este, no Paraguai. A reportagem é publicada por Religião Digital, 25-09-2014.”

Esta disputa religiosamente mundana é também facilmente encontrada em outros tantos *sites*, reavivando o agora secular dualismo teológico: modernistas versus tradicionalistas, acrescido pela tendência da reforma da reforma.

Como, numa das entrevistas que fiz, jocosamente se referiu um religioso já senhor idoso: “provocam escândalo”, usando esta noção cristã que indica as pessoas o que afasta e perde o outro, pelo péssimo exemplo praticado.

Figura 51: Comunidade Dominus Salus.



Fonte: <http://www.dominussalus.com.br/>

Todos estes casos que aqui expus, como vários outros registrados nas redes sociais e outras mídias, expõe a público as fraturas dentro do catolicismo, com efeitos diretos e graves sobre os três estados da vida cristã¹⁴². E, por estarem sitiados na *internet*, ganham uma abrangência mundial, desconhecida a outros fatos da própria Igreja e suas ordens. Assim, não é estranho os intensos debates existentes e que se prolongam sobre os dois casos apresentados

¹⁴¹ <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/535613-o-papa-expulsa-livieres-da-diocese-de-ciudad-del-este>.

¹⁴² Como jocosamente se referiu numa entrevista um religioso já idoso: “provocam escândalo”, usando esta noção cristã que indica o que afasta e perde o outro, pelo mau exemplo praticado.

e outros mais, especialmente quando tratam de alguns dos marcadores identitários aqui tratados. Estes debates, não poucas vezes, acalorados e disputados – e muitas vezes retesando a noção nativa de “caridade cristã” ao infinito e além, a ponto de surgir ruptura – podem ser acompanhados, como o fiz diversas vezes, na seção comentários existentes. Obviamente sem nos esquecermos de que a seção comentários de um site possui um mediador que autoriza e desautoriza as mensagens postadas e que ali permanecerão. Bons mediadores favorecem bons debates, eliminando os maus debatedores. E também que estes debates nos comentários, na maioria dos casos, são feitos a partir do senso-comum, dos “achismos” e dos bom-mocismos daqueles que escrevem.

Figura 52: Barroux.



Fonte: <http://www.barroux.org/>

Mas mesmo com as dores e sofrimentos, as alegrias vividas, a continuação das ordens enche de esperança àqueles que optam por este modo de ser cristão, das experiências milenares às de década. Como o exprimiu D. abade Aidan, do mosteiro de São Bento de Fréjus-Toulon (França) a respeito da perspectiva de futuro que tem em suas vidas:

Ele reserva o próximo ofício monástico, a próxima oportunidade de exercer a caridade fraterna com os irmãos, a próxima ocasião de suportar o sofrimento em fé e esperança, a próxima oportunidade de acolher como ao Cristo a pessoa que vem ao mosteiro e talvez não esteja sequer ciente da necessidade de buscar a Deus. E se eu sou fiel ao que a Regra demanda em

cada uma dessas circunstâncias, o futuro reserva – não, ele promete – que Deus seja louvado e encontrado, e então, eu serei mais conformado a Ele. Certamente, temos esperanças e planos, mas a Providência embaralhá-los-á e dividi-los-á de acordo com um Plano maior. Nós veremos o que o futuro reserva. Mas se essa comunidade for fiel à Regra e atenta à voz de Deus, o futuro, seja qual for, será de Deus.¹⁴³

III. Problemas atuais do mundo para a Igreja.

A Igreja e por consequência as ordens religiosas enfrentam forte oposição seja no seu projeto de Evangelização, seja no projeto de se fazer uma igreja/religião/tradição religiosa entre outras tantas, por vários grupos sociais, políticos, religiosos e ou ideologias diferentes, presentes no mundo, tais como¹⁴⁴:

a) Secularização: mesmo com todos os esforços promovidos nas últimas décadas pela Igreja, os valores e práticas cristãos, mas não apenas eles, se vêm gradativamente minados por ela, levando a diminuição ou mesmo perda da dimensão do sagrado na vida dos religiosos e demais cristãos;

b) Neopentecostalismo: mesmo se levando em conta todos os avanços advindos do diálogo ecumênico, há forte proselitismo por parte das diversas igrejas neopentecostais sobre o rebanho católico, ao contrário das igrejas protestantes clássicas e ou antigas que com ela dialogam. Também há o fato de que a maioria destas igrejas não participar, e nem o quererem, do projeto ecumênico católico. Basta ver no *YouTube* vídeos, aos milhares, com as falas dos líderes destas igrejas a respeito da Igreja, do catolicismo, dos papas;

c) Maçonaria¹⁴⁵: que apesar de obras católicas, já há alguns anos, mostrarem uma face mais comum dela, particularmente aquela ligada à tradição das lojas dos Grande Orientes¹⁴⁶, há dentro da maçonaria grupos ferrenhamente anti-eclesiástico, como a italiana Loja P2, e que atuam neste sentido;

d) Islamismo: por seus ataques ao cristianismo e as conversões forçada dos cristãos¹⁴⁷, como foi o sequestro e assassinado de sete monges trapistas (Ordem Cisterciense de Estrita Observância), do mosteiro Nossa Senhora do Atlas que tinham na cidade de

¹⁴³ Cf. o site Fratres in Unum: <http://fratresinunum.com/2012/02/29/um-novo-mosteiro-benedictino-tradicional-em-frejus-toulon/>

¹⁴⁴ Chamo a atenção para duas coisas. Primeiro que a ordem pela qual os listo aqui não indica uma hierarquia, daí não haver nenhuma importância maior ou menor entre eles, mas apenas que existem e atuam contrariamente seja à Igreja, ao catolicismo, ao cristianismo, ou a religião. Obviamente, estes movimentos e grupos vêm a si mesmos e às suas ações positivamente, e a partir dos valores que eles defendem e os definem como pessoas.

¹⁴⁵ A respeito dos porquês e atuação das sociedades secretas, do poder derivado da posse do segredo, ver os trabalhos de: Marcel Mauss; Georg Simmel; Edward Evan Evans-Pritchard; Pe. José Antonio Ferrer Benimeli, sj

¹⁴⁶ Sobre isto ver os resultados do diálogo maçônico-católico promovido e realizado conjuntamente pelo Grande Oriente Alemão e a Conferência Episcopal Alemã, nos anos 1980.

¹⁴⁷ Como os ocorridos à população cristã do Sudão.

Tibhirine, na Argélia, em 1996, por um grupo de mulçumanos por serem cristãos. A respeito dos monges e do massacre, há poucos anos foi feito o filme *Homens e Deuses (Des hommes et des dieux*, direção de Xavier Beauvois);

e) Movimento feminista: algumas mulheres ligadas a movimentos feministas vêm nos últimos anos praticando ações antieclesiais, como aquela perpetrada pelo grupo feminista Femen contra D. Andre-Joseph Leonard, arcebispo de Mechelen-Bruxelas, primaz da Bélgica; a ação, também deste mesmo grupo na praça de S. Pedro no Vaticano na presença do Papa; a marcha das vadias, no Brasil, com profanação de símbolos cristãos amplamente noticiado pela mídia;

f) Movimento homossexual: entre a renúncia ao pontificado pelo Pp. Bento XVI e o início do pontificado do Pp. Francisco, por diversas vezes e em diferentes órgãos de mídias, religiosos e ou seculares, foi falado da atuação do lobby gay, ora com ações mais discretas ora com ameaças e chantagens; afora ações anti-cristãs de grupos homossexuais;

g) Comunismo: apesar de no mundo acadêmico, na mídia e mesmo dentro da Igreja haver a negação do comunismo, ou da divisão política entre esquerda e direita, os partidos de esquerda estão aí com: a) seus programas declaradamente anti-religiosos, tanto no plano espiritual, das idéias, como no da ação; b) seus membros se auto denominando de esquerda e ou comunistas, e contando seu pertencimento a toda histórica luta de Marx e dos marxistas; c) pelas declarações públicas que dão para quem as quiser ouvir de que com a Revolução cassarão as religiões e seus fiéis, como por diversas vezes ouvi deles em conversas, reuniões, debates, ao longo das últimas décadas, como discente e como docente universitário;

h) Ateísmo: apesar do número de ateus no mundo ser extremamente pequeno, algumas personalidades, que professam o ateísmo, como o biólogo C. Richard Dawkins, encontram grande público para as suas idéias antirreligiosas de modo geral, e anticristãs mais particularmente.

Outro problema tão grave quanto os acima mencionados, porém não oriundo ao mundo, mas aos próprios filhos da Igreja, são os movimentos cristãos católicos que professam o sedevacantismo da Sé Petrina, posta a adesão de todos os papas envolvidos com o Concílio Vaticano II aos princípios emanados dele. Do lado da Igreja, são desobedientes e não reconhecem a autoridade e legitimidade dos papas. Do lado dos sedevacatistas, a Igreja está acéfala, pois em sua consciência não aceitam que papas legítimos possam ferir, adulterar, a fé e moral cristãs. Com o passar dos anos e não havendo o diálogo, os grupos tenderão ao afastamento definitivo, promovido por um cisma.

IV. As imagens deles, no olhar deles, para eles e para nós

As fotografias que trouxe para o trabalho como forma de ilustrá-lo, que é uma das funções do uso de imagens, e delas tirar proveito quando ao tanto que da vida religiosa nos informa ou deixa de informar, foram colhidas por mim entre as dezenas de sites e blogs que frequentei aos longos desses anos todos de pesquisa.

Figura 53: Carmelitas de Valladolid – Campo Grande – 2013.



Fonte: <https://www.facebook.com/samaritanasvalladolid>

Como disse no início da tese iria trabalhar com as fotografias de campo que eu mesmo tirasse, ou que algum religioso tirasse com meu equipamento. Até fiz um pequeno acervo. Porém, conforme me fui aprofundando na pesquisa nos últimos anos, reparei que nos *sites* e *blogs* que eu visitava em busca de informações e dados a respeito dos religiosos havia um imenso acervo de fotografias, e mesmo vídeos, feitos por eles mesmos ou alguém que os visitara.

Recordei que anos e anos atrás, quando ainda começava a pesquisar o tema vida religiosa consagrada, o material imagético exposto por eles era bem menos espontâneo e muito mais dentro dos padrões usais de imagens religiosas dos materiais gráficos: santinhos, boletins, revistas, posters, etc.

Figura 54: Carmelitas de Valladolid – Campo Grande – 2013.



Fonte: <https://sites.google.com/site/irmasfrancicanasdaimaculada>

Desta forma é evidente que a disseminação e uso de novas tecnologias estão presentes também nas ordens: com o uso regular dos computadores; com o uso de câmeras fotográficas, webcams e celulares, deles mesmos e de seus visitantes. As fotos expostas por eles seguem o padrão de exposição dos sites mundanos: de renovação regular das imagens, de espontaneidade nas fotos, às vezes até mesmo uma autopromoção como nos *selfies*.

Figura 55: Irmãs FFI. Nigéria.



Fonte: <https://sites.google.com/site/irmasfrancicanasdaimaculada>

Por isso minha opção por este material, já que são eles mesmo se expondo ao olhar de nós outros, em relação a eles, mostrando como se vem e querem ser vistos por nós.

Figura 56: Irmãs FFI. Nigéria.



Fonte: <http://www.reginavirgunum.org.br/>

A exceção no uso de imagens feitas por mim aqui, fica por conta daquelas que são de 30 ou mais anos. Assim, o conjunto de fotos que trago ao longo do trabalho, intencionalmente pensado por mim nesta forma de expô-las em que se encontram, busca contar mais uma parte da vida dos consagrados, agora quase que literalmente lançando o olhar sobre o outro, juntando-as ao que ao meu texto escrito.

Figura 57: Irmãs Regina Virginum



Fonte: <http://www.reginavirginum.org.br/>

Figura 58: Monges Beneditinos do Mosteiro São Bento de Olinda.



Fonte: <https://www.facebook.com/mosteiroaobentoolinda>

V. Filmes sobre a vida religiosa consagrada

Conforme fui pesquisando ao longo desses anos encontrei vários filmes realizados sobre os religiosos. Sendo que alguns contaram com o apoio e ou participação deles, afora o consentimento dado pelos próprios religiosos a vários deles. Creio não ser sem razão certo espanto e admiração que vivi frente ao volume de filmes que encontrei. São de vários gêneros fílmicos: documentários; entrevistas; biografias; apologéticos. De grandes nomes do meio, como, por exemplo:

- o cineasta italiano Franco Zeffirelli o seu *Irmão Sol e Irmã Lua* (*Fratello Sole, Sorella Luna*, uma produção ítalo-inglesa), de 1972, a respeito de São Francisco de Assis (1182-1226) e de Santa Clara (1194-1253), numa forma mais alegórica e musicada;
- ou o de Liliana Cavani, Francesco (por aqui passou como *A História de São Francisco de Assis*), uma produção italiana, de 1989, narrado como drama, sobre a vida de Francisco¹⁴⁸.

Há outros tantos filmes e direções e atores menos conhecidos. Enfim, os materiais fílmicos encontrados por mim percorrem todo o leque de “para adolescente ou adultos”¹⁴⁹ até

¹⁴⁸ É interessante fazer uma comparação entre ambos os filmes, distantes do Concílio 07 anos e 24 anos respectivamente, e 17 anos entre si, no pré e pós “fumo de Santanás” (Pp. Paulo VI, 1972; ou no anexo II). Também chama a atenção na diferenciação substantiva entre ambos, os atores escalados para o papel de Francisco de Assis: Graham Faulkner, no primeiro e Mickey Rourke, no segundo. E poderíamos apontar mais ainda a megaprodução do primeiro; canções do astro do folk-rock inglês Donovan; e, particularmente, a infinidade de subprodutos e produções artísticas derivadas do primeiro filme.

¹⁴⁹ Filmes pornográficos existem também, em grande quantidade, porém como não trabalham sobre a vida religiosa, mas a partir do desejo dos outros que fantasiam sexualmente sobre freis e freiras em bacanais e

o “para toda a família”, como usualmente as pessoas se referem usando uma categoria de classificação etária. Mesmo se considerarmos os problemas de toda grandeza por qual passaram e passam as congregações, além do exotismo de antes como de agora, que várias pessoas têm com relação a respeito da vida consagrada. Desta forma, trago aqui uma pequena parte do que vi, como amostra do que podemos achar sobre eles e de como eles se expõem ao olhar dos outros, nós os curiosos a respeito de suas vidas. Por várias razões diferentes é que fiz esta pequena seleção, que vão desde os julgar como mais representativos do que vai acontecendo silenciosamente no seio da vida religiosa consagrada, até, sem deixar de reconhecê-lo, o meu olhar de estupefação pelos modos de quem vive diferente de mim, de alguém que não se vê vivendo daquele jeito.

Figura 59: Monges e Irmãs da Divina Misericórdia. 2013.



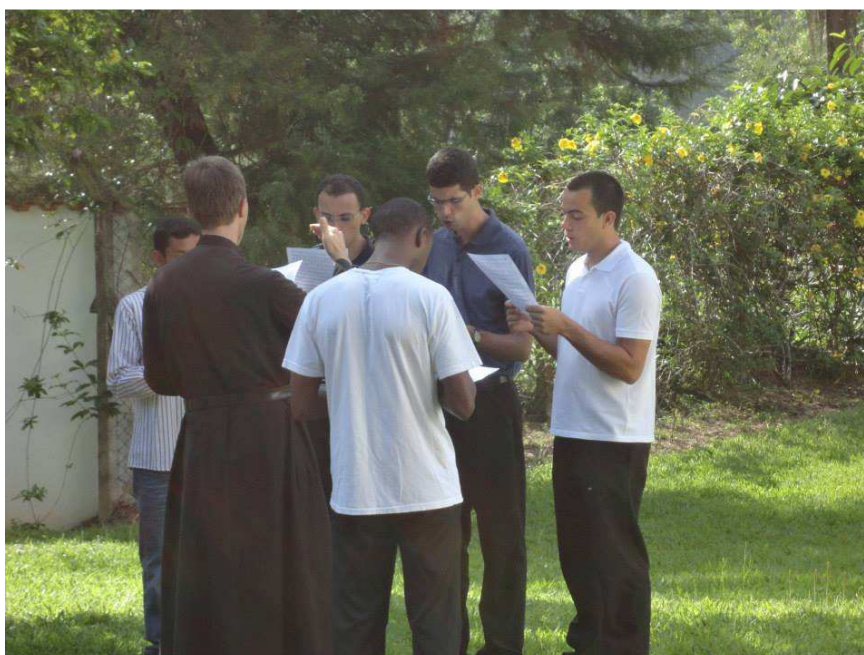
Fonte: <http://mosteirodivinamisericordia.blogspot.com.br/>

Ao expor um documentário recente (de menos de cinco anos) sobre vida religiosa consagrada católica, viso com isso explorar questões a respeito das práticas do trabalho etnográfico, da etnologia e/ou antropologia enquanto análise dos dados obtidos e submetidos à reflexão a partir de um conjunto de autores e teorias, arbitrariamente escolhidos por mim,

outras práticas sexuais, apenas registro suas existências sem os discutir, posto não ser o meu objeto de discussão aqui.

dentro do conjunto de possibilidades teóricas as quais conheço e vim a conhecer recentemente. Isto, concomitante ao uso de imagens (fotografias, filmes) como suporte de captura dos dados de pesquisa e que, aqui no meu caso no material fotográfico foi complementar à observação participante registrada nas cadernetas de campo que fiz, como também foi material de pesquisa meu nas redes sociais, como no Facebook, e em sites e blogs que os religiosos tem como indivíduos e como ordens. Por isso eu recorro, ao longo da minha exposição aqui, aos estudos feitos em antropologia visual, da teoria e da prática antropológica e daqueles acerca da vida religiosa consagrada, às vezes de forma mais explícita às vezes de forma menos explícita.

Figura 60 e 61: Ordem dos Cônegos Regrantes da Santa Cruz.



Fonte: <https://www.facebook.com/OrdemDaSantaCruz>

Início com a exposição a respeito do vídeo, encontrado e visto no YouTube, *Veilleurs dans la Nuit – une journée monastique à L’abbaye Sainte Madeleine du Barroux*” (Vigilantes de la noche, na legenda em espanhol, sendo que também aparece o termo *veladores*).

Em português, conforme pesquisa que fiz em algumas edições da Bíblia¹⁵⁰, a tradução seria: sentinelas, vigias, guardas noturnos. Tal qual como está na tradução de uma passagem cara a todos os religiosos consagrados:

Sobre teus muros, ó Jerusalém, postei guardas; eles não se calarão nem de dia nem de noite. Para vós, que vos lembrais de Iahweh, não há descanso. (Isaías 62,6) Bíblia de Jerusalém (GORGULHO; STORNIOLO; ANDERSON, 1981).

O filme é uma produção *Les Filmes de L’effronte*, escrito por Yvon Bertorello e Hadrien Diez, e dirigido por Eddy Vicken e Yvon Bertorello, produzido em 2008. O DVD deste documentário é facilmente encontrado para venda na *internet*, e pode ser assistido no *Youtube* onde há vários *links* com cópias, como também pode ser assistido no *site* da *Convicción TV*¹⁵¹ – onde foi assistido por mim.

Como um primeiro dado da experiência de pesquisa sobre a produção audiovisual sobre os religiosos consagrados, antes do filme em si mesmo, creio valer a pena expor, depois de andar pelos caminhos da sombra, com cheguei ao *Veilleurs dans la Nuit* e o escolhi como objeto de minha reflexão como um estudo de caso.

Inicialmente tinha optado trabalhar sobre um documentário, produzido em 2010 pela HBO Documentary Films, *Top Ten Monks* (Monges Top Dez), dirigido por Dana H. Perry, o qual tinha assistido e achado bem interessante e pertinente para um diálogo sobre etnografia, antropologia visual e religiosos consagrados. O filme *Monges Top 10* aborda o sucesso estrondoso que obteve a comunidade de monges cistercienses da Abadia de *Heiligenkreuz* (Santa Cruz), na Áustria. Estes cistercienses, como eles mesmo contam, se inscreveram num concurso de canto gregoriano, e foram tão bem que despertaram a atenção de produtores ingleses que os gravaram e lançaram o disco, de canto gregoriano. Eles foram parar na lista dos Top 10 e nela permaneceram por dois meses, alcançando vendas do seu CD de mais de

¹⁵⁰ Como por exemplo, a feita junto da Bíblia de Jerusalém (GORGULHO; STORNIOLO; ANDERSON, 1981) ou a que fiz no site <http://www.bibliacatolica.com.br> (acesso: janeiro/2012.)

¹⁵¹ Este site possui vários materiais audiovisuais com temática católica, tais como: vidas de santos e personagens católicos; liturgias e cerimônias; etc. <http://www.convicciontv.cl/> Acesso: 16/janeiro/2012.

um milhão de cópias. Devemos lembrar que as listas do tipo as 10 mais, incluem músicos profissionais, estilos musicais os mais diversos, etc.

O documentário *Monges Top 10* explora o inusitado do sucesso por parte de monges e quem são estes “astros” pops. É interessante as entrevistas concedidas pelos monges cistercienses: o abade D. Maximilian Heim, ocist, o Ir. D. Karl Wallner, ocist, e o Ir. D. Johannes Paul Chavanne, ocist. Particularmente, aponto para o fato da estranheza que eles sentem em tornarem-se *popstars* e o canto gregoriano ter tanto destaque. Como se depreende de um dos comentários ao longo do documentário, para eles, mesmo sendo da ordem do extraordinário tal evento: ensaiar para gravação, escolher repertório, lidar com produtores etc, o que fizeram está no ordinário de suas vidas, ser monge é isto, rezar cantando, ou em silêncio, e quando estão trabalhando.

Como nota de esclarecimento caso haja quem não os conheça, grosso modo, a Ordem dos Cistercienses é composta por monges e monjas que seguem as mudanças feitas no século XI, pelo mosteiro beneditino localizado em *Cîteaux* (França), hoje *Cîteaux*, que traduzido para o português, ficou Cister. Historicamente, um grupo de monges beneditinos: são Roberto de Molesme, são Alberico e são Estevão de Harding, os quais foram, respectivamente, os três primeiros abades de Cister, e mais alguns confrades, oriundos do mosteiro de São Bento em Molesme (França), buscando, ou interpretando ao seu modo, uma experiência mais próxima daquela escrita na Regra de São Bento¹⁵², rompe com os costumes beneditinos de então e acabam criando um cisma na ordem beneditina - ou uma renovação, por meio da restauração da Regra de São Bento na vida dos monges, segundo eles.

Os cistercienses, monges e monjas, pertencem como os beneditinos e os trapistas (ou monges cistercienses de estrita observação) à família beneditina (PONTES FILHO, 2002). Hoje em dia as diferenças entre os três ramos beneditinos está mais nos nomes que os identifica, nos seus hábitos: todo preto para os beneditinos, e preto e branco para os outros e alguns outros pormenores. Na realidade há toda uma reciprocidade entre beneditinos, cistercienses e trapistas a respeito da vivência cotidiana da Regra de São Bento; da prática do Ofício Divino; do canto gregoriano nos mosteiros; da validade da experiência monástica na atualidade e outras questões monásticas que vivem.

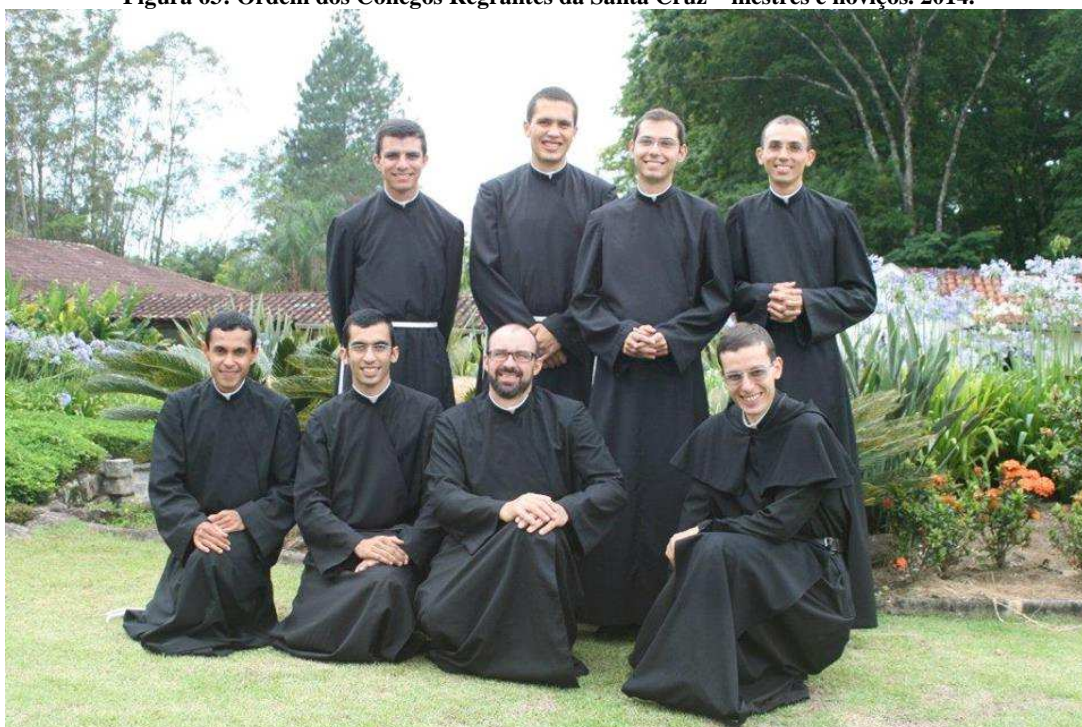
O documentário, como disse, foi exibido na televisão, no canal HBO que é um canal por assinatura, que restringe o público, mas não deixa de ser inusitado. Fiz minhas anotações,

¹⁵² Escrita no séc. VI por Bento de Núrsia, a qual foi amplamente disseminada na Europa medieval. A Regra é facilmente encontrada nas lojas dos mosteiros, livrarias católicas, e sites monásticos. Algumas edições veem bilíngues: português e latim; outras com comentários de algum monge.

sobre o que assistia para a posterior análise do material colhido e confrontado com textos, autores, etc.

Continuando com minhas pesquisas a respeito de filmes e fotografias que tratassem da vida consagrada, e ainda animado com os monges pop stars, me deparei com um outro documentário, este famoso pelo inusitado de abordar os monges que abordou, e também bem contemporâneo.

Figura 63: Ordem dos Cônegos Regrantes da Santa Cruz – mestres e noviços. 2014.



Fonte: <https://www.facebook.com/OrdemDaSantaCruz/photos>

Por isso fui motivado a mudar de um filme para o outro, por se tratar dos monges cartuxos, conforme vários dos meus informantes nos últimos anos, esta é uma das ordens mais rigorosas que existem¹⁵³, e também porque eu os quais eu conheci quando fazia meu mestrado, já que eles foram um dos grupos estudados por mim¹⁵⁴ (PONTES FILHO, 2002).

¹⁵³ Devo chamar a atenção que o grupo de pessoas que conheço que conhecem realmente a ordem dos monges e monjas cartuxas é exíguo. E também que a outra sempre referida como referida como rigorosíssima em seus costumes, valores e modo de ser é a dos monges trapistas (ramos masculino e feminino)

¹⁵⁴ Estes cartuxos vivem na cartuxa Nossa Senhora Medianeira, termo nativo com o qual designam qualquer um dos seus mosteiros, no município de Ivorá – RS, pertencente à diocese de Santa Maria (<http://www.chartreux.org/pt/casas/medianeira/index.php>) - Acesso: 15/janeiro/2012. O outro grupo estudado por mim foi o dos monges beneditinos, do mosteiro da Transfiguração, no município de Santa Rosa – RS, pertencente à diocese de Santo Ângelo (<http://www.transfiguracao.com.br>). Acesso: 15/janeiro/2012.

Figura 64: Ordem dos Cônegos Regrantes da Santa Cruz.



Fonte: <https://www.facebook.com/OrdemDaSantaCruz/photos>

O filme-documentário é o Grande Silêncio. Busquei-o na *internet* e tento encontrado uma cópia¹⁵⁵, eu a tomei para minha apreciação. Já tendo um par de páginas feitas de anotações, desde as mais ‘banais’: o filme é da Bavária Filmes; é um filme alemão; que teria 52 minutos de duração; encontram-se na rede vários sites que comentam o filme; até aquelas que me permitiriam destacar detalhes da ordem cartusiana, do modo de ser e agir dos cartuxos que ali eram mostrados: um jovem monge em sua cela, rezando seu ofício de Nossa Senhora solitariamente, já vestido com o hábito branco característico dos cartuxos; tendo a cabeça raspada; ajoelhado em seu oratório, trazendo à frente, em primeiro plano a salamandra que lhe aquece o cômodo; etc.

Já estava quase no final da análise do filme quando travou a apresentação. Busquei outras cópias e o mesmo ocorria. Nesta busca pela *internet* por uma nova cópia, é que olhando os vários links para o filme é que, finalmente, percebi que o filme na realidade tem mais de duas horas de projeção e não os 54 minutos que virá antes. Então, além do problema técnico do travamento, se juntou um segundo que foi me deparar com a inexistência de uma cópia completa deste filme.

Mas se os monges fazem o hábito, eu vivo, pesquiso, como ensina Ortega y Gasset:

¹⁵⁵ Que no caso é uma cópia pirata, e legendada, o assisti apenas *on line*.

A vida, que é, antes de tudo, o que podemos ser, vida possível, é também, e por isso mesmo, decidir entre as possibilidades o que em efeito vamos ser. Circunstâncias e decisão são os dois elementos radicais de que se compõe a vida. A circunstância – as possibilidades – é o que de nossa vida nos é dado e imposto. Isso constitui o que chamamos o mundo. A vida não elege seu mundo, mas viver é encontrar-se, imediatamente, em um mundo determinado e insubstituível: neste de agora. (Ortega y Gasset: 2001, 24).

Vivi assim com as minhas circunstâncias, como elas se apresentavam a mim naqueles dias.

Tanto vale dizer que vivemos como dizer que nos encontramos em um ambiente de possibilidades determinadas. A este âmbito costuma chamar-se “as circunstâncias”. Toda vida é achar-se dentro da “circunstância” ou mundo. Porque este é o sentido originário da idéia (mundo). Mundo é o repertório de nossas possibilidades vitais. (Ortega y Gasset: 2001, 24).

Posto isto, parti para uma nova “possibilidade” de estudo, aproveitando que a *internet* abre um enorme campo de buscas para que eu pudesse reorganizar a minha própria experiência etnográfica de encontrar um documentário que julgasse melhor de ser tomado como exemplar. Como diz Ortega y Gasset:

[...] nossa vida é em todo instante e antes que nada consciência do que nos é possível. Se em cada momento não tivéssemos à nossa frente mais que uma só possibilidade, careceria de sentido chamá-la assim. Seria apenas pura necessidade. Mas aí está: esse estranhíssimo fato de nossa vida possui a condição radical de que sempre encontra ante si várias saídas, que por serem várias adquirem o caráter de possibilidades entre as quais havemos de decidir (34). (ibidem).

Figura 65: Redentoristas FSSR(ou transalpinos).



Fonte: <http://www.facebook.com/redemptorists>

Busquei e achei um documentário que me parecia interessante, por se tratar de monjas cartuxas. Especialmente por eu não ter outro conhecimento delas além das leituras que fiz e do pouco que falei com os cartuxos quando os entrevistei (PONTES FILHO, 2002). Assim, viria um filme de 12 minutos de duração; feito sobre um tema interessante: mulheres e religiosas do tipo clausura, além da fonte do filme ser mais do que qualificada, posto ser do próprio site da Ordem dos Monges Cartuxos¹⁵⁶ o local onde assistia ao documentário. Mas, novamente, as circunstâncias não me foram favoráveis, ou meu olhar de pesquisador não estava o mais apurado, pois não era um filme, mas uma apresentação em modo *flash*, algo como uma antiga apresentação de slides, com fotografias quadro a quadro sendo apresentadas.

Tenho que admitir que foi um pouco decepcionante e frustrante. Afinal foram buscas, anotações, montagem de esquemas analíticos e explicativos, destaques de imagens para serem indicadas, etc. Como outros pesquisadores, tive que dar o braço a torcer frente o fato de que voltava ao ponto zero – ou, pior, dele não tinha saído. Não chegou a ser uma corrida-fuga geertziana da polícia balinesa, para deixar de ser um “afastado” para ser real (GEERTZ, 1989); ou uma incompreensão de minha parte do que deveria fazer; apenas não achar o material adequado para fazê-lo.

Dada a necessidade de encontrar um filme para trazer como o meu estudo de caso, pelo compromisso inerente ao estudo mesmo, bem como tocado nos brios de pesquisador¹⁵⁷ que não acha seus dados de campo, passado uns dias, voltei, a carga. Afinal de contas mesmo para a elaboração de um exercício analítico-teórico, de um *case*, usa-se o método.

Dado que sabia os passos que seguira e os “erros” alcançados por mim, como também sabia o que queria apresentar na tese como objeto de reflexão a respeito da atualidade da vida religiosa consagrada, parti para uma nova entrada em campo, de modo a obter um bom documentário para minha exposição e análise. Daí a minha necessidade de novamente realizar o refinamento do meu objeto: apresentar uma comunidade de religiosos consagrados peculiar, que servisse para os expor dado serem dos dias de hoje, viverem hoje, estarem no mundo hoje, após 50 anos de Concílio Vaticano II, e não algo histórico e ou alegórico e ou apologético, remetendo ao passado da vida religiosa. Da mesma forma refinamento dos meus objetivos:

¹⁵⁶ Cf. Acesso: 15/janeiro/2012, nos sites: <http://www.chartreux.org/pt/> - <http://www.chartreux.org/en/nuns/Ordangl.html>.

¹⁵⁷ Ou seja, afetado pela própria prática da pesquisa que fazia.

I. que o documentário aqui descrito por mim fosse o mais abrangente dado o pressuposto de que o mesmo não teria um público que o conhecesse ou que os leitores da análise não fossem familiarizados com o tema.

II. que o filme buscado para a exposição com estudo de caso, deveria nos permitir fugir dos estereótipos, me permitindo apresentar o olhar etnográfico a partir das imagens, as quais não foram colhidas por mim.

Assim, várias procuras depois e a confirmação da disponibilidade do filme, é que finalmente cheguei ao “*Veilleurs dans la Nuit*”. Obviamente, como pesquisador que chegou ao seu objeto, eu pude então me maravilhar com o que via. E a partir de agora exponho para que juntos leitor e eu compartilhem nossos tempos (FABIAN, 2006), e o nosso tempo com o tempo compartilhado pelos monges e eternizado no documentário.

Figura 66: Irmãs Sacramentinas – Servas do Santíssimo Sacramento da Adoração Perpétua.



Fonte: <http://www.sacramentistastaubate.org.br/>

Posto esta minha exposição ser sobre a vida religiosa consagrada, creio valer a pena expor o fato que o antropólogo J. Fabian que acabei de citar, é um ex-frei verbita, i. é da Congregação dos Missionários do Verbo Divino (SVD), estando entre aqueles religiosos que viveram o Concílio Vaticano II e no aggiornamento conciliar, passou a ser leigo. Fala ele de sua entrada na antropologia:

Minha entrada profissional na antropologia deu-se através do Instituto Anthropos. Eu pertencia a uma ordem religiosa que ainda mantém tal instituto e sua revista. Ele foi fundado por Wilhelm Schmidt¹⁵⁸ e, na ocasião, estava se modernizando. Enviou muitos de nós para estudarmos nas melhores instituições do mundo; assim, alguns de meus colegas e amigos estudaram em Paris, na Sorbonne, outros foram para Oxford, e eu fui mandado para Chicago. (FABIAN: 2006, 506).

Mas antes de iniciar as considerações a respeito do filme e dos religiosos apresentados nele, há que se recordar que filmes e fotografias sempre partem de uma adulteração do tempo e espaço, porém que não é necessariamente uma falsificação no sentido de logro, de enganação, ou mentira. Ou seja, quando vemos um filme ou fotografia, temos que ter em mente que ele foi pensado e produzido há alguns anos atrás e, portanto, aquelas pessoas vistas, no mínimo já não têm aquela idade, já realizaram várias outras experiências em suas vidas, já tiveram tempo de maturar o que foi terem suas vidas expostas num filme e vista por outras pessoas e etc. Também que são pessoas que não nos conheceram e nem conhecem, e o inverso é verdadeiro, e muito provavelmente não nos conhecerão em vida, e voltamos ao ponto de que o nosso “encontro” se dará pelo tempo compartilhado com o diretor e sua obra, quem o mediador entre a assistência e aqueles que foram documentados.

Assistir ao filme é, primeiro, o ver pelos olhos/lente de um outro, o diretor, assim, muitas coisas que queríamos saber mais do filme, obter o detalhe, não obteremos pelo simples fato de que, normalmente, isto não ocorre junto das produções dos filmes ou das fotos. Segundo, como expõe Sylvia C. Novaes a respeito de assistir um filme:

Nos filmes, o importante é o princípio da descoberta a partir do encadeamento de imagens, que são ligadas por sua proximidade ou ressonância. É o receptor das imagens (e não o autor, como ocorre no texto) que vai fazendo a relação entre uma imagem e outra. O autor está certamente presente, apresentando o tema, mas cabe a quem vê o filme criar os predicados. É o espectador quem descobre as conexões entre uma rede de possibilidades estruturadas pelo autor. O espectador de um filme participa — na verdade, interage intensamente com aquilo que vê — de modo muito diverso daquele com que o leitor se relaciona com um texto. (Novaes: 2008, 464).

Tudo isto não é novidade para quem acompanha a trajetória da antropologia visual¹⁵⁹, feita no Brasil e no exterior, campo de conhecimento no qual estão presentes filmes, fotografias e outras representações imagéticas. É só lembrarmos dos trabalhos de antropologia visual (mesmo que não fossem assim pensados) de Margareth Mead e Bateson

¹⁵⁸ Padre Schmidt foi o fundador da Escola de Viena, e expoente da Escola Difusionista.

¹⁵⁹ Cf. Samain (2001).

na Samoa; Malinowski e os trombriandeses; de Nanuk um dos primeiros filmes etnográficos; etc. Ou obras com as de John Collier Junior (1973), um “clássico” da área.

Trabalhos como o de Etienne Samain (1998), os de Sylvia C. Novaes (2008), Cornélia Eckert (ROCHA; ECKERT, 1998), José Rogério Lopes (2010)¹⁶⁰, ajudam a conhecer as teorias e técnicas e a desenvolver o gosto pelo uso das imagens (esculturas, pinturas, desenhos, santinhos, etc) e da fotografia (fotos e slides) como fontes para a análise etnográfica: das imagens em si mesmas; da relação imagens e textos; da relação de comunicação entre imagens e espectadores/leitores.

E destas imagens no geral para o registro fílmico é um passo. No caso específico deste documentário, *Veilleurs dans la Nuit*, chamo a atenção para o texto de Sylvia C. Novaes, dada a discussão que faz sobre a imagem religiosa, e das propriedades singulares do texto e da imagem. Todos eles: fotografias, slides, filmes e textos (como este ou etnografias), cada qual ao seu modo, expressam algo sobre o mundo.

Enfim, temos que ter em mente que os monges personagens do filme, são os monges reais que mesmo tendo assentido na filmagem, estão sendo incomodados no seu dia-a-dia pela produção de um filme; que sabem que estão sendo filmados, e que podem até ter considerações mais amplas do filme e matutarem sobre os futuros espectadores que assistirão o documentário que narra suas vidas.

Não nos esqueçamos de que filmes e fotografias por mais que registrem de modo testemunhal um fato, elas só o fazem a partir da recriação da própria realidade sobre a qual olham. Afinal são escolhas de perspectivas, narrações, ritmos, etc, feitas por alguém e suas circunstâncias específicas, que o limita a olhar o mundo a sua volta a partir de uma perspectiva.

Veilleurs dans la Nuit trata da vida dos monges beneditinos do mosteiro de Santa Maria Madalena de Barroux. Tem por objetivo apresentar o que seria a vida cotidiana dos beneditinos: o acordar, rezar, trabalhar, vida em comunidade (daí serem cenobitas). Assim sua narrativa, composta por imagens, sons e a fala do narrador, busca a harmonia destes elementos, ligando-os de forma lógica, bem como construindo um conjunto de dados (os monges e as coisas da vida monástica), a princípio desconhecidos dos espectadores, mas que logo se tornam reconhecíveis no decorrer da apresentação. Expõe deste modo, o conjunto das

¹⁶⁰ Estes e outros antropólogos estão ligados a núcleos de antropologia visual ou similares, em suas respectivas universidades: Unicamp, USP, UFRGS, UNISINOS. Hoje em dia é bem disseminado pelos programas de pós-graduação em Ciências Sociais e de Antropologia tais núcleos. Afora revistas científicas especializadas, como por exemplo, Cadernos de Antropologia e Imagem, do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – PPCIS, da UERJ.

relações sociais experimentadas ao longo do tempo e do espaço. No caso em pauta, exemplificando:

- 1) as primeiras imagens da abertura do documentário: letreiros, canto gregoriano, sol nascendo, monge contemplando o horizonte; o tempo passando pelas paredes externas e no interior da capela do mosteiro. A abertura finaliza quando a tela se escurece e começa o toque o som dos sinos e há a sobreposição com o canto dos monges.
- 2) seguem-se as imagens: noite, o mosteiro iluminado, lateral do mosteiro com as janelas apagadas que aos poucos se acendem;
- 3) som, o toque do sino repetido;
- 4) a fala do narrador (“Há mais de 15 séculos...”), acrescida da legenda: 03:30horas.

Abre-se assim a vida e o mundo (ORTEGA Y GASSET, 2001) dos beneditinos, numa espiral temporal: com a apresentação de diferentes momentos de oração e trabalhos ao longo do dia, da semana e do ano; e numa espiral espacial: celas, capela, refeitório, e outros locais dentro e fora do mosteiro.

Falo em espirais, pois a narrativa começa com a saída dos quartos, para o primeiro ofício divino, a oração em comunidade, e é finalizada com o término do dia com o ofício divino correspondente e a volta para os quartos. Tendo os monges passado dos seus quartos para a capela do mosteiro, dela para seus locais de trabalho, seguido do refeitório, para capela novamente, até a volta aos quartos, em solidão. Por sinal este intervalo entre o anoitecer e novamente alvorecer, é chamado de Grande Silêncio.

Voltando à exposição do mosteiro em si. Este mosteiro é uma abadia, o que quer dizer existirem nele atualmente mais de 12 beneditinos que fizeram ali seus votos perpétuos de serem monges, além de outros com os votos temporários e os noviços e postulantes. E uma abadia é encabeçada por um abade, o monge eleito por voto pelos demais membros do mosteiro. No filme, dom abade Louis Marie¹⁶¹, é o primeiro monge de quem se vê o rosto, além de ser identificável, por ser o único beneditino com uma insígnia, uma cruz peitoral, símbolo da sua autoridade.

Chamo atenção para o fato estes sinais foram mantidos até os dias presente, mesmo sendo milenares, como a própria família beneditina. Também ao fato de que estes símbolos de autoridade monástica: anel, cruz peitoral, mitra, báculo, são idênticos aos símbolos episcopais. Ressalvo, porém, que não implicam em autoridade e/ou poder idênticos, posto

¹⁶¹ Os monges de várias ordens da família beneditina têm por costume antepor ao seu nome o título “dom”, para aqueles entre eles que já fizeram algum dos votos.

bispos serem hierarquicamente superiores a presbíteros e diáconos, aos religiosos, e aos leigos. São símbolos de poder e autoridade internos.

Vários elementos apresentados permitiriam ampla exposição, tais como:

- i. as técnicas corporais empregadas, evidenciando o corpo como primeiro suporte da cultura, e a cultura nele se inscrevendo¹⁶²: o uso do hábito preto; andar em fila dupla; a formação do coro na capela; cabeças raspadas e com tonsura; o vagar da fala; o canto coral; etc
- ii. a arquitetura, toda ela sagrada, posto ser ordenada para este fim: a composição de cada cela; a capela; o refeitório; os locais de trabalho (padaria, alfaiataria, biblioteca); os acabamentos, adornos, aberturas, portas; o claustro.
- iii. a liturgia: a celebração comunal de cada um dos oito ofícios divinos; a missa comunitária; as missas solitárias; o canto gregoriano; a profissão dos votos.
- iv. a cosmologia monástica beneditina: a vigília, o silêncio, a comunidade, a vocação, o carisma, a profissão, a espiritualidade específica, o cristocentrismo;
- v. o domínio da palavra: na fala; no silêncio; na oração; na escrita; com meio de saber para si, para ir a Deus, para educar.

O documentário expõe uma característica basilar da vida monástica beneditina¹⁶³: a vida cenobita, em comunidade. Fora da cela, o tempo todo é registrado a presença de um ou mais monges, no seu silêncio, em sua oração interior, nos seus trabalhos. Andando lado a lado, assentados no coro da igreja, nos bancos da capela capitular, ou no piquenique semanal ou mensal que fazem¹⁶⁴.

Do mesmo modo são ricas as imagens dos três espaços comunitários, amplamente usados por todos, da entrada de cada indivíduo no mosteiro até a morte de cada um dos monges: a igreja para a oração em comum; a sala capitular, para a economia monástica; o refeitório para a partilha da refeição.

Um dado presente o tempo todo, porém que não é explicitado é a origem e a identidade particular, mesmo dentro da família beneditina, deste mosteiro. Esta identidade própria faz com que sejam mais singulares que o normal dos mosteiros.

¹⁶² Lembrando-nos de Marcel Mauss e Lévi-Strauss, respectivamente.

¹⁶³ Por extensão os cistercienses, trapistas, cartuxos e tantos outros mais, mesmo as formas mais modernas de vida religiosa consagrada.

¹⁶⁴ A periodicidade de tais piqueniques varia de mosteiro para mosteiro, de ordem para ordem. Por exemplo, os cartuxos que visitei (PONTES FILHO, 2002), o faziam mensalmente com a participação de todos.

Figura 67: Sociedade dos Joseleitos de Cristo.



Fonte: <http://www.joseleitos.com.br/>

O mosteiro de Santa Maria Madalena é uma fundação (expressão típica indicativa da construção deles) do período pós Concílio Vaticano II. Seu fundador foi D. Gérard Calvet (1927-2008), osb, monge beneditino que buscou retomar a vida monástica na sua forma tradicional sem os modernismos introduzidos pelo Concílio, tal qual já o fizeram tantos outros religiosos, dentro e fora da ordem beneditina. De certo modo é uma releitura particular dele e daqueles que o seguiram, do modo de ser beneditino, frente ao choque com as outras releituras pós-conciliares, ditas por eles como progressistas, protestantes, seculares.

Como, por exemplo, as propugnadas por D. John Main, OSB (famoso pela Meditação Transcendental) ou de D. Beda Griffiths, OSB (famoso pelas ideias de diálogo inter-religioso católico-hindu, ocidente e oriente), e outros mais que em suas interpretações do espírito do Concílio, viam a esses tipos de monges como sendo tradicionalistas, conservadores, medievais, atrasados, etc.

A partir dos anos 1970 do século passado D. Gérard Calvet, osb, e seus filhos espirituais serão identificados com os grupos tradicionalistas católicos, particularmente com o grupo que girou entorno do cardeal D. Lefebvre.

A saga percorrida por D. Gérard Calvet¹⁶⁵ e sua comunidade¹⁶⁶ é narrada tanto pelos monges do mosteiro Santa Maria Madalena de Barroux, como pelos monges beneditinos

¹⁶⁵ Cf. no site do próprio mosteiro, a página sobre D. Gerard, OSB, <http://www.barroux.org/fr/nos-fondateurs-articles/dom-gerard.html> Acesso: 15/janeiro/2012.

tradicionalistas (ou lefebvreianos) existentes no Brasil, em Friburgo, no estado do Rio de Janeiro¹⁶⁷ em seus respectivos sites. Contam estes últimos:

De volta à França em 1970 e descontente com o rumo cada vez mais progressista de seu mosteiro de origem, recebe autorização para fundar “*ad experimentum*” uma comunidade em Bédoin, perto de Avignon, o priorado Sainte Marie-Madeleine. A comunidade tinha ainda pouco mais de três membros quando providencialmente estes vieram a conhecer D. Marcel Lefebvre, fundador da Fraternidade Sacerdotal São Pio Xe do Seminário de Ecône, na Suíça, de quem receberam logo incentivo e preciosa ajuda. Rapidamente, com inúmeras vocações vindas sobretudo dos meios tradicionalistas franceses, o mosteiro pôde se desenvolver e começar até mesmo sua construção definitiva, desta vez na localidade chamada Le Barroux, no sul da França. (grifos do original).

A experiência em comum do cardeal D. Lefebvre e D. Gérard, osb, irá até 1988, quando este se separa do cardeal, mantendo-se e à sua comunidade unidos ao Vaticano, posto o desenrolar da excomunhão sofrida por D. Lefebvre e aqueles que o seguiram. Entre aqueles que se mantiveram do lado dito tradicionalista, estavam (e ainda estão) os monges do mosteiro do Mosteiro da Santa Cruz, que romperam com o mosteiro francês de onde se originaram. Narram em seus sites os monges:

Com o crescimento do mosteiro do Barroux, Dom Gérard decide fazer uma nova fundação e resolve fazê-la no Brasil não só pelos laços de amizade que conservara como também pela presença de dois brasileiros em sua comunidade. Assim, em 3 de maio de 1987 foi fundado o Mosteiro da Santa Cruz, em Nova Friburgo, RJ, num magnífico terreno doado por um benfeitor brasileiro. Os fundadores eram seis monges, tendo como prior um monge brasileiro que havia ingressado em Bédoin em 1974, D. Tomás de Aquino Ferreira da Costa¹⁶⁸ (Mosteiro de São Bento. <http://www.benedictinos.org.br/historico.htm> Acesso: 15/janeiro/2012).

D. Gérard, osb, e sua comunidade, bem como outros casos de padres diocesanos, religiosos e leigos, se uniram na Fraternidade Sacerdotal São Pedro¹⁶⁹, mantendo várias das

¹⁶⁶ Cf. no site do próprio mosteiro, a página sobre a comunidade, <http://www.barroux.org/fr/histoire-du-monastere/historique-du-monastere.html>. Acesso: 15/janeiro/2012.

¹⁶⁷ Cf. no site do próprio mosteiro, <http://www.benedictinos.org.br/historico.htm>. Acesso: 15/janeiro/2012.

¹⁶⁸ Ainda hoje D. Tomás, OSB, é o prior e está a frente de sua comunidade.

¹⁶⁹ “A Fraternidade Sacerdotal São de Pedro (em latim: *Fraternitas Sacerdotalis Sancti Petri*) é uma sociedade de vida apostólica de direito pontifício, composta por sacerdotes católicos e que tem uma missão no Mundo. Essa missão consiste no seguinte: a) formar e santificar padres no quadro do rito romano tradicional; b) a acção pastoral desses sacerdotes no Mundo, ao serviço da Igreja Católica Romana. A Fraternidade foi fundada em 1988 (na sequência das consagrações episcopais levadas a cabo por Monsenhor Marcel Lefebvre, em 30 de Junho desse ano), composta por 12 padres e alguns seminaristas. Foi acolhida por Monsenhor Josheph Stimple, bispo de Augsburg (Alemanha), em Wigratzbad.” (<http://www.avidasacerdotal.com/p/fssp.html>). Acesso: 15/janeiro/2012.

caraterísticas pré-conciliares que queriam, ao mesmo tempo em que aceitaram outras tantas pós-conciliares. Já D. Marcel Lefebvre e aqueles que o seguiram permaneceram unidos na Fraternidade Sacerdotal São Pio X¹⁷⁰ e do Seminário de Ecône (Suíça), obras do cardeal. Não cabe aqui detalhar, mas não posso deixar de lembrar que a maior parte destes fatos ocorreu ao longo do pontificado do Papa João Paulo II (1978-2005) e a presença e atuação em todos estes acontecimentos do então cardeal D. Joseph Alois Ratzinger, atual Papa Emérito Bento XVI, interlocutor privilegiado tanto do cardeal D. Marcel Lefebvre, como de dom abade Gérard, OSB.

No filme os dados sobre a vida monástica estão bem expostos, deixando clara a empatia entre produtores e monges, e o conhecimento sobre a vida monástica contemporânea. Óbvio que alguém como eu, com experiência e conhecimento no tema tem mais facilidade de tirar dados, expor curiosidades, etc, além do meu olhar já estar educado para os pertos e longes, dentro e fora, as afetações e experimentos da prática etnográfica (MAGNANI, 2002, 2003 e 2009) que são apresentados pela direção.

Contudo com um pouco de experiência da observação participante, de trabalho de campo, leitura dos textos antropológicos, orientando o olhar de cada um, é possível retirar mais dados ainda do que foi visto, trazendo à tona indagações a respeito dessa gente, num primeiro momento, estranha a nós, mas tão familiares quando nos deixamos frequentá-las, conversarmos, rirmos, conhece-las. Como diz J. Gutwirth:

Entre as ciências sociais existe uma disciplina particularmente sensível às questões de subjetividade, é exatamente a etnologia, pois suas técnicas de base visam penetrar as mentalidades dos “outros”; e como se pode querer compreender algo de outrem, sem se pôr em relação e em comparação com uma experiência de si, de seu próprio modo de ser? (Gutwirth: 2001, 225).

¹⁷⁰ Cf. <http://www.fsspx.org/fr/> e <http://www.seminaire-econe.ch/> respectivamente. Acesso: 15/janeiro/2012.

AINDA HÁ MUITOS SERES HUMANOS QUE
CAMINHAM DIANTE DOS OLHOS DO SENHOR



*cce quam bonum et quam
jucundum habitare fratres in
unum*

C

**OMO É BOM, COMO É
AGRADÁVEL PARA IRMÃOS
UNIDOS VIVEREM JUNTOS.**

(Salmos, 132, 1)

AINDA HÁ MUITOS SERES HUMANOS QUE CAMINHAM DIANTE DOS OLHOS DO SENHOR¹⁷¹

Ao longo deste meu estudo procurei mostrar algumas das diversas mudanças positivas e negativas vividas pela Igreja e, conseqüentemente, pela vida religiosa consagrada cristã católica romana, ao longo dos últimos anos, decorrentes dos dois últimos Concílios Vaticano.

Muitas destas transformações tiveram como origem e causa fatos e ações internos à própria Igreja, as quais possuíam muito mais força e foram mais determinantes para os altos e baixos vividos na Igreja, do que aquelas forças (seculares, anti-religiosas, “demoníacas”, etc) que vieram de fora da Igreja. Como exemplo disso, lembremos: as disputas entre escolas teológicas, as nacionalidades, entre as ordens e etc, com maior ou menor clareza por parte dos atores envolvidos na própria disputa de poder. As forças sociais exteriores circunstanciaram a Igreja, posto serem originadas externamente, daí que como que “caíram” sobre ou “entraram” na Igreja, como, por exemplo, a secularização de vários dos costumes católicos, especialmente com relação aos costumes de vida dos consagrados.

O mais importante, a meu ver, contudo, é que mesmo com toda a força do evento histórico que foi o Concílio Vaticano II, em seus aspectos dissociativos aplicados sobre os católicos, e o aproveitamento que disso fez a sociedade moderna contemporânea com seus valores opostos e/ou diversos aos do cristianismo, a Igreja continua como uma realidade não apenas presente, mas atuante no mundo, com ele monologando, dialogando, silenciando etc. E obviamente as interações entre estas partes se alteraram e recompuseram. De tal modo que temos várias facetas dessa nova comunicação de si para dentro e para fora da Igreja:

a) pelo diálogo ecumênico com as demais Igrejas católicas¹⁷² e Comunidades Eclesiais cristãs¹⁷³, cujos trabalhos entre as partes contam com centenas, afora haver na Igreja, anualmente, a celebrações ecumênicas, visando ampliar o diálogo entre as denominações cristãs.

¹⁷¹ Esta frase a peguei de Olavo de Carvalho, no seu livro Apoteose da vigarice – cartas de um terráqueo ao planeta Brasil volume 1, no capítulo Consciências deformadas (p. 244), onde ele discute alguns dos problemas trazidos pela modernidade para a consciência de si das pessoas em geral e de alguns dos agentes políticos em particular. A sentença da frase ele a contrapõe ao laicismo moderno.

¹⁷² Que é como a Igreja se refere apenas às demais igrejas nas quais há a sucessão apostólica, que no caso são as Igrejas ortodoxas.

¹⁷³ Igualmente, como se referencia às igrejas de matriz protestantes, com as quais mantem comum do credo mínimo cristão.

- b) seja pelo diálogo inter-religioso que mantém e busca manter com as outras religiões do mundo, particularmente, com o budismo e islamismo, também havendo vasta quantidade de obras e encontros religiosos e de cunho acadêmico a este respeito;
- c) pelos seus posicionamentos frente a temas e ações como o sacerdócio apenas masculino (particularmente no seu aspecto de liderança dos fiéis);
- d) defesa da família e por consequência, contrária aos métodos anticonceptivos, aborto, “casamento” homossexual, etc;
- e) a salvação dos homens e o encontro com Deus.

Particularmente naquilo que me interessou, muito oscilou positiva e negativamente a vida religiosa consagrada após o Concílio. Tiveram as ordens perdas de muito de seus membros; desânimo em alguns os religiosos que permaneceram; redução de vocações; desorientação da espiritualidade própria; perda da transmissão de suas tradições próprias.

E o mais importante, a dúvida que foi plantada e regada dentro da própria Igreja, e por decorrência nas congregações religiosas: haveria ainda espaço para este estado de vida cristã dentro da Igreja? Ou menos, elucubrada a dúvida: vale a pena ser religioso?

Figura 68: Clarissas Capuchinhas. Macapá.



Fonte: <https://www.facebook.com/clarissas.capuchinhas>

Lembro, por exemplo, de uma entrevista que fiz, há alguns anos atrás, com um professor e frei franciscano, que afirmara na palestra que fez, que a vida religiosa estava fadada a acabar. Valeria, para ele e seus confrades, continuarem a viver este estado de vida cristã?; pensei na época. Para ele não havia mais volta do fim que antevia, porém não deixara de ser e apresentar-se como frei, e quando conversamos não havia esta possibilidade dada em sua vida.

Para o mundo, ainda mais no sentido cristão de século e, portanto, antagônico à Igreja, com certeza não havia antes como não há agora espaço algum possível para o sagrado, nos moldes daqueles que professam a fé, mas possivelmente para aqueles que a relativizam, como sugerido na leitura de alguns dos teóricos da modernidade ou da posmodernidade (GAETA, 2007; QUEIROZ, GUEDES E QUINTILIANO, 2012) e suas discussões sobre individualidade e sociabilidades baseadas em valores e preceitos meramente mundanos, quando não abertamente contrários aos valores e à ascese cristãos, quando comparados com os manuais de doutrina católicos, como, por exemplo, o catecismo Romano¹⁷⁴ (2003) e o dos papas Pio X (2004) e João Paulo II (1993).

Figura 69: Comunidade servos da Divina Misericórdia e do imaculado coração de Maria.



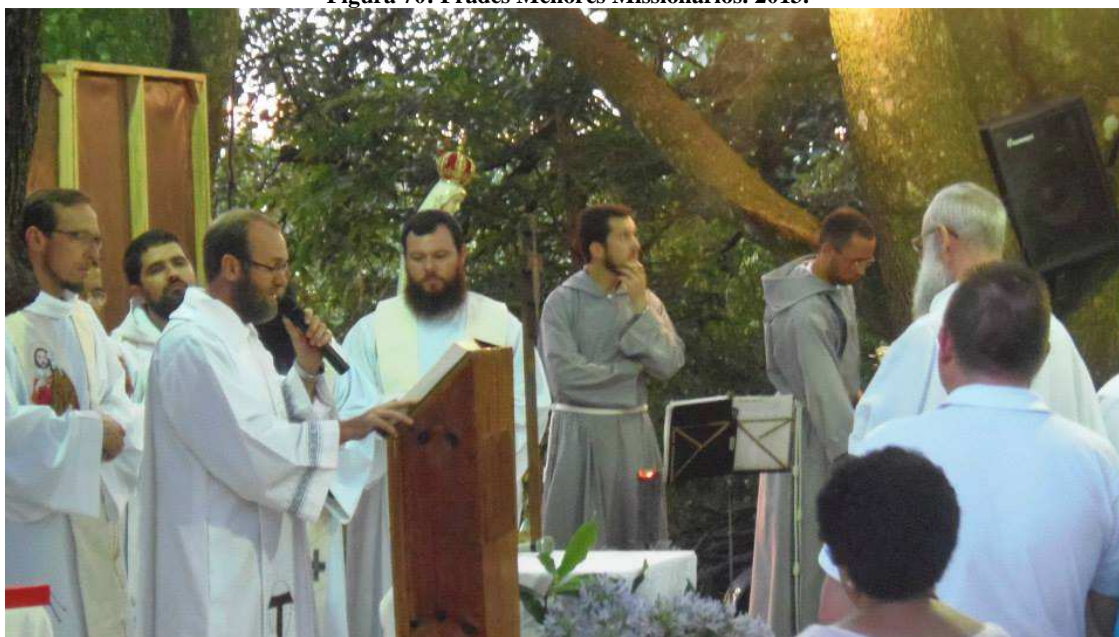
Fonte: <https://www.facebook.com/servosdadinamisericordia>

¹⁷⁴ Este é o nome vulgar deste catecismo. O nome culto é: Catecismo dos párocos, redigido por decreto do Concílio Tridentino, publicado por ordem do Papa Pio V, promulgado por moto-próprio em 24 de setembro de 1566 e impresso no mesmo ano.

Muito já se falou de neo-tribalismos seculares, seja contra ou a favor dos mesmos, positiva ou negativamente, apontando este como uma marca dos tempos pós-modernos que viveríamos¹⁷⁵. Igualmente, muita tinta se gastou escrevendo-se a respeito da modernidade deste mesmo tempo, da contemporaneidade, como a época da secularização ou do desencantamento e/ou reencantamento do mundo moderno, por parte de católicos, por religioso, mas com a vida religiosa consagrada fora ou quase fora deste mundo.

Todavia, no transcorrer destes cinquenta anos de pós-Concílio, aos poucos as ordens vão se recuperando da tormenta que enfrentaram – independente se contribuíram mais ou menos para a origem da mesma e foram empecilhos, igualmente, para a sua solução. E mesmo que ainda haja uma preocupante evasão da vida, que muito chama a atenção dos superiores das congregações e de todos aqueles que vivem e cuidam da vida consagrada.

Figura 70: Frades Menores Missionários. 2013.



Fonte: <http://fmmissionarios.blogspot.com.br/>

Novas ordens, e as encontrei às dezenas¹⁷⁶, surgiram nestes anos passados da experiência pos-conciliar. Outras tantas se reencontraram renovando-se em suas singularidades. Outras, falam veladamente do seu fim, o qual se aproxima, não vendo elas solução alguma para o lento movimento de diminuição da própria vida religiosa que vivem. Poucas ordens, porém, foram aquelas que, praticamente, passaram ilesas neste período.

¹⁷⁵ Aqui me refiro especificamente à escola pos-moderna por ser, a meu ver, a que mais é citada, correta ou incorretamente frente ao conceito em Ciências Sociais, dentro a Igreja, como pude ouvir e ler nos últimos anos.

¹⁷⁶ Basta uma rápida procura nos buscadores da internete como *google*, *bing*, etc, ou redes sociais como o *facebook* para se confirmar este dado.

Recordo, agora, uma conversa que mantive com o Pe. Prior Dom Pedro Maria Anquez¹⁷⁷, ocart., que me contou que a ordem cartusiana perdera apenas um monge cartuxo após o Concílio Vaticano II (Pontes Filho, 2002). E isto, por que aquele monge que se retirou achou que a ordem iria ficar “frouxa”, mendigaria seus costumes e renegaria sua própria história. Também recordo a alegria dele ao me contar que depois de quase 900 anos havia surgido um segundo carisma-espiritualidade derivado da vida de S. Bruno, a Família Monástica de Belém, da Assunção da Virgem e de São Bruno¹⁷⁸.

Figura 71: Congregación de los misioneros del Espíritu Santo.



Fonte: <http://fmmissionarios.blogspot.com.br/>

Dado o pouco conhecimento que se tem, ainda hoje sobre os cartuxos, esclareço que, como pude registrar em minha pesquisa anterior, as práticas de mortificação corporal ordinárias, no sentido de cotidianas, e extra-ordinárias, experimentadas nos grandes tempos litúrgicos da Igreja, como por exemplo a Páscoa, fazem parte do modo de ser no mundo deles. Cito algumas:

- a) o uso do cilício, por parte dos irmãos sacerdotes,
- b) de toda a comida ser feita sem tempero,

¹⁷⁷ A Ordem dos Monges Cartuxos tem um mosteiro no município de Ivorá, RS. Maiores informações a respeito deles, que raríssimamente são encontradas nas livrarias católicas e sites católicos, podem ser obtidas diretamente no site que mantem: www.chartreux.org/pt/ tanto para o ramo masculino como o feminino da ordem.

¹⁷⁸ O site oficial da ordem, onde podemos encontrar todos os dados sobre sua história, carisma, espiritualidade, casas, é: <http://www.bethleem.org/>.

- c) o silêncio individual profundo ao longo do dia, interrompido apenas nas enunciações imprescindíveis do trabalho e pelas orações comunitárias do Ofício Divino e da santa missa, isto no dia-a-dia.
- d) os jejuns de vários dias e outras mortificações nos grandes períodos¹⁷⁹.

Figura 72: Irmãs discípulas do Senhor Jesus.



Fonte: <http://www.newmanconnection.com/news>

Figura 73: Dom Stevam Stork O. Cister e irmãos.



Fonte: <http://www.abadiaitaporanga.org.br/cisterciensesnobrasil.html>

¹⁷⁹ Hoje tais atitudes podem e devem gerar certo desconforto, posto que desconhecidas e/ou não mais praticadas por boa parte dos leigos, religiosos e ministros ordenados. Porém habituais no cristianismo desde o seu início até meados do séc. XX.

Creio que, na realidade, pouco se perguntou e se ouviu o que tinham a dizer aqueles que largaram pai, mãe, irmãos, amigos, trabalho, estudos, noitadas e prazeres que o mundo lhes oferece, e se puseram a viver no mundo, mas fora-do-mundo, tomando como projeto de vida individual realizarem-se unidos ao Outro¹⁸⁰ e servirem aos outros.

Como disse antes, há uma produção grande sobre a vida religiosa consagrada, porém o que percebi é que em maior número são obras acadêmicas (sejam as nacionais ou as estrangeiras) ou escritas com estilo acadêmico, e, portanto, com aquele distanciamento próprio aos trabalhos científicos – mesmo que sejam mais embasados em teorias mais abertas e aproximativas das pessoas estudadas.

Figura 74: Eremitas Carmelitas.



Fonte: <http://carmelotradicional.blogspot.com.br>

Creio poder dizer que são “falas sobre os outros”. Há também obras de cunho mais literário, todavia com um tom de apologia e de superioridade das pessoas descritas que parece estarmos diante de super-homens. Porém poucos trabalhos pude ver, nos quais havia uma preocupação da transmissão de uma experiência de vida, possível de ser compartilhada e querida ser compartilhada por quem a escreveu. Com certeza há várias delas, contudo nesta linha, de um religioso sendo autobiográfico e mesclando sua história com a história da congregação, com a história da Igreja, com a história de quaisquer pessoas, pouco vi.

¹⁸⁰ O único absolutamente Outro em relação ao homem, para quem é cristão, é Deus.

Figura 75: Frades Franciscanos da Renovação.

Fonte: <http://franciscanfriars.com/>

Mas isto, antes de ser um problema, vejo como sendo o modo, envesado ou não, com que a vida cristã se atualiza e segue no mundo. Os livros, como expus acima, mas também os eventos religiosos e acadêmicos, como os encontros entre religiosos, debates nas universidades, como a própria discussão feita por leigos e padres seculares, e pelos não católicos a respeito de porque, afinal, uma pessoa quer ser religiosa e o que isto representa para ela, para sua família etc, mostra que os religiosos não são “fósseis vivos”, pessoas de uma época distante, ou mesmo que já nada digam ao mundo contemporâneo.

Como o atual Papa Francisco escreveu, logo na abertura de sua Carta Apostólica as Pessoas Consagradas (2014):

São João Paulo II propusera à Igreja no início do terceiro milênio, retomando, de certa forma, aquilo que já havia indicado na Exortação pós-

sinodal Vita consecrata¹⁸¹: «Vós não tendes apenas uma história gloriosa para recordar e narrar, mas uma grande história a construir! Olhai para o futuro, para o qual vos projecta o Espírito a fim de realizar convosco ainda coisas maiores» (n. 110).

¹⁸¹João Paulo II (1996).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNAMO, Nicola. (1992). **Diccionario de filosofia**. México: Fondo de Cultura Economica.

ALMEIDA, Mauro W. B. (2003). Relativismo antropológico e objetividade etnográfica. **Campos**, 3:9-29, 2003. Curitiba: UFPR.

ALVES, EDVALDO C. (2007). **Ciências sociais e secularização**: um estudo sobre a trajetória de vida religiosa de profissionais formados em Ciências Sociais na Paraíba.. São Carlos: UFSCAR. Tese (doutorado). PPG Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos

ARANTES, Antônio A. (2000). **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus.

BAGGIO, Ir. Marileda, mscvb. (2012). Vida religiosa consagrada na Igreja, segundo o magistério. **Teocomunicação**, volume 42, número 1, janeiro/junho 2012. Porto Alegre: PUC-RS.

BARRAT, Denise; BARRAT, Robert. (1961). **Carlos de Foucauld e a fraternidade**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora.

BAUDRILLARD, Jean. (2004). **A transparência do mal. Ensaio sobre os fenômenos extremos**. Campinas: Papyrus.

BAUMAN, Zygmunt. (2003). **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar.

BECKER, Howard. (2008). **Outsiders** – estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

BITTENCOURT, D. Estevão, osb. (s/d). **Curso de história da Igreja por correspondência**. Rio de Janeiro: Escola Mater Ecclesiae/Mosteiro de São Bento.

BLAINEY, Geoffrey. (2012). **Uma breve história do cristianismo**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional.

BOMBONATTO, Ir. Vera Ivanise, fsp. (2011). **Reflexión teológica sobre las nuevas experiencias de vida religiosa apostólica**. Unione Internazionale Superiore Generali, Roma. In: www.vidimusdominum.org (acesso 11 de janeiro de 2012).

BONOWITZ, D. Bernardo, ocso. (2001a). **O futuro da vida monástica**. Campo do Tenente/PR: Mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo.

_____. (2001b). **Tornar-se monge na sociedade secular de hoje**. Campo do Tenente/PR: Mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo.

BORGHESI, Massimo. (1997). **Posmodernismo y cristianismo** – uma radical mutación antropológica? Madrid: Ediciones Encuentro.

BOWKER, John. (1997). **Para entender as religiões**. São Paulo: Ática.

BRASÓ, D. Gabriel, osb. (1983). **O humilde e nobre serviço do monge**. Rio de Janeiro: Lúmen Christi.

BUENO, Wilma de Lara. (2008). **Enamoradas do sagrado**: monjas beneditinas do Mosteiro do Encontro (1964-1999). Curitiba: PPG História/UFPR (tese de doutorado).

BUTLER, Dom Christopher, osb - The aggiornamento of Vatican II. In: **Vatican II - voice of the Church**. <http://vatican2voice.org/3butlerwrites/aggiorna.htm> - acesso: 17/11/2012.

CAILLÉ, Alain. (2002). **Antropologia do dom - o terceiro paradigma**. Petrópolis, RJ: Vozes.

CALDEIRA, Rodrigo C.. (2011). **Os baluartes da tradição**: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II. Curitiba: CRV.

CALIMAN, Pe. Cleto, sdb. (2012). **Perfectae Caritatis** – texto e comentário. São Paulo: Paulinas.

CAMURÇA, Marcelo; CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília (org.). (2009). **Novas comunidades católicas** - em busca do espaço pós-moderno. São Paulo: Idéias e Letras.

CARDEDAL, Pe. Olegário González de. (2007) O grande silêncio. um comentário. El País, 13-02-2007. <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/4736-o-grande-silencio-um-comentario-e-olegario-gonzalez-de-cardedal> Acesso: outubro de 2013.

CARVALHO, Ana Luiza da Rocha & ECKERT, Cornelia. (1998). **A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica**. Revista de Antropologia, vol.41, n.2. São Paulo: IFHC/USP.

CARVALHO, Olavo de. (2014). **Apoteose da vigarice – cartas de um terráqueo ao planeta Brasil volume 1**. São Paulo: Vide Editorial.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. (1993). Rio de Janeiro: Vozes/Paulinas/Loyola/Ave-Maria.

CATECISMO MAIOR DE SÃO PIO X. (2004). Rio de Janeiro: Editora Permanência.
CATECISMO ROMANO. (2003). Anápolis: Múltipla Gráfica.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO - CDC (1983). [notas e comentários Pe. Jesús S. Hortal, sj]. São Paulo: Edições Loyola.

COLLIER Jr., John. (1973). **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: EPU.

COMISSÃO NACIONAL DE LITURGIA - CNBB. (1982). **Oração do Tempo Presente**. São Paulo: Edições Paulinas.

CONFERENCIA EPISCOPAL ARGENTINA. (2001). Declaración pastoral del Episcopado Argentino - La Iglesia en el período postconciliar (mayo de 1966). **Revista Pastores**, AÑO 7- N° 20- Mayo de 2001. Rafaela (AR): *PASTORES, cuadernos para la formación sacerdotal permanente*.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. (2014) **Alegrai-vos!** Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.

CUCHE, Denys. (1999). **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Editora USC.

DAMATTA, Roberto A. (2012). Retornos & mudanças. **O Estado de São Paulo**, edição de 20 de junho de 2012. São Paulo: Grupo o Estado.

DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (et al.). (1997). **A religião**. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

DOMENACH, Jean-Marie. (1997). **Abordagem à modernidade**. Lisboa: Instituto Piaget.

DOUGLAS, Mary. (1991). **Pureza e perigo**. Lisboa: Edições 70.

_____. (1998). **Como as instituições pensam**. São Paulo: Edusp.

_____. (2010). **As lágrimas de Jacó - o trabalho sacerdotal de reconciliação**. São Paulo: Loyola.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron (2005) **O Mundo dos Bens**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

DRISCOLL, D. Jeremy, osb. (1996). A formação monástica de hoje em diálogo com a tradição. **Em Comunhão/Revista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Ano XXI**, out-dez/1996, n. 116. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi. (trimestral) (pp. 26- 42).

DUARTE, Luis Fernando D. (1983) Três ensaios sobre pessoa e modernidade. In: **Boletim do Museu Nacional (Nova Série) – Antropologia**, n. 41 (agosto de 1983). Rio de Janeiro: Museu Nacional, (pp. 01-69).

DUARTE, Luís F. e GIUMBELLI, E. A. (1995). "As concepções cristã e moderna da pessoa: paradoxos de uma continuidade". **Anuário Antropológico/93**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (pp. 77-111).

DUCH, D. Lluís, osb. (1984). **Religió y mundo moderno**. Madri: Publicacions de l'Abadia de Montserrat/PPC

DUMONT, Louis. (1985). **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco.

_____. (1992). **Homo hierarchicus** - o sistema das castas e suas implicações. São Paulo EDUSC.

DURKHEIM, Émile. (1996). **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes.

ELIADE, Mircea. (1995). **O sagrado e o profano** – a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes.

ELIAS, Nobert. (2000). **Os estabelecidos e os outsiders** - sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

EVANS-PRITCHARD, E. E. (1978) **Antropologia social das religiões**. Rio de Janeiro: Campus.

FABIAN, Johannes. (2006). **A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação**. Mana [online]. 2006, vol.12, n.2, pp. 503-520.

FARICY, Robert. (1986). **O fim da vida religiosa**. Rio de Janeiro: Edições Louva a Deus.

FAVRET-SAADA, Jeanne. (2005). “Ser afetado”. In: **Cadernos de Campo**, n. 13, pp. 155-162. São Paulo: FFLCH/USP.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. (1999). **Vinho novo em odres velhos? Uma análise da Vida Religiosa feminina na modernidade contemporânea**. Rio de Janeiro: UERJ (dissertação de mestrado)

_____. (2010). **Jovens religiosos e o catolicismo - escolhas, desafios e subjetividades**. Rio de Janeiro: Quartet Editora.

_____. (2011a). **Pesquisa sobre Vida Religiosa Feminina: novas interpretações frente à modernidade contemporânea**. <http://www.ceris.org.br/pesquisa-sobre-vida-religiosa-feminina.html> Acesso: 08/12/2011.

_____. (2011b). **Entre tensões e escolhas, um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa**. **Revista Sociedade e Estado** – volume 26, número 3, setembro/dezembro 2011. Brasília: Dep. Sociologia, 2011.

FIGLIORE, D. Carlo, sdb. (1984). **Liturgia para o povo de Deus** – breve manual. Rio de Janeiro: Lumen Christi.

FRANCISCO I. (2014). **Carta Apostólica Às Pessoas Consagradas**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.

FRANKL, Viktor. (1989). **Sentido da vida - psicoterapia e humanismo**. São Paulo: Santuário.

GADEA, Carlos Alfredo. (2007). **Paisagens da pós-modernidade**: cultura, política e sociabilidade na América Latina. Itajaí, EdUnivali.

GATEA, Rodolfo; GENTILE, Nélida; LUCERO, Susana. (2007). **Aspectos críticos das Ciências Sociais**. São Leopoldo: Editora da UNISINOS.

GEERTZ, Clifford. (1989). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC.

_____. (1998). **O saber local** - novos ensaios em Antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes.

_____. (2001). **Nova luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

_____. (2004). **Observando o Islã**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (orgs.). (1999). **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora da UNESP.

GOBRY, Ivan. (1959). **São Francisco de Assis e o espírito franciscano**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora.

GODBOUT, Jacques T. (2002). **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: FGV.

GODELIER, MAURICE. (2000). **O enigma da dádiva**. Lisboa, Portugal: Edições 70.

GODOY, Manoel. (2012). *Presbyterorum Ordinis* – texto e comentário. São Paulo: Paulinas.

GOFFMAN, Erwin. (1975). **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes.

_____. (1988). **Estigma** - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara.

_____. (2010). **Comportamento em lugares públicos** – notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Petrópolis: Vozes.

GOLDMAN, Marcio. (2006). “Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica”. Em: **Etnografia**, Vol. X (1), pp. 161-173. Lisboa: CEAS/ISCTE.

GORDON, Mathews. (2002) **Cultura global e identidade individual**. Bauru: EDUSC.

GORGULHO, Gilberto S.; STORNILO, Ivo,; ANDERSON, Ana F. (coord.). (1981). **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Edições Paulinas.

GUERREIRO, Silas. (1979). **O Movimento Hare Krishna no Brasil: A Comunidade de Nova Gokula**. São Paulo: PUC/SP. (Dissertação de Mestrado).

GUILLERMOU, Alain. (1973). **Santo Inácio De Loyola e a Companhia de Jesus**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora.

GUIMARÃES, Paulo C. Milani. (1985). **Posições e atitudes no cristianismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Presença.

GUTWIRTH, Jacques. (2001). A etnologia: ciência ou literatura? **Horizontes Antropológicos**. [online]. 2001, vol.7, n.16, pp. 223-239.

HITCHCOCK, Susan Tyler. (2005). **História das religiões: onde vive Deus e caminham os peregrinos**. São Paulo: Editora Abril.

IACCUZZI, Pe. Armando; RE, Pe. Idelso; SUPPO, Pe. Alcides Miguel (2001). Concilio Vaticano II: Acontecimiento y Documento. **Revista Pastores**, AÑO 7- N° 20- Mayo de 2001. Rafaela (AR): *PASTORES, cuadernos para la formación sacerdotal permanente*.

INSTITUTO LATINOAMERICANO DE MISIONOLOGIA & CONFERENCIA BOLIVIANA DE RELIGIOSAS Y RELIGIOSO – ILAMYS / CBRR. (2009). **La vida religiosa pasión o desencanto aproximaciones a la realidad** – vol. 1 e 2. Cochabamba, Bolivia: Instituto de Misionología / Itinerarios Editorial.

JOÃO PAULO II. (1996). **Vita Consecrata Exortação Apostólica Pós-Sinodal**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.

JUNKER, Buford H. (1971). **A importância do trabalho de campo**. Rio de Janeiro: Editora Lidor.

KEHL, Medard. (1997). **A Igreja** – uma eclesiologia católica. São Paulo: Edições Loyola.

LEÃO, Fábio de Souza. (2010). A formação litúrgica no Brasil a partir da Sacrossantum Concilium. São Paulo: PUCSP (dissertação de mestrado).

LEMIEUX, Vincent; OUIMET, Mathieu. (2012). **Análise estrutural das redes sociais**. Lisboa, PT: Instituto Piaget.

LIBANIO, Pe. João Batista, sj. (1983). **A Volta à Grande Disciplina**, São Paulo: Loyola.

_____. (2005). Impactos da realidade sociocultural e religiosa sobre a vida consagrada a partir da América Latina. Busca de respostas. **Perspectiva Teológica** 37 (2005) 55-88. Belo Horizonte: FAJE.

LOPES, José Rogério. (2010). **A imagética da devoção: a iconografia popular como mediação entre a consciência da realidade e o ethos religioso**. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

LOPES, Pe. Geraldo. (2012a). *Dei Verbum* - texto e comentário. São Paulo: Edições Paulinas.

_____. (2012b). *Gaudium et Spes* - texto e comentário. São Paulo: Edições Paulinas.

_____. (2012c). *Lumen Gentium* - texto e comentário. São Paulo: Edições Paulinas.

LUDUEÑA, Gustavo Andrés. (2009). Una expresión de radicalismo religioso en el catolicismo argentino. **Revista Ciencias Sociales** nº 22, Primer Semestre 2009 pp. 83-93. Santiago, Chile: Departamento de Ciencias Sociales, Universidad Arturo Prat. Iquique.

MAFFESOLI, Michel. (1995). **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
_____. (2006). **O tempo das tribos** - o declínio do individualismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. [online]. 2002, vol.17, n.49, pp. 11-29.

_____. (2003). A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo Social**. [online]. 2003, vol.15, n.1, pp. 81-95.

_____. (2009). Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**. [online]. 2009, vol.15, n.32, pp. 129-156.

MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de Lucca (org.). (1996). **Na Metrópole**. São Paulo, EDUSP.

MARÍAS, Julian. (2000). **A perspectiva cristã**. São Paulo: Martins Fontes.

MARKUS, Robert A.. (1997). **O fim do cristianismo antigo**. São Paulo: Paulus.

MARROU, Henri-Irénée. (1957). **Santo Agostinho e o agostianismo**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora.

MATTEI, Roberto de. (2013a). **O Concílio Vaticano II: uma história nunca escrita**. São Paulo: Ambientes & Costumes Editora.

_____. (2013b). **Apologia da Tradição**. São Paulo: Ambientes & Costumes Editora.

MAUSS, Marcel. (1974). **Sociologia e Antropologia**. 2 vol. São Paulo: EPU/EDUSP.

_____. (1979). **Marcel Mauss - antropologia**. São Paulo: Ática.

_____. (1993). **Manual de Etnografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

MELLO, Luiz Gonzaga. (2007). **Antropologia Cultural - iniciação, teoria e tema**. Petrópolis: Vozes.

MONDONI, Pe. Danilo, sj. (2000). **Teologia da espiritualidade cristã**. São Paulo: Edições Loyola.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. (1996). **Entre a cruz e a encruzilhada. Formação do campo umbandista em São Paulo**. São Paulo, EDUSP.

NESMY, Dom Claude Jean-, osb. (1962). **São Bento e a vida monástica**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora.

NORRIS, Kathleen. (1998). **O caminho do claustro**. Rio de Janeiro: Record: Nova Era.

NOVAES, Sylvia C.. (1993). **Jogos de espelho**. São Paulo: Edusp.

_____. (2008).. Imagem, magia e imaginação desafios ao texto antropológico. **MANA** [online]. 14(2): 455-475, 2008.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (1988). **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq.

_____. (1995). **O lugar (e em lugar) do método**. Série Antropológica, n. 190. Brasília: DAN/UNB.

_____. (1998). **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15.

_____. (2006). **Caminhos da identidade**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15.

ORDEN DE LOS HERMANOS MENORES CONVENTUALES. (2010). No nos ardía el corazón. **Asamblea General Fraternal OFMConv.**, 2010. Buenos Aires: Secretaria General OFMConv.

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. (2001) Copyright da tradução: Herrera Filho. Copyright da edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook: eBooksBrasil.com, agosto 2001.

PALÁCIO, Pe. Carlos, sj. (s/d). Começar de novo: por uma reconstrução da especificidade da VRA. In: Seminário da Conferência dos Religiosos do Brasil.

PAULO VI. (1972). Santa Missa pelo IX aniversário de pontificado, na solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo. 29 de junho de 1972.

http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1972/documents/hf_p-vi_hom_19720629_it.html.

PEREIRA, William Cesar Castilho. (2008). A porta de entrada da análise institucional na vida religiosa consagrada. **Revista Janus**, v. 5, n. 7, p. jan./jun., (2008) Lorena: Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – Fatea.

PONTE, ALEXANDRE Q. (2010). **Afetividade de idosos de vida religiosa consagrada e a moradia na casa de saúde**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará. PPG Psicologia, Fortaleza.

PONTES FILHO, Antônio P. (2002). **Para que em tudo Deus seja glorificado** – estudo sobre a renúncia cristã vivida por monges beneditinos e cartuxos. Florianópolis: PPGAS-UFSC (dissertação de mestrado).

_____. (2004). A construção monástica cristã do espaço sagrado. In PONTES FILHO, Antônio P. (org.) Dossiê Religião, **Revista Grifos**, Chapecó: Argos.

_____. (2006). Os filhos e “afilhados” de São Francisco de Assis. In **Tempo de Ciência** (v. 13, n. 26: 09-24, 2º. Semestre, 2006) Toledo: Ed. Toledo, 1994.

_____. (2008). Vida religiosa consagrada. In Sílvio A. Colognese (org.), **Transformações**, Porto Alegre: Escritos Editora.

QUEIROZ, José J.; GUEDES, Maria L.; QUINTILIANO, Angela M. L. (org.). (2012). **Religião, modernidade e pós-modernidade: interfaces, novos discursos e linguagens**. Aparecida, SP: Idéias & Letras.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica**. Rev. Antropol. [online]. 1998, vol.41, n.2, pp. 107-136.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS E INSTITUTOS SECULARES - SCRIS. (1984a). **Religiosos e promoção humana**. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco.
_____. (1984b). **Dimensão contemplativa da vida religiosa**. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco.

SAMAIN, Etienne (org.). (1998). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec.

SAMAIN, Etienne (org.). (2001). Quando a fotografia (já) fazia os antropólogos sonharem O jornal La Lumière (1851-1860). **REVISTA DE ANTROPOLOGIA** [online]. V. 44 nº 2. SÃO PAULO: USP.

SCHECHNER, Richard (1985). **Between theater and anthropology**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press.

_____. (1988). **Performance theory**. New York: Routledge.

_____. (2006). **Performance studies: an introduction**. New York: Routledge.

SILVA, Rubens Alves da. (2005). Entre artes e ciências a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 67-85, jul./dez. 2005. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS.

SILVA, Wagner Gonçalves da. (2005). **O antropólogo e sua magia. Trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras**. São Paulo, EDUSP.

SPADAFORA, Mons. Francesco. (2012). **A Tradição contra o Concílio**.
<http://www.capela.org.br/Crise/Vaticano2/spadafora.htm> - ACESSO: 19-05-12.

TEIXEIRA, FAUSTINO (2004). O Concílio Vaticano II e o diálogo inter-religioso. In: BOMBONATO, Vera **Concílio Vaticano II - análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas.
TERRIN, Aldo Natale. (2004). O rito – antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paulus.

TODOROV, Tzvetan. (2002). **Memória do mal, tentação do bem - indagações sobre o Século XX**. São Paulo: Arx.

TOMICHÁ, Roberto (ed.). (2009) **La Vida Religiosa ¿pasión o desencanto? Aproximaciones a la realidade (vol.1)** Cochabamba: Instituto de Misionología / Itinerarios Editorial.

TOMICHÁ, Roberto (ed.). (2009) **Volumen II. La Vida Religiosa ¿pasión o desencanto? Análisis y perspectivas (vol.2)**. Cochabamba (BO): Instituto de Misionología / Itinerarios Editorial.

TOURAINÉ, Alain. (2007) **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes.

TURNER, Stephen P. (1984). **La explicación sociológica como traducción**. México: Fondo de Cultura Económica.

TURNER, Victor - (1986). **The anthropology of performance**. New York: PAJ Publications.

TURNER, Victor W. (1974). **O processo ritual** - estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes.

USARSKI, Frank. (2009). **O budismo e as outras**. São Paulo: Ideias e Letras.

VALENTE, Gianni. (2011). As pretensões dos homens e a paciência de Deus - entrevista com o Arcebispo D. João Braz de Aviz.. **30Giorni**, n.4/5 – 2011, pp. 24-29. Roma: Editora 30Giorni (edição em português).

VIER, Frei Frederico (coord.), ofm. (2006). **Compendio do Vaticano II** – constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes.

VIGIL, Pe. JOSÉ MARIA, cmf. (2010). A crise da vida religiosa na Europa do século XXI, tema de reflexão para a vida religiosa latino-americana. **Ciberteologia** - Revista de Teologia & Cultura – ano VI, número 31, Setembro/Outubro 2010.
<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/category/edicao31/>

VON BALTHASAR, Hans Urs. (1994). **Estados de vida del cristiano**. Madrid: Encuentro Ediciones.

WEBER, Max. (1989). **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira.

_____. (2002). **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC.

_____. (2006). **Sociologia das religiões**. Lisboa: Relógio D'água.

WILGES, Irineu. (2003). **Cultura religiosa - as religiões no mundo**. Petrópolis: Vozes.

ANEXOS

ANEXO I

Alocução na qual anuncia o Sínodo Romano, o Concílio Ecumênico e a atualização do Código de Direito Canônico (25 de janeiro de 1959).

http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/speeches/1959/documents/hf_j-xxiii_spe_19590125_annuncio_it.html Acesso: outubro de 2014.

ALLOCUZIONE DEL SANTO PADRE GIOVANNI XXIII
CON LA QUALE ANNUNCIA
IL SINODO ROMANO,
IL CONCILIO ECUMENICO
E L'AGGIORNAMENTO DEL
CODICE DI DIRITTO CANONICO*

Sala capitolare del Monastero di San Paolo
Domenica, 25 gennaio 1959

Venerabili Fratelli e Diletti Figli Nostri,

Questa festiva ricorrenza della Conversione di San Paolo, radunandoci qui intorno alla tomba dell'Apostolo, presso la sua Basilica insigne, Ci ha suggerito di aprire l'animo Nostro confidente alla vostra bontà e comprensione circa alcuni punti più luminosi di attività apostolica, che questi tre primi mesi di presenza e di contatto con l'ambiente ecclesiastico Romano Ci hanno suggerito.

Ci sta innanzi la sola prospettiva del bonum animarum e di una corrispondenza ben netta e definita del nuovo Pontificato con le spirituali esigenze dell'ora presente.

Sappiamo che da molte parti amiche e fervorose, e da altre malevole, o incerte, si guarda al nuovo Papa in attesa di ciò che di più caratteristico si è in diritto di attendere da Lui.

È ben naturale che sul tessuto della quotidiana attività, che accoglie le più accresciute e le ordinarie manifestazioni del compito pastorale, venga fissato qualche punto più distinto, quasi a segnare la nota, se non la principale e la sola, però una delle più espressive della fisionomia di un Pontificato, che sta prendendo il suo posto più o meno felicemente nella storia.

Ebbene, Venerabili Fratelli e Diletti Figli Nostri, ripensando al duplice compito affidato ad un Successore di San Pietro, apparisce subito la duplice sua responsabilità di Vescovo di Roma e di Pastore della Chiesa universale. Due espressioni di una sola investitura sovrumana: due

attribuzioni che non si possono scindere, che si debbono anzi comporre tra loro, ad incoraggiamento e ad edificazione del clero e di tutto il popolo cristiano.

Ecco innanzitutto Roma: nel corso di quaranta anni completamente trasformata in tutt'altra città da quando la conoscemmo nella Nostra giovinezza. Qua e là ancora si scorgono le sue linee architettoniche fondamentali più vetuste, che talora costa qualche pena il rintracciare, soprattutto alla periferia avviluppata ormai in un agglomerato di case, di case, di case, di famiglie, di famiglie, qui convenute da ogni parte del continente Italico, dalle isole circostanti, e si può dire da tutta la terra. Un vero alveare umano da cui si svolge un brusìo ininterrotto di voci confuse, in cerca di accordi, che facilmente si intrecciano e si disfanno, rendendo faticoso e lento lo sforzo di unificazione di spiriti e di energie costruttive per un ordine corrispondente alle esigenze della vita religiosa, civica e sociale dell' Urbe.

Il Signor Cardinale Vicario Ci ha messo con grande diligenza al corrente della situazione spirituale di Roma dal punto di vista della pratica religiosa, dell'assestamento delle varie istituzioni di carattere parrocchiale, di culto, di assistenza, di istruzione cristiana: e Ci piace cogliere questa occasione per rendere omaggio alla realtà di uno sforzo commendevole, suo e dei suoi collaboratori, alacre ed incessante di vigilanza e di apostolato, esercitato dal vertice alla periferia da parte del clero secolare e regolare, fino ai collaboratori delle Associazioni cattoliche, con intenzioni rette e chiare di ciascuno, con operosità costante e sincera.

Accade per altro di dover constatare che l'episodio evangelico delle turbe chiamate a seguire il Signore e ad accostarsi a Lui, ma incapaci ed impotenti a trovarsi il cibo nutriente della grazia, si rinnova e tocca il cuore ansioso del pastore. Pochi pani: pochi pesci: « quid sunt inter tantos? ». Con questo accenno è detto tutto: quanto ad un incremento di energie, di coordinazione di sforzi individuali e collettivi atti a produrre, con l'aiuto del Signore, una coltivazione spirituale intensa, per una produzione più copiosa e felice di frutti benefici e santi nel senso dell'« adveniat regnum tuum », in un fervore di vita parrocchiale e diocesana più feconda.

Che se il Vescovo di Roma allarga lo sguardo Suo sul inondo tutto intero del cui governo spirituale è fatto responsabile per la divina missione affidataGli della successione del supremo apostolato, oh! lo spettacolo: lieto da una parte dove la grazia di Cristo continua a moltiplicare frutti e portenti di spirituale elevazione, di salute e di santità in tutto il mondo: e triste dall'altra innanzi all'abuso e al compromesso della libertà dell'uomo, che non conoscendo i cieli aperti, e rifiutandosi alla fede in Cristo Figlio di Dio, redentore del mondo e fondatore della Santa Chiesa, si volge tutto alla ricerca dei cosiddetti beni della terra, sotto la ispirazione di colui che il Vangelo chiama principe delle tenebre, principe di questo mondo — come lo

qualificò Gesù stesso nell'ultimo suo discorso dopo la Cena — organizza la contraddizione e la lotta contro la verità e contro il bene, la posizione nefasta che accentua la divisione fra quelle che il genio di Sant'Agostino chiama le due città, mantenendo sempre attivo lo sforzo della confusione per ingannare, se possibile, anche gli eletti, per trarli a rovina.

A colmo di sventura per la schiera dei figli di Dio e della Santa Chiesa si aggiunge la tentazione e l'attraimento verso i vantaggi di ordine materiale che il progresso della tecnica moderna per sé indifferente — ingrandisce ed esalta.

Tutto ciò — diciamo, questo progresso — mentre distrae dalla ricerca dei beni superiori, infiacchisce le energie dello spirito, conduce al rilassamento della compagine della disciplina e del buon ordine antico, con grave pregiudizio di ciò che costituì la forza di resistenza della Chiesa e dei suoi figli agli errori, i quali in realtà sempre nel corso della storia del cristianesimo, portarono a divisioni fatali e funeste, a decadimento spirituale e morale, a rovina di nazioni.

Questa constatazione desta nel cuore dell'umile sacerdote, che la indicazione manifesta della Divina Provvidenza condusse, benché indegnissimo, a questa altezza del Sommo Pontificato, desta — diciamo — una risoluzione decisa per il richiamo di alcune forme antiche di affermazione dottrinale e di saggi ordinamenti di ecclesiastica disciplina, che nella storia della Chiesa. in epoca di rinnovamento, diedero frutti di straordinaria efficacia, per la chiarezza del pensiero, per la compattezza della unità religiosa, per la fiamma più viva del fervore cristiano che noi continuiamo a riconoscere, anche in riferimento al benessere della vita di quaggiù, ricchezza abbondante « de rore coeli et de pinguedine terrae » (Gen. XXVII, 28).

Venerabili Fratelli e Diletti Figli Nostri! Pronunciamo innanzi a voi, certo tremando un poco di commozione, ma insieme con umile risolutezza di proposito, il nome e la proposta della duplice celebrazione: di un Sinodo Diocesano per l'Urbe, e di un Concilio Ecumenico per la Chiesa universale.

Per voi, Venerabili Fratelli e Diletti Figli Nostri, non occorrono illustrazioni copiose circa la significazione storica e giuridica di queste due proposte. Esse condurranno felicemente all'auspicato e atteso aggiornamento del Codice di Diritto Canonico, che dovrebbe accompagnare e coronare questi due saggi di pratica applicazione dei provvedimenti di ecclesiastica disciplina, che lo Spirito del Signore Ci verrà suggerendo lungo la via. La prossima promulgazione del Codice di Diritto Orientale ci dà il preannuncio di questi avvenimenti.

Per la giornata odierna basta questa comunicazione fatta a tutto insieme il Sacro Collegio qui radunato, riservandoCi di trasmetterla agli altri Signori Cardinali tornati alle varie sedi episcopali loro affidate, sparse nel mondo intero.

Gradiremo da parte di ciascuno dei presenti e dei lontani una parola intima e confidente che Ci assicuri circa le disposizioni dei singoli e Ci offra amabilmente tutti quei suggerimenti circa la attuazione di questo triplice disegno.

La conoscenza che Ci era già abbastanza familiare, e che questi tre mesi dalla Nostra introduzione al servizio « *servorum Dei* » ha confermata ed amplificata, Ci incoraggia a confidare nella grazia celeste: innanzitutto nella intercessione della Immacolata Madre di Gesù e Madre nostra, nella protezione ilei Santi Pietro e Paolo « *Apostolorum Principum* »; nonché dei Santi Giovanni Battista ed Evangelista, Nostri particolari patroni, e di tutti i Santi della Curia celeste. Da tutti imploriamo un buon inizio, continuazione, e felice successo di questi propositi di forte lavoro, a lume, ad edificazione ed a letizia di tutto il popolo cristiano, a rinnovato invito ai fedeli delle Comunità separate a seguirci anch'esse amabilmente in questa ricerca di unità e di grazia, a cui tante anime anelano da tutti i punti della terra.

Venerabili Fratelli e Diletti Figli Nostri! Come Ci tornano soavi ed incoraggianti le parole di San Leone Magno, che la Sacra Liturgia ci invita ora più sovente a recitare. Oggi stesso vibra più vivo il saluto di San Paolo, il convertito di Damasco, che qui ci ha accolti presso le sue più sacre memorie: « *Corona mea ... et gaudium vos estis, si fides vestra, quae ab initio Evangelii in universo mundo praedicata est, in dilectione et sanctitate permanserit* » (S. Leo M., Sermo 2).

Oh! che saluto è questo: tutto degno della nostra famiglia spirituale. *Dilectio et sanctitas*: un saluto ed un augurio. *Benedictio Dei omnipotentis Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen.*

* AAS. vol. LI, 1959, pp. 65-69.

ANEXO II

Pp. Paulo VI: 29 de junho de 1972: Santa Missa pelo IX aniversário de pontificado, na solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo.

Quando o Pp. Paulo VI fala da percepção de que a fumaça de Satanás entrou no templo do Senhor.

http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1972/documents/hf_p-vi_hom_19720629_it.html Acesso: outubro de 2014.

IX ANNIVERSARIO DELL'INCORONAZIONE DI SUA SANTITÀ

OMELIA DI PAOLO VI

Solennità dei Santi Apostoli Pietro e Paolo

Giovedì, 29 giugno 1972

Al tramonto di giovedì 29 giugno, solennità dei Ss. Pietro e Paolo, alla presenza di una considerevole moltitudine di fedeli provenienti da ogni parte del mondo, il Santo Padre celebra la Messa e l'inizio del suo decimo anno di Pontificato, quale successore di San Pietro. Con il Decano del Sacro Collegio, Signor Cardinale Amleto Giovanni Cicognani e il Sottodecano Signor Cardinale Luigi Traglia sono trenta Porporati, della Curia, e alcuni Pastori di diocesi, oggi presenti a Roma.

Due Signori Cardinali per ciascun Ordine, accompagnano processionalmente il Santo Padre all'altare.

Al completo il Corpo Diplomatico accreditato presso la Santa Sede, con il Sostituto della Segreteria di Stato, arcivescovo Giovanni Benelli, ed il Segretario del Consiglio per gli Affari Pubblici della Chiesa, arcivescovo Agostino Casaroli.

Diamo un resoconto della Omelia di Sua Santità.

Il Santo Padre esordisce affermando di dovere un vivissimo ringraziamento a quanti, Fratelli e Figli, sono presenti nella Basilica ed a quanti, lontani, ma ad essi spiritualmente associati, assistono al sacro rito, il quale, all'intenzione celebrativa dell'Apostolo Pietro, cui è dedicata la Basilica Vaticana, privilegiata custode della sua tomba e delle sue reliquie, e dell'Apostolo Paolo, sempre a lui unito nel disegno e nel culto apostolico, unisce un'altra intenzione, quella di ricordare l'anniversario della sua elezione alla successione nel ministero pastorale del

pescatore Simone, figlio di Giona, da Cristo denominato Pietro, e perciò nella funzione di Vescovo di Roma, di Pontefice della Chiesa universale e di visibile e umilissimo Vicario in terra di Cristo Signore. Il ringraziamento vivissimo è per quanto la presenza di tanti fedeli gli dimostra di amore a Cristo stesso nel segno della sua povera persona, e lo assicura perciò della loro fedeltà e indulgenza verso di lui, non che del loro proposito per lui consolante di aiutarlo con la loro preghiera.

LA CHIESA DI GESÙ, LA CHIESA DI PIETRO

Paolo VI prosegue dicendo di non voler parlare, nel suo breve discorso, di lui, San Pietro, ché troppo lungo sarebbe e forse superfluo per chi già ne conosce la mirabile storia; né di se stesso, di cui già troppo parlano la stampa e la radio, alle quali per altro esprime la sua debita riconoscenza. Volendo piuttosto parlare della Chiesa, che in quel momento e da quella sede sembra apparire davanti ai suoi occhi come distesa nel suo vastissimo e complicatissimo panorama, si limita a ripetere una parola dello stesso Apostolo Pietro, come detta da lui alla immensa comunità cattolica; da lui, nella sua prima lettera, raccolta nel canone degli scritti del Nuovo Testamento. Questo bellissimo messaggio, rivolto da Roma ai primi cristiani dell'Asia minore, d'origine in parte giudaica, in parte pagana, quasi a dimostrare fin d'allora l'universalità del ministero apostolico di Pietro, ha carattere parenetico, cioè esortativo, ma non manca d'insegnamenti dottrinali, e la parola che il Papa cita è appunto tale, tanto che il recente Concilio ne ha fatto tesoro per uno dei suoi caratteristici insegnamenti. Paolo VI invita ad ascoltarla come pronunciata da San Pietro stesso per coloro ai quali in quel momento egli la rivolge.

Dopo aver ricordato il brano dell'Esodo nel quale si racconta come Dio, parlando a Mosè prima di consegnargli la Legge, disse: «Io farò di questo popolo, un popolo sacerdotale e regale», Paolo VI dichiara che San Pietro ha ripreso questa parola così esaltante, così grande e l'ha applicata al nuovo popolo di Dio, erede e continuatore dell'Israele della Bibbia per formare un nuovo Israele, l'Israele di Cristo. Dice San Pietro: Sarà il popolo sacerdotale e regale che glorificherà il Dio della misericordia, il Dio della salvezza.

Questa parola, fa osservare il Santo Padre, è stata da taluni fraintesa, come se il sacerdozio fosse un ordine solo, e cioè fosse comunicato a quanti sono inseriti nel Corpo Mistico di Cristo, a quanti sono cristiani. Ciò è vero per quanto riguarda quello che viene indicato come sacerdozio comune, ma il Concilio ci dice, e la Tradizione ce l'aveva già insegnato, che esiste un altro grado del sacerdozio, il sacerdozio ministeriale che ha delle facoltà, delle prerogative particolari ed esclusive.

Ma quello che interessa tutti è il sacerdozio regale e il Papa si sofferma sul significato di questa espressione. Sacerdozio vuol dire capacità di rendere il culto a Dio, di comunicare con Lui, di offrirgli degnamente qualcosa in suo onore, di colloquiare con lui, di cercarlo sempre in una profondità nuova, in una scoperta nuova, in un amore nuovo. Questo slancio dell'umanità verso Dio, che non è mai abbastanza raggiunto, né abbastanza conosciuto, è il sacerdozio di chi è inserito nell'unico Sacerdote, che è Cristo, dopo l'inaugurazione del Nuovo Testamento. Chi è cristiano è per ciò stesso dotato di questa qualità, di questa prerogativa di poter parlare al Signore in termini veri, come da figlio a padre.

IL NECESSARIO COLLOQUIO CON DIO

«Audemus dicere»: possiamo davvero celebrare, davanti al Signore, un rito, una liturgia della preghiera comune, una santificazione della vita anche profana che distingue il cristiano da chi cristiano non è. Questo popolo è distinto, anche se confuso in mezzo alla marea grande dell'umanità. Ha una sua distinzione, una sua caratteristica inconfondibile. San Paolo si disse «segregatus», distaccato, distinto dal resto dell'umanità appunto perché investito di prerogative e di funzioni che non hanno quanti non possiedono l'estrema fortuna e l'eccellenza di essere membra di Cristo.

Paolo VI aggiunge, quindi, che i fedeli, i quali sono chiamati alla figliolanza di Dio, alla partecipazione del Corpo Mistico di Cristo, e sono animati dallo Spirito Santo, e fatti tempio della presenza di Dio, devono esercitare questo dialogo, questo colloquio, questa conversazione con Dio nella religione, nel culto liturgico, nel culto privato, e ad estendere il senso della sacralità anche alle azioni profane. «Sia che mangiate, sia che beviate - dice San Paolo - fatelo per la gloria di Dio». E lo dice più volte, nelle sue lettere, come per rivendicare al cristiano la capacità di infondere qualcosa di nuovo, di illuminare, di sacralizzare anche le cose temporali, esterne, passeggiere, profane.

Siamo invitati a dare al popolo cristiano, che si chiama Chiesa, un senso veramente sacro. E sentiamo di dover contenere l'onda di profanità, di desacralizzazione, di secolarizzazione che monta e vuol confondere e soverchiare il senso religioso nel segreto del cuore, nella vita privata o anche nelle affermazioni della vita esteriore. Si tende oggi ad affermare che non c'è bisogno di distinguere un uomo da un altro, che non c'è nulla che possa operare questa distinzione. Anzi, si tende a restituire all'uomo la sua autenticità, il suo essere come tutti gli altri. Ma la Chiesa, e oggi San Pietro, richiamando il popolo cristiano alla coscienza di sé, gli dicono che è il popolo eletto, distinto, «acquistato» da Cristo, un popolo che deve esercitare un particolare rapporto con Dio, un sacerdozio con Dio. Questa sacralizzazione della vita non

deve oggi essere cancellata, espulsa dal costume e dalla realtà quotidiana quasi che non debba più figurare.

SACRALITÀ DEL POPOLO CRISTIANO

Abbiamo perduto, fa notare Paolo VI, l'abito religioso, e tante altre manifestazioni esteriori della vita religiosa. Su questo c'è tanto da discutere e tanto da concedere, ma bisogna mantenere il concetto, e con il concetto anche qualche segno, della sacralità del popolo cristiano, di coloro cioè che sono inseriti in Cristo, Sommo ed Eterno Sacerdote.

Oggi talune correnti sociologiche tendono a studiare l'umanità prescindendo da questo contatto con Dio. La sociologia di San Pietro, invece, la sociologia della Chiesa, per studiare gli uomini mette in evidenza proprio questo aspetto sacrale, di conversazione con l'ineffabile, con Dio, col mondo divino. Bisogna affermarlo nello studio di tutte le differenziazioni umane. Per quanto eterogeneo si presenti il genere umano, non dobbiamo dimenticare questa unità fondamentale che il Signore ci conferisce quando ci dà la grazia: siamo tutti fratelli nello stesso Cristo. Non c'è più né giudeo, né greco, né scita, né barbaro, né uomo, né donna. Tutti siamo una sola cosa in Cristo. Siamo tutti santificati, abbiamo tutti la partecipazione a questo grado di elevazione soprannaturale che Cristo ci ha conferito. San Pietro ce lo ricorda: è la sociologia della Chiesa che non dobbiamo obliterare né dimenticare.

SOLLECITUDINI ED AFFETTO PER I DEBOLI E I DISORIENTATI

Paolo VI si chiede, poi, se la Chiesa di oggi si può confrontare con tranquillità con le parole che Pietro ha lasciato in eredità, offrendole in meditazione. «Ripensiamo in questo momento con immensa carità - così il Santo Padre - a tutti i nostri fratelli che ci lasciano, a tanti che sono fuggiaschi e dimentichi, a tanti che forse non sono mai arrivati nemmeno ad aver coscienza della vocazione cristiana, quantunque abbiano ricevuto il Battesimo. Come vorremmo davvero distendere le mani verso di essi, e dir loro che il cuore è sempre aperto, che la porta è facile, e come vorremmo renderli partecipi della grande, ineffabile fortuna della felicità nostra, quella di essere in comunicazione con Dio, che non ci toglie nulla della visione temporale e del realismo positivo del mondo esteriore!

Forse questo nostro essere in comunicazione con Dio, ci obbliga a rinunce, a sacrifici, ma mentre ci priva di qualcosa moltiplica i suoi doni. Sì, impone rinunce ma ci fa sovrabbondare di altre ricchezze. Non siamo poveri, siamo ricchi, perché abbiamo la ricchezza del Signore. «Ebbene - aggiunge il Papa - vorremmo dire a questi fratelli, di cui sentiamo quasi lo strappo nelle viscere della nostra anima sacerdotale, quanto ci sono presenti, quanto ora e sempre e più li amiamo e quanto preghiamo per loro e quanto cerchiamo con questo sforzo che li

insegue, li circonda, di supplire all'interruzione che essi stessi frappongono alla nostra comunione con Cristo».

Riferendosi alla situazione della Chiesa di oggi, il Santo Padre afferma di avere la sensazione che «da qualche fessura sia entrato il fumo di Satana nel tempio di Dio». C'è il dubbio, l'incertezza, la problematica, l'inquietudine, l'insoddisfazione, il confronto. Non ci si fida più della Chiesa; ci si fida del primo profeta profano che viene a parlarci da qualche giornale o da qualche moto sociale per rincorrerlo e chiedere a lui se ha la formula della vera vita. E non avvertiamo di esserne invece già noi padroni e maestri. È entrato il dubbio nelle nostre coscienze, ed è entrato per finestre che invece dovevano essere aperte alla luce.[grifos nossos] Dalla scienza, che è fatta per darci delle verità che non distaccano da Dio ma ce lo fanno cercare ancora di più e celebrare con maggiore intensità, è venuta invece la critica, è venuto il dubbio. Gli scienziati sono coloro che più pensosamente e più dolorosamente curvano la fronte. E finiscono per insegnare: «Non so, non sappiamo, non possiamo sapere». La scuola diventa palestra di confusione e di contraddizioni talvolta assurde. Si celebra il progresso per poterlo poi demolire con le rivoluzioni più strane e più radicali, per negare tutto ciò che si è conquistato, per ritornare primitivi dopo aver tanto esaltato i progressi del mondo moderno.

Anche nella Chiesa regna questo stato di incertezza. Si credeva che dopo il Concilio sarebbe venuta una giornata di sole per la storia della Chiesa. È venuta invece una giornata di nuvole, di tempesta, di buio, di ricerca, di incertezza. Predichiamo l'ecumenismo e ci distacciamo sempre di più dagli altri. Cerchiamo di scavare abissi invece di colmarli.

PER UN «CREDO» VIVIFICANTE E REDENTORE

Come è avvenuto questo? Il Papa confida ai presenti un suo pensiero: che ci sia stato l'intervento di un potere avverso. Il suo nome è il diavolo, questo misterioso essere cui si fa allusione anche nella Lettera di S. Pietro. Tante volte, d'altra parte, nel Vangelo, sulle labbra stesse di Cristo, ritorna la menzione di questo nemico degli uomini. «Crediamo - osserva il Santo Padre - in qualcosa di preternaturale venuto nel mondo proprio per turbare, per soffocare i frutti del Concilio Ecumenico, e per impedire che la Chiesa prorompesse nell'inno della gioia di aver riavuto in pienezza la coscienza di sé. Appunto per questo vorremmo essere capaci, più che mai in questo momento, di esercitare la funzione assegnata da Dio a Pietro, di confermare nella Fede i fratelli. Noi vorremmo comunicarvi questo carisma della certezza che il Signore dà a colui che lo rappresenta anche indegnamente su questa terra». La fede ci dà la certezza, la sicurezza, quando è basata sulla Parola di Dio accettata e trovata consenziente con la nostra stessa ragione e con il nostro stesso animo umano. Chi crede con semplicità, con

umiltà, sente di essere sulla buona strada, di avere una testimonianza interiore che lo conforta nella difficile conquista della verità.

Il Signore, conclude il Papa, si mostra Egli stesso luce e verità a chi lo accetta nella sua Parola, e la sua Parola diventa non più ostacolo alla verità e al cammino verso l'essere, bensì un gradino su cui possiamo salire ed essere davvero conquistatori del Signore che si mostra attraverso la via della fede, questo anticipo e garanzia della visione definitiva.

Nel sottolineare un altro aspetto dell'umanità contemporanea, Paolo VI ricorda l'esistenza di una gran quantità di anime umili, semplici, pure, rette, forti, che seguono l'invito di San Pietro ad essere «fortes in fide». E vorremmo - così Egli - che questa forza della fede, questa sicurezza, questa pace trionfasse su tutti gli ostacoli. Il Papa invita infine i fedeli ad un atto di fede umile e sincero, ad uno sforzo psicologico per trovare nel loro intimo lo slancio verso un atto cosciente di adesione: «Signore, credo nella Tua parola, credo nella Tua rivelazione, credo in chi mi hai dato come testimone e garante di questa Tua rivelazione per sentire e provare, con la forza della fede, l'anticipo della beatitudine della vita che con la fede ci è promessa».

ANEXO III

Abaixo as cartas de S. Em^a. D. Colombo, bispo de Bragança Paulista, e do Rev. Pe. Frei Thiago de S. José, e Carm, a respeito da saída dos freis e freiras da ordem dos carmelitas daquela diocese.

Ambas as cartas as retirei do site Fraters in Unum - <http://fratresinunum.com/2012/11/23/carta-de-frei-tiago-de-sao-jose-sobre-expulsao-da-diocese-de-braganca-paulista/> Acesso: novembro de 2012.



DOM SÉRGIO APARECIDO COLOMBO
BISPO DE BRAGANÇA PAULISTA – SP

Bragança Paulista, 20 de novembro de 2012.

COMUNICADO AO POVO DE DEUS
DA DIOCESE DE BRAGANÇA PAULISTA – SP

Referente ao Padre Christian Augusto Spinola Montandon, conhecido
como Frei Tiago de São José

O Bispo Diocesano desde a sua posse canônica na Diocese de Bragança Paulista em 06/12/2009, tem acompanhado com solicitude pastoral e sincero interesse o trabalho e a obra do referido sacerdote, preocupando-se sobretudo com a regularização canônica da referida obra para que a mesma esteja plenamente conforme as leis da Igreja Católica.

Foi longo o processo de tentativas e encontros a fim de superar as situações irregulares e organizar segundo o Direito Canônico a referida obra, acompanhado pelo assessor canônico da Diocese.

Foram constatadas várias situações que eram objetivamente contrárias às leis canônicas.

Foi solicitado em vários encontros realizados com o referido presbítero, que o mesmo colaborasse no sentido de se adequar a essas leis da Igreja.

O referido presbítero demonstrou resistência em aceitar as orientações dadas, desobedecendo até a ordens que lhe foram explicitamente comunicadas pelo Bispo Diocesano na presença do assessor canônico.

Diante da difícil situação criada o Bispo levou o caso à Santa Sé para que a mesma decidisse.

A “Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica”, órgão da Cúria Romana que é competente para tratar a matéria, pronunciou-se, expedindo orientações precisas.

O Sr. Bispo Diocesano, após consultar o Conselho de Presbíteros e o “parecer” do assessor canônico que acompanhou todo o processo até o presente, e tendo recebido as orientações da Santa Sé sobre o assunto, após longa deliberação, decidiu e por sua autoridade decreta a rescisão do Comodato feito entre a Diocese de Bragança Paulista e o Padre Christian Augusto Spinola Montandon, notificando-o segundo a norma 06 (seis) meses antes.

É importante lembrar que todas as doações feitas pelos fiéis para as obras de apostolado numa Igreja Diocesana, são feitas não para quem as recebe mas para a Igreja Diocesana que é responsável por todas as obras de apostolado.

Rua Cel. Assis Gonçalves, 521 – Centro – 12900-480 – Bragança Paulista – SP
Cx. Postal 42 – 12914-970 – (11) 4033-0858
domsergio@uol.com.br



DOM SÉRGIO APARECIDO COLOMBO

BISPO DE BRAGANÇA PAULISTA – SP

Nenhum sacerdote católico pode reivindicar qualquer remuneração ou compensação financeira por doações feitas e recebidas para as obras de apostolado católico que foram empregadas para esta finalidade.

É importante lembrar a norma do cân. 1625 § 1: “Salvo o direito dos religiosos mendicantes, é proibido a qualquer pessoa privada, física ou jurídica, recolher ofertas para qualquer Instituto ou fins pios ou eclesiásticos, sem a licença escrita do próprio Ordinário e do Ordinário local.”

Lembramos também que o Revdo. Padre Christian Augusto Spinola Montandon foi ordenado e incardinado (pertença jurídica) à Arquidiocese de Aparecida – SP, pelo então Cardeal Aloísio Lorscheider em 29 de outubro de 2001 e foi acolhido fraternalmente na Diocese de Bragança Paulista para realizar uma experiência eremítica, não para fundar um Instituto ou realizar trabalhos pastorais.

Em reunião do Conselho de Presbíteros da Diocese, foi unânime o voto dos membros do mesmo, de que o Padre Christian Augusto Spinola Montandon não deve mais exercer o seu ministério nessa Diocese.

O presente Comunicado tem como finalidade esclarecer o povo de Deus da Diocese de Bragança Paulista – SP sobre os fatos referentes ao Revdo. Padre Christian Augusto Spinola Montandon e evitar possíveis “juízos errados” ou “mal-entendidos” sobre esta questão que já foi decidida e definida pela Autoridade Eclesiástica competente.

O clérigo em questão possui grandes qualidades, mas sua atitude de desobediência inviabiliza a sua permanência nesta Diocese.

Servo em Cristo,

Dom Sérgio Aparecido Colombo
Bispo Diocesano
“Como aquele que serve”



Monsenhor José Correa
Chanceler do Bispado

Rua Cel. Assis Gonçalves, 521 – Centro – 12900-480 – Bragança Paulista – SP
Cx. Postal 42 – 12914-970 – (11) 4033-0858
domsergio@uol.com.br

CARTA AOS NOSSOS AMIGOS E COLABORADORES

Queridos irmãos e irmãs, amigos e colaboradores do Mosteiro Santo Elias.

A paz esteja convosco!

Como todos já foram informados, no início de Outubro deste ano de 2012, o Bispo desta Diocese de Bragança Paulista, Dom Sérgio Colombo, me convocou para uma audiência, na qual fui informado de que deveríamos procurar outra Diocese para continuar o nosso trabalho. De fato, como somos uma fundação nova, dependemos da aprovação do Bispo para existir na Igreja. Iniciamos esta fundação no início de 2002 juntamente com o Frei Marco Aurélio, que atualmente é Sacerdote secular da Diocese de São Carlos. Fizemos as obras para implantação deste nosso Mosteiro nestes 11 anos, com a ajuda de muitas pessoas que aqui vieram encontrando um ambiente de paz e oração. Nossa proposta é de resgatar o estilo de vida dos primeiros Carmelitas que eram eremitas, ou seja, viviam longe das cidades, na solidão, numa disciplina austera que intercala o trabalho manual e a oração, buscando a presença de Deus. Por isso, a nossa comunidade recebeu o nome de "Carmelitas Eremitas". Tivemos sempre o apoio de nossos Bispos Dom Bruno Gamberini e, depois, de Dom José Maria Pinheiro. Em 2007, o Papa Bento XVI publicou o documento que autoriza a celebração das missas no Rito Romano antigo em latim. Passamos a celebrar assim a partir de 2009, por acharmos que este rito corresponde melhor à nossa índole de voltar às raízes da espiritualidade monástica. Construímos também a clausura reservada para as irmãs que iniciaram a sua fundação em 2009. Nosso trabalho tem sido reconhecido por muitos de nossa região que vêm participar das celebrações e percebem a seriedade e a dedicação com que temos servido a Igreja. Hoje, graças a Deus, temos tido um número considerável de vocações, entre irmãos e irmãs que desejam viver este carisma contemplativo. Temos também mais de trinta membros da nossa Confraria dos leigos.

Diante desta notícia de termos que deixar este lugar, muitos lamentaram e até se indignaram. É compreensível que um Bispo não pense como nós e que tenha um projeto pastoral diferente para esta Capela que pertence à Diocese. Entretanto, não podemos deixar de manifestar a nossa tristeza e perplexidade diante deste fato. Afinal, não tivemos outra ocupação que não fosse rezar, trabalhar e ajudar as pessoas, e recebemos, como recompensa, uma sentença de expulsão. Não podemos entender, mas devemos aceitar... "Em tudo dai graças, pois esta é a vontade de Deus a vosso respeito!" (I Tes. 5,18)

Gostaria de agradecer, do fundo do meu coração, o apoio de todos os nossos amigos e colaboradores que nestas horas de dificuldade permaneceram ao nosso lado e daqueles que rezam e torcem pelo nosso Carmelo! Guardaremos, com carinho, a lembrança de todos, prometendo as nossas orações...

Que Nossa Senhora do Carmo vos abençoe e vos proteja sempre!

Salve Maria!

+ Frei Tiago de S. José